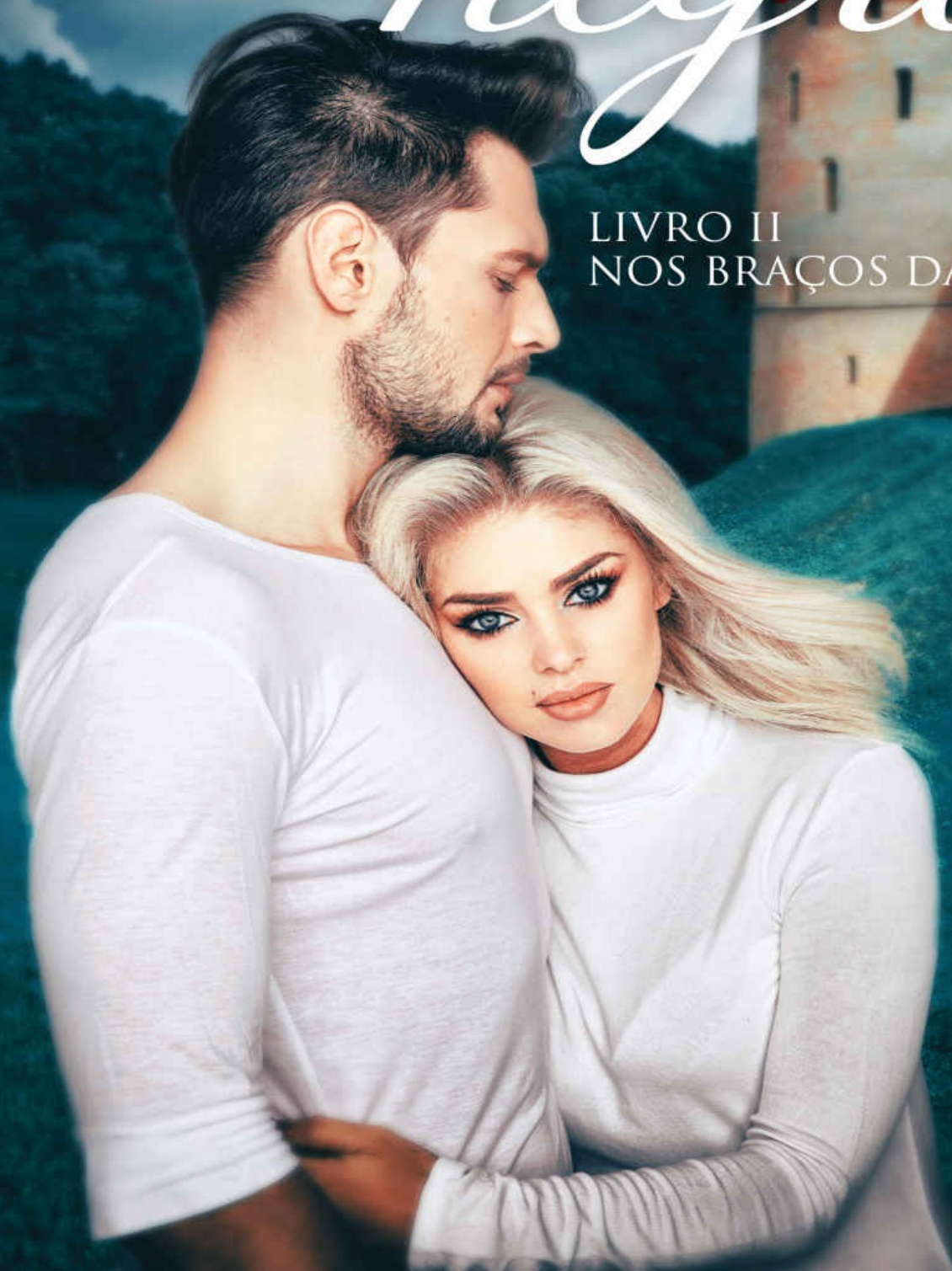


ELIZABETH BEZERRA

PACTO *negro*

LIVRO II
NOS BRAÇOS DA MÁFIA



bezz
EDITORA



PERIGOSAS NACIONAIS

PACTO *negro*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 2

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PACTO
negro
SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 2

ELIZABETH BEZERRA

Autora da Série New York e O Agente

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Elizabeth Bezerra

Copyright © 2018 Editora Bezz

Revisão: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

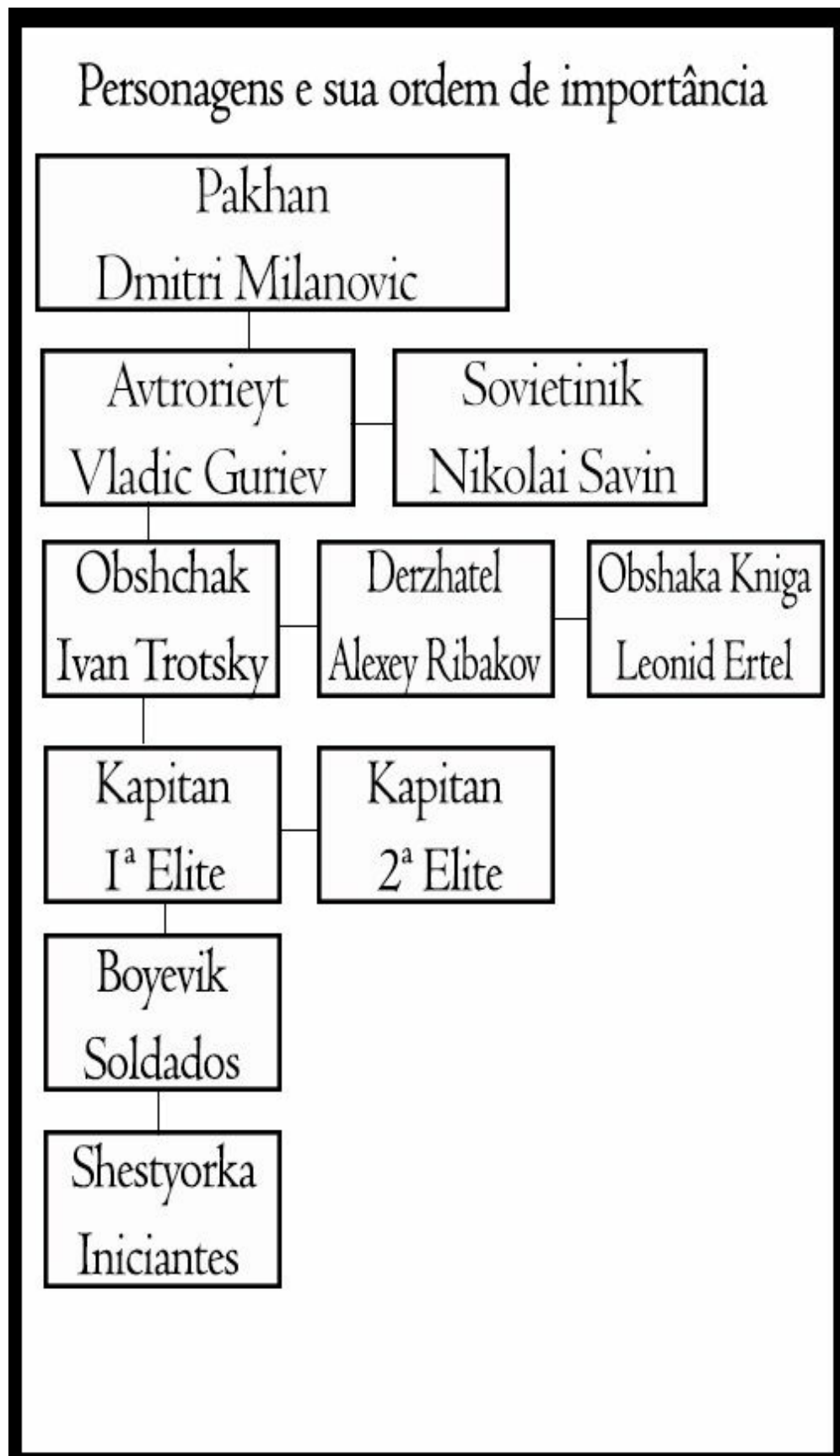
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

As famílias importantes no livro:

Milanovic

Mikhail Milanovic - Otets

Nathasha Milanovic - Mat'

Dmitri Milanovic - Sinochek

Guriev

Vera Guriev - Mat'

Vladic Guriev - Sinochek

Kamanev

Fjodor Kamanev - Otets

Olenka Kamanev - Mat'

Boris Kamanev - Sinochek

Sonya Kamanev - Doch

Smirnov

Aslan Smirnov - Otets

Lara Smirnov - Mat'

Kyara Smirnov - Doch

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Disclaimer](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Sinopse](#)

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

PERIGOSAS ACHERON

Disclaimer

Está é uma obra de ficção apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido. Indicado para maiores de 18 anos.

Como a história se passa na Rússia, o significado das palavras estrangeiras encontra-se num glossário oferecido no início do livro.

Sobre *trademark* TM, a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-las pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Glossário

Otets: Pai.

Mat': Mãe.

Beret: Boina.

Blagadaryú: Agradeço.

Daragáya: Querida.

Mílaya: Querida (sentido romântico).

Bratstvo prezhde vsego: *A Irmandade acima de tudo* (Juramento e lema da irmandade)

Kheruvim: querubim

Suka: Cadela (**suki:** cadelas)

Zavtrak: Café da manhã.

Koroleva: Rainha

Ne: Não

Da: Sim

Sinochek: Filho.

Doch: Filha.

Bolotnik: Uma besta imunda que vive no

PERIGOSAS NACIONAIS

pântano, disfarçada de monte, devorando suas vítimas.

Svolach: Idiota.

Vot eto pizdets: *Que droga!*

Pizdets: *Droga!*

Idi na hui: *Vá se foder!*

Mudak: Homem que se comporta de forma imprudente

Gandon: A palavra é usada em referência a uma pessoa desagradável, mas é bastante vulgar, pode ser usada como nome de rua para preservativos.

Zhizn 'ebet meya: *A vida está fodendo comigo.*

Ye-bat: *Porra!*

Suchka: Cadela, ou uma forma carinhosa das mulheres se xingarem tipo: Sua cretina. A palavra é mais usada entre as mulheres.

Gavno: *Merda!*

Pakhan: Chefe/Papa

Avtoriyet: Segundo em comando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sovietinik: Conselheiro

Derzhatel: Apoio

Obshchak: Grupo de segurança.

Obschaka kniga: secretário/livreiro.

Boyevik: Guerreiros/soldados

Shestyorka: iniciantes/associados

Pidoras: gay

Kisca: gatinha

Sirniki: sobremesa, a massa pode ser frita ou assada, recheada com queijo cottage.

Chak-chak: É feito com massa de farinha de trigo e ovos crus em forma de palitos e bolas. Os chak-chak prontos são colocados em um prato e regados com um xarope quente feito à base de mel.

Smert': Morte.

Ya skuchal po tebe: senti sua falta.

Ya lyublyu tebia: eu te amo.

Zólattse mayó: meu ouro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*A Irmandade acima
de tudo*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Kyara Smirnov

“Pode abrir os olhos, meu amor. Você já está em casa.”

As palavras pareciam gentis, contudo, foi a voz que imediatamente reconheci que me fez abrir os meus olhos, em pânico.

— Boris?

Tentei me levantar, mas eu me sentia aturdida, então, apenas me rastejei pela cama tentando colocar o máximo de distância possível entre nós dois. A minha cabeça pesava e eu sentia como se meu corpo tivesse sido sacudido e girado em várias direções.

— Onde eu estou? — indaguei fracamente
— O que estou fazendo aqui, Boris?

Aos pouquinhos, parte do que eu conseguia recordar vinha como flashes em minha mente. A visita de Sonya, o presente de casamento que ela disse que iria me dar.

Meu casamento.

— Dmitri!

Ao chamar por ele, os olhos cheios de rancor de Boris caíram sobre mim, ele avançou em minha direção, agarrando forte meus braços.

— Nunca mais suje sua boca com o nome dele — ordenou ele, fixando os olhos carregados de ódio nos meus.

Sempre temi a Boris, conhecia seu lado cruel e como ele se transformava em uma pessoa emocionalmente instável, mas nunca senti tanto pavor como agora. Ele tinha ultrapassado todos os limites e seria capaz de qualquer coisa.

— Você me sequestrou — acusei-o e tentei me soltar sem sucesso — Um dia antes do

PERIGOSAS ACHERON

meu casamento.

Um dos meus braços foi liberado quando ele passou a mão em meu rosto. Isso me lembrou Dmitri e de seu toque suave em mim.

— Nunca permitiria que se casasse com ele — avisou Boris — Eu já disse, Kyara, você é minha. Sempre foi e sempre será.

Boris era louco, não havia outra forma de poder descrevê-lo. Amar alguém não era forçá-la a ficar com você, mas sim, deixar que ela decidisse se queria ficar, como Dmitri havia feito na Suíça.

— Você tem que me libertar, Boris — disse angustiada — Se Dmitri...

Ele segurou firme o meu queixo, apertando forte meus lábios, impedindo que eu continuasse a falar. Lágrimas se formaram em meus olhos, de dor e de desespero.

— Já disse para não falar dele. Não me obrigue a ser violento com você para que entenda,
PERIGOSAS ACHERON

Kyara.

Ao som de sua ameaça, entendi uma coisa, não havia nada que eu pudesse dizer para conseguir fazê-lo mudar de ideia, pelo menos não agora. Eu tinha era que me manter viva, até encontrar uma forma segura de sair daqui, porque eu sairia daqui ou morreria tentando.

Isso me fez lembrar de algo que Irina me disse uma vez sobre Dmitri. Excluindo os dias que estive trancada no quarto e passei fome, nunca tive realmente o desejo de fugir dele, não como sentia com Boris. Porque por mais que eu tenha sido mantida contra a minha vontade por algum tempo e sido privada de minha liberdade, eu nunca consegui ver nos olhos de Dmitri o mesmo tipo de escuridão e maldade.

— Eu sei que você pode estar confusa agora — disse ele ao me soltar — Estava prestes a realizar o sonho de toda garota na Bratva, ser a
PERIGOSAS ACHERON

escolhida do *Pakhan*.

Nunca almejei esse sonho, pelo contrário, sempre desejei ir para bem longe desse mundo. Eu me apaixonei por Dmitri e não pelo o que ele representava. Aceitava e entedia o *Pakhan* porque era parte de quem ele era, mas eu sempre iria preferir sermos apenas Kyara e Dmitri, o casal que teve dias incrivelmente lindos nas montanhas.

— Você ainda irá conseguir isso, minha pequena — Boris se afastou da cama e eu me encolhi mais contra a cabeceira — Vou acabar com o Milanovic e serei o novo *Pakhan*.

Sem que eu pudesse controlar, um ganido angustiado escapou de minha garganta. Pensar que Boris pudesse ao menos tentar ferir Dmitri me aniquilava por dentro.

— Vou dar um tempo para que assimile tudo — disse ele antes de caminhar em direção à porta — Descanse e depois voltamos a conversar.

Vou esperar que esteja mais acolhedora.

Saltei da cama quando a porta do quarto fechou logo após Boris sair. Uma vertigem me fez tatear o ar até encontrar a parede onde consegui me equilibrar. Poderia ser algum sintoma da gravidez, mas eu tinha certeza que ainda era efeito do clorofórmio que Sonya usou para me manter desacordada e, assim, poder me sequestrar.

Será que teria algum efeito colateral para o meu bebê? Apoiei as costas contra a parede e levei a mão ao meu ventre.

Lágrimas pesadas deslizaram pelo meu rosto. Eu nem havia contado a Dmitri sobre o nosso filho, e me arrependia tanto por isso. Agora, eu estava longe, nas mãos de um louco que poderia fazer qualquer coisa comigo e com nosso filho porque odiava o pai dele.

Não, eu precisava manter isso em segredo. Precisava manter a calma e tentar agir com

PERIGOSAS ACHERON

racionalidade. Eu não deixaria que Boris ou qualquer outro colocasse em risco a vida de um inocente que nem tivera a oportunidade de vir ao mundo, cruel, mas que teria pessoas que o amariam.

Rastejei-me até a porta, estava trancada, isso não foi surpresa alguma para mim, mas eu precisava tentar. Fiz o mesmo caminho de volta, sustentando-me na parede, já que ainda não tinha total controle do meu corpo, no entanto, fui em direção à janela em vez da cama.

Esta não era a mansão Kamanev, percebi isso assim que abri os olhos. Este quarto não era igual a nenhum dos que tinha em minha antiga casa. Quando puxei a cortina, o pânico começou a me fazer suar frio.

Existiam grades com espaço apenas para uma mão. O material da janela antiga e os ferros novos soldados nele indicavam que foram

PERIGOSAS ACHERON

colocados há pouco tempo. O pouco que conseguia ver ao redor da casa também não animava muito. Muitas árvores revelando um floresta densa e muros altos.

Isso queria dizer que Boris estivera o tempo todo arquitetando seu plano monstruoso de me arrancar de Dmitri, e Sonya, a quem sempre amei e protegi, havia agido ao lado dele, traindo a minha confiança. Tudo o que eu vivia agora era culpa dela, pois, eu teria fugido de Moscou naquela mesma semana em que ela pediu minha ajuda para enganar Boris e o médico dele.

Eu não conseguia me arrepender totalmente por ter saído em socorro de Sonya – embora ela nunca tivesse merecido a minha ajuda – porque com isso, mesmo com a confusão inicial, duas coisas maravilhosas tinham acontecido em minha vida: Dmitri e nosso bebê.

Também havia todas as outras pessoas que

PERIGOSAS ACHERON

entraram em minha vida para ficar e que jamais me fariam sofrer como Sonya fazia. Vladic e seu jeito irônico, sempre arrancando um sorriso de mim; Irina com sua inteligência, fazendo-me olhar com coragem meus sentimentos, e me tratava com mais consideração e respeito do que minha irmã de criação a vida toda; Amarillo, Darya, Kalina e seus avós. Tantas pessoas boas que eu queria muito rever, pessoas que eu desejava compartilhar minha felicidade.

Fiquei olhando para o céu escuro. Eu gostava de observar a lua e descobri que Dmitri também apreciava. Pensar nele me causava um novo tipo de dor, uma dor literalmente física que começava em meu coração e irradiava por todo o meu corpo. Enquanto novas lágrimas deslizavam por meu rosto, eu pensava em tudo o que poderia estar acontecendo em casa.

Quando ele havia percebido que eu já não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava mais lá? Ele acharia que fugi ou perceberia logo de início que eu havia sido levada à força? Quanto tempo Dmitri e Vladic levariam para me encontrar? Eles conseguiriam me encontrar? Como ele estava se sentindo ao saber que horas antes de fazermos nossos votos um ao outro, eu tinha sido arrancada dos seus braços? Ele saberia que foi o Boris ou imaginaria que foi algo da Tambovskaya em retaliação?

Eram tantas perguntas rondando minha cabeça que cheguei a me sentir fraca. Olhei para a lua uma última vez e voltei para a cama. Escorei contra os ferros da cabeceira e ergui minhas pernas abraçando os joelhos, enquanto o choro inconsolável que eu tentava com muito custo controlar, vencia a batalha sobre mim.

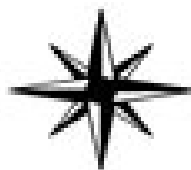
Como eu sentia falta dele. Do seu abraço, do seu carinho, de me sentir protegida do mundo com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dmitri — solupei enquanto me afogava nas lágrimas banhando meu rosto — Venha nos encontrar, meu amor.

Eu repetia isso como se fosse uma oração. Por minutos, por horas, não sei dizer, mas nunca pareceu o suficiente.



Só percebi que havia cochilado quando a porta foi novamente aberta e Boris entrou ao lado de um homem alto e musculoso. Aquele era Feliks, o *Boyevik* que sempre andava com ele e que agora deveria ter se tornado o segundo em comando, depois que Boris se tornou o *Kapitan* Kamanev.

— Você está horrível, *mílaya* — disse Boris ao avançar pelo quarto em direção a mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me chame assim! — as palavras escaparam da minha boca antes que eu pudesse controlar minha raiva.

Apenas Dmitri usava essa forma carinhosa comigo, Boris não tinha o direito de manchar isso.

— Por que não? — seu olhar duro caiu sobre mim.

Precisava pensar rápido, eu não podia dizer meus reais motivos a Boris, não tinha a menor ideia de como ele iria reagir à resposta sincera.

— Era como Roman me trava — disse, sabendo que a desculpa era fraca demais, mas no momento era tudo que eu tinha — Me traz lembranças desagradáveis.

A arrogância de Boris era tão grande quanto sua tolice. Porque somente um tolo teria coragem de enfrentar Dmitri como ele fazia.

— Eu dei um jeito nele, não foi? — ele acariciou as maçãs do meu rosto com o polegar e o

gesto fez meu estômago revirar — Farei com que esqueça completamente Roman e o desgraçado do Milanovic.

Roman foi só um encantamento juvenil por quem eu sentia mais ter sido a razão dele ter perdido a vida do que amargava lembranças românticas interrompidas.

Mas com Dmitri? Ele era e sempre seria o homem da minha vida. Nunca poderia amar alguém como eu o amava. Ele estava dentro do meu coração como em meu ventre.

— Mas olha para você — disse Boris, movendo meu rosto de um lado a outro para me assustar — Milanovic não a tratava bem, não é?

Eu havia perdido um pouco de peso com o início da gestação, mas o Dr. Kushin disse que era normal e que após o primeiro trimestre isso mudaria, mas eu não podia dizer isso ao Boris, então, me mantive em silêncio enquanto ele me

analisava com seu olhar asqueroso.

— Eu vi que não queria ficar com ele no dia que fui trocar a Sonya por você — confessou ele — É claro que tive que dar um castigo nela quando aquilo não foi possível.

Eu não queria ter qualquer sentimento de empatia pela Sonya, por tudo que me fez, mas nesse caso, não conseguia evitar. Parte da razão de ela ser assim foi a criação que teve e por crescer vendo Boris conquistando tudo o que queria pela força. Fjodor Kamanev foi bom comigo, mas fez um péssimo trabalho na construção do caráter do filho.

— Tome um banho, há roupas que comprei para você no guarda-roupa, depois, aprecie o seu jantar. Eu te faria companhia, mas preciso cuidar de alguns detalhes. Você entende, não é?

Queria Boris o mais distante possível de mim. Queria nunca mais ter que colocar meus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nele. E pensar que minha última preocupação em relação a Kamanev foi que não comparecesse ao meu casamento.

— Depois, descanse um pouco, nos veremos amanhã — disse ele — Teremos muito tempo para ficar juntos, Kya. A vida toda.

Não se dependesse de mim. Observei Boris sair novamente, dessa vez, com alívio. Pelo menos ele ainda não havia forçado a barra, o que poderia acontecer a qualquer momento.

A porta fechou-se atrás dele mais uma vez, aguardei um pouco até ir à bandeja de comida. Eu não agiria aqui como agi nos primeiros dias com Dmitri, ficando dias sem comer. Além de precisar de força para aproveitar o melhor momento para escapar, tinha que pensar em meu filho.

Enchi minha boca até que as minhas bochechas virassem duas bolas enormes e usei um pouco de chá para engolir tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Então era isso. Eu precisava armazenar o máximo de energia que conseguisse, manter a frieza e estudar todas as possibilidades que me ajudariam a escapar deste lugar.

Capítulo 37

Dmitri Milanovic

Finalizei minha reunião com Ivan e decidi ir embora. Agora, os detalhes do que fazer com os *Kapitany* e Boris ficariam com ele. Além de ser o chefe de segurança, Ivan, o terceiro homem de confiança, na ausência de Vladic, seria o escolhido para ser o *Avtorieyt*, devido a seu bom treinamento e habilidades.

Mas eu não conseguia ver qualquer outra pessoa trabalhando diretamente ao meu lado além de Vladic. Se eu havia sido bem preparado para me tornar *Pakhan*, Guriev foi moldado para ser o *Avtorieyt*. E agora, com meu casamento no dia seguinte, ele exerceria sua função ainda mais. Se havia alguém no mundo em que eu confiava, além

da mulher que escolhi para dividir a vida comigo, era Vladic.

— Não se preocupe, irmão — senti seu aperto forte em meu ombro e desviei o olhar da janela do carro e o encarei — Tudo está sob controle.

— Espero que tenha razão, Vladic.

— O que está incomodando, Dmi? É por causa da arena? Teme o que Kyara irá dizer?

— Não. Isso não é algo que ela irá apreciar, mas quando a pedi em casamento, deixei claro o que somos e o que fazemos.

Eu não sabia como explicar o que me incomodava. Ivan tinha repassado os planos de segurança durante a cerimônia, os três dias de festa, a noite na arena, até minha viagem de lua de mel. Contudo, eu tinha uma incômoda sensação de que algo estava fora do lugar.

— Não sei dizer, Vladic. Talvez sejam só

PERIGOSAS ACHERON

coisas da minha cabeça.

Ou estivesse preocupado demasiadamente com Kyara. Ela andava tensa com o casamento e fazendo muitas perguntas sobre os Kamanev, em busca de repostas que eu não poderia dar ainda. A preparação do casamento já vinha sendo exaustiva demais para ela. Embora ela tivesse tentado disfarçar, notei sua perda de peso e ar fadigado. No entanto, o que realmente me deixou preocupado foi tê-la encontrado desmaiada no banheiro.

Eu amava Kyara, mas só tive noção da grandiosidade de meus sentimentos por ela quando a vi caída. Não conseguia entender como meu pai suportou a partida de seu grande amor. Em uma das poucas conversas que tive com Vladic, inclusive naquele mesmo dia, a única explicação que ele sugeriu era que tinha sido por mim e pela Bratva.

Já eu acreditava que foi pela Bratva, não porque ele não me amasse, mas o trabalho passou a

PERIGOSAS ACHERON

ser sua mulher, e quando não estava mergulhado nele, ficava na estufa, pensando e lembrando de seu amor perdido. Meu *otets* podia achar que eu não soubesse, mas na estufa ele costumava conversar com *mat'* em voz alta, como se ela ainda estivesse viva.

— Você só tem que se preocupar em colocar o terno e se divertir — disse ele abrindo um sorriso — O resto deixe com a gente.

Assenti e tornei a olhar pela janela. Provavelmente a maior parte de minha tensão era a grandiosidade do evento. Toda a Bratva estaria presente, além de que eu deixaria claro a todos que não era um homem a quem se devia ameaçar.

Quando finalmente chegamos em casa, Vladic foi para escritório e eu subi a escada em direção ao quarto. Enviei duas mensagens a Kyara, uma, quando saí da sala de Ivan e outra, na metade do caminho, avisando que estava chegando. Em

PERIGOSAS ACHERON

ambas não obtive resposta, por isso acreditava que ela estivesse no quarto tirando um cochilo.

Um sorriso veio ao meu rosto ao pensar na forma que iria acordá-la. O sexo entre a gente estava cada vez mais quente, mas nessa última semana andei pegando um pouco mais leve, poupando suas energias. A partir de hoje isso mudaria.

— Kyara? — chamei no quarto vazio, pois, a porta do banheiro estava fechada e não entreaberta como ela costumava esquecer.

Fiquei bastante incomodado em ver que ela também não estava ali e que seu telefone se encontrava em cima da cama. Dei uma olhada rapidamente e vi que minhas mensagens não tinham sido visualizadas por ela. Franzi a testa, não havia mais nada que precisasse ser verificado em relação a cerimônia e comemoração, e mesmo que tivesse, dei ordem expressas a Savin e Ertel que

PERIGOSAS ACHERON

Kyara não deveria mais ser incomodada com isso, então, duvidada que estivesse presa no escritório dando andamento em alguma complicação de última hora, mas ela poderia estar passando tempo no computador. Porém, o único na sala era Vladic.

— Precisa de algo?

— Achei que Kyara pudesse estar aqui. Não está no quarto e nem com o telefone dela.

Vladic se ergueu da mesa, vindo até mim.

— Já verificou na biblioteca?

Não o respondi, fui em direção à biblioteca, tendo Vladic a me acompanhar. Assim como nos lugares que verifiquei, Kyara não estava lá.

— Talvez tenha ido na estufa? — sondou Vladic mais uma vez.

Andei apressadamente até a estufa e de lá, para a piscina, Kyara não se encontrava em nenhuma das duas. Então, chamei o primeiro

Boyevik que esbarrei pelo caminho, e ordenei imediatamente que reunisse mais homens e fizessem uma busca detalhada por toda a propriedade.

Meu maior terror era que Kyara tivesse passado mal mais uma vez e não tivesse tido a sorte que teve no banheiro, e bateu com a cabeça em algum móvel. E se...

— Nós vamos encontrá-la — disse Vladic ao voltarmos para o escritório, depois de ter ido aos outros cômodos verificar se em algum momento nossos caminhos haviam se desencontrado — A casa é enorme. Ela pode ter parado em algum lugar para descansar e ter pegado no sono.

Vladic estava sendo otimista, eu pensava em coisas bem mais preocupantes, mas não era do tipo de fazer alarde, embora a inquietação que tive por todo o dia parecesse finalmente ter encontrado uma explicação.

Uma hora depois, o chefe de segurança da casa surgiu com dois de seus homens.

— Procuramos em cada canto, senhor — ele baixou os olhos diante do meu olhar frio e implacável sobre ele — Aqui, a Srt^a. Smirnov não está.

Avancei até ele, agarrando sua camisa pela lapela, e apesar de ser um homem consideravelmente robusto, ergui-o tanto ao ponto de fazê-lo ficar nas pontas dos pés.

— Onde está minha mulher?

Eu já a considerava assim por direito. Os papéis que iríamos assinar e a bênção religiosa passavam apenas de meras formalidades diante de meu povo.

— Calma aí, Dmitri — disse Vladic ao me puxar para longe do homem — Matá-lo não terá muita serventia, pelo menos, não agora.

Vladic tinha razão, eu puniria esse

PERIGOSAS ACHERON

imprestável outra hora, minha missão agora era encontrar Kyara.

— Talvez ela tenha ido embora — sugeriu o *Boyevik* — Minha irmã desistiu do casamento na porta da igreja.

A calma que decidi manter saiu voando como um pássaro pela janela. Meu punho foi certo em direção à face do *Boyevik* que tinha ousado sugerir isso.

— Se vocês não têm nada inteligente para dizer — disse Vladic quando veio me conter pela segunda vez — Fiquem calados, porra!

— Ela não fugiu — disse aos homens, mas encarava Vladic — Pode me soltar.

Levei a mão ao queixo e comecei a andar lentamente de um lado ao outro enquanto tentava manter minha serenidade e refletir com clareza.

— Reúnam todos os empregados — disse ao chefe de segurança — Alguém deve ter visto ou

PERIGOSAS ACHERON

ouvido alguma coisa.

Assim que os três homens saíram, Vladic se colocou à minha frente, dando voz a um dos meus pensamentos obscuros.

— Você acha que a Tambovskaya teria tanta ousadia?

Eu tinha levado um deles diante de seus olhos, então, a vingança poderia ser esperada. Mas havia também uma segunda opção e essa eu não queria sequer imaginar.

— Eu sei que Kyara não fugiu, Vladic — o aperto em meu peito foi forte o suficiente para me fazer respirar fundo — Vou descobrir onde ela está e seja lá quem for que a levou de mim, irá lamentar ter nascido.

E eu sempre cumpria cada promessa minha.

Não foi preciso interrogar todos os empregados. Assim que Darya, assustada e em

PERIGOSAS ACHERON

prantos, foi colocada diante de mim, meu mundo desmoronou à minha volta.

Sonya tinha vindo visitar Kyara e foi após a visita dela que Kyara não tinha sido mais vista pela casa.

— Ela disse que veio falar com a irmã — pranteou ela, torcendo o avental em seu uniforme — A Srt^a Kyara disse que iria recebê-la na sala. Eu não sabia que...

Ela caiu sobre meus pés manchando os sapatos pretos com suas lágrimas.

— Por favor, Papa — implorou ela — Eu não sabia.

No momento, pouparia Darya por dois motivos. O primeiro, o erro tinha surgido dos *Boyevik* responsáveis pela segurança que haviam permitido que Sonya Kamanev, com seu sorriso falso e palavras adocicadas, entrasse. Segundo, Kyara tinha um grande carinho por Darya, e ficaria

furiosa comigo se eu fizesse algo drástico com ela. Porque eu iria recuperar Kyara de volta, era só uma questão de tempo.

— Contate o Ivan — disse a Vladic enquanto ia até uma das gavetas de minha mesa onde tirei um revólver — Reúna os *Boyevik*, vamos até a casa Kamanev.

Enquanto eu meditava durante o caminho se arrancava todos os dedos de Boris por ter ousado tocar em Kyara, ou cada um de seus olhos pelo atrevimento de sequer olhá-la, isso só para começar, Vladic cuidava dos detalhes em relação a invasão à mansão Kamanev.

Sonya também não ficaria de fora. Ela lamentaria amargamente ter abusado da confiança de Kyara e, principalmente, por ter invadido minha casa, tirando dela o que eu tinha de mais precioso.

— Ivan já está lá — disse Vladic ao me encarar com certo alarme — Olha, Dmitri, eu sei

PERIGOSAS ACHERON

que você está puto, e tem toda a razão de estar, mas vamos manter a cabeça fria, ok. Não queremos que a Kyara se machuque e isso inclui ela se magoar se você sair ferido.

— Estou calmo, Vladic — o tranquilizei.

O que era realmente verdade. O ódio explodindo em mim por Boris Kamanev servia como um analgésico que me fazia ficar calmo o suficiente para confrontá-lo.

— É isso que me preocupa — disse Vladic.

Eu precisava recuperar Kyara e levá-la de volta para casa. Depois, eu brincaria com o que seriam meus novos ratinhos preferidos, Boris e Sonya Kamanev.

— Vamos acabar logo com isso — disse a Vladic e mal esperei o carro ser estacionado em frente à casa cercada de carros pretos.

Ivan veio imediatamente ao meu encontro

quando saí.

— É tudo muito estranho — disse ele —
Tem uns dez minutos que chegamos e nenhum
Boyevik de Kamanev veio verificar tanta
movimentação.

Direcionei meu olhar para o grande portão.
Não havia sinais de segurança ali, como também
não parecia existir em volta da casa.

— Vamos entrar e passem por cima de
quem tentar resistir.

Embora eu quisesse ser o primeiro a entrar
na casa, o protocolo de segurança exigia que a vida
do *Pakhan* fosse protegida. Em momentos como
esse eu desejava ser um homem comum,
enfrentando um verme.

Após se prepararem e gestos de comando
dado por Ivan, um grupo de *Boyevik* de ação frontal
invadiu a propriedade. Outros passaram pelo
portão e escalaram muros até que eu tivesse sinal

positivo para entrar. Contudo, nossa ação ofensiva se mostrou desnecessária. Nem Boris, Sonya e Kyara se encontravam ali. Só havia serviçais assustados na casa, a quem começamos a interrogar.

— Chega! — disse ao *Boyevik* com alicate na mãos, após ele arrancar o sexto dente de um empregado que estava quase desmaiando diante dele — Estamos perdendo tempo.

Eu não teria problema algum se arrancassem todos os membros do homem, se suspeitasse que ele realmente sabia de alguma coisa. Estava claro que Boris deixara aquelas pessoas ali apenas com intuito de nos confundir e perder tempo, enquanto levava Kyara sabe-se lá para onde.

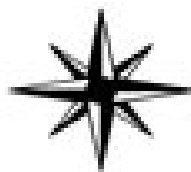
— Vejam os aeroportos, portos, estradas e cace cada *Kapitan* envolvido com Boris — disse a Ivan e virei em direção a Vladic — Nós vamos

PERIGOSAS ACHERON

retornar para a minha casa e fazer uma base de investigação lá. Vou encontrar Boris Kamanev nem que eu tenha que ir até o inferno.

— Nós atravessaremos esse portão juntos — disse Vladic se colocando ao meu lado — Eles não sabem com quem mexeram.

Principalmente Kamanev, com esse eu queria lidar pessoalmente.



Levaria algum tempo, infinitamente longo para mim, para que uma base de investigação e segurança fosse instalada num dos cômodos inativos na casa. No momento, não havia nada o que fazer além de esperar, e se eu queria recuperar Kyara das mãos do desgraçado do Boris, tinha que pensar e agir friamente. As minhas emoções

precisavam ser desligadas e isso estava acabando comigo por dentro.

Na primeira formação da Bratva, os primeiros bárbaros, também conhecidos como ladrões, criaram um código de conduta: *Os Ladrões Dentro da Lei*, com 18 leis. A primeira delas era abandonar seus parentes. A segunda era não ter família própria. Sem esposa, sem filhos. Os antigos *Vor* acreditavam que esse elo deixaria os guerreiros fracos. Os cargos eram disputados na arena, através de lutas sangrentas e mortais.

Isso em nossa irmandade foi mudando quando o terceiro *Pakhan*, Vasiliy Bondarenko, atreveu-se a se apaixonar pela filha bastarda de um guerreiro. A Bratva foi dividida no que é hoje, e da outra metade surgiu a Tambovskaya, que ainda segue essas práticas em relação a ascensão dos seus líderes. Por isso que na Bratva, um filho matar o pai, irmão contra irmão, não era considerado crime

PERIGOSAS ACHERON

desde que o assunto fosse resolvido em família. E era nas práticas da Tambovskaya que Boris acreditava e queria que a irmandade voltasse a seguir.

Só que a Tambovskaya é um grupo de selvagens parados no tempo, mais preocupados em guerrear entre si do que evoluir e combater os inimigos de verdade. A Bratva não perdeu sua essência como os antigos *Vor* suspeitaram, ela ficou organizada e mais forte. Temos em nossas mãos governos, países, outras organizações, e eu iria provar a Boris e a qualquer membro da Tambovskaya que ficamos cada vez mais fortes.

— Vamos lutar, Vladic — disse ao entrarmos em casa.

— É claro que vamos.

Quando cheguei à escada, virei para ele que claramente não tinha compreendido o que eu realmente havia falado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos lutar agora... — continuei a subir a escada — no pátio.

— Você quer treinar agora?

Vladic foi um dos primeiros a enxergar meus sentimentos por Kyara, se não o primeiro. Acho que ele percebeu antes de mim. Ele sabia que internamente eu estava destruído. Mas um *Pakhan*, mesmo na Bratva, tinha que se mostrar sempre firme. Meu pai, embora tenha morrido por dentro junto com minha mãe, não deixou cair uma lágrima até o sepultamento dela. Nós tínhamos que provar que estar apaixonados não nos deixava fracos.

— Quanto tempo levará para Ivan chegar e ajeitar tudo?

— Conhecendo Ivan, não mais do que uma hora.

— Então, teremos uma hora de treino — disse a ele e fui em direção ao meu quarto — Encontro você no pátio em cinco minutos.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei a porta deixando-o no corredor com o olhar confuso. Escorei-me contra a porta olhando em volta. Silencioso e muito vazio sem Kyara aqui. Meus olhos caíram em um cabide com uma enorme capa protetora.

Segui desnortado até ela. O vestido de noiva de Kyara. Passei a mão no plástico escuro, recordando que ela tinha avisado que queria fazer mais um ajuste essa manhã e que eu nem deveria chegar perto do quarto sem avisá-la primeiro.

— Onde você estiver — sussurrei encostando minha testa contra o embrulho — Fique bem. Eu vou te encontrar, eu juro.

Permaneci ali parado por mais dois ou três minutos até abrir o *closet* e buscar uma de minhas roupas de treino. Vladic já fazia o aquecimento quando cheguei ao pátio. Sempre preferi treinar com ele porque além de ser um dos homens mais fortes que já conheci, era um lutador espetacular e

PERIGOSAS ACHERON

não pegava leve comigo por ser o filho do *Pakhan*.

— Pronto? — indagou ele flexionando os braços.

Apenas assenti, me coloquei em posição de ataque e avancei sobre ele, acertando o primeiro golpe. Eu precisava disso, extravasar minha fúria e frustração em algo. Vladic sabia que meu ataque não era contra ele. Minha raiva não era com ele e o ódio que parecia querer me cegar não era para ele. Contudo, era seu corpo sofrendo as consequências. Nariz escorrendo sangue e lábio cortado.

Eu também não estava apenas batendo, levei uns precisos e merecidos socos que cortaram o supercílio direito e outro que fazia meu queixo arder feito o inferno. Nesse momento, estávamos apenas vestidos com as calças. Com peito e braços nus, suávamos do cabelo às juntas dos dedos dos pés. Em certo momento da luta, Vladic preparou a montada sobre mim e fez um golpe de queda me

arremessando contra o chão, dando em mim uma gravata que me manteve imobilizado contra o solo.

— Já chega, Dmitri! — rugiu ele forçando meu rosto contra o chão enquanto eu tentava me soltar.

Fui capaz me virar, mas tudo que consegui foi que Vladic aplicasse um novo golpe, desta vez, de estrangulamento.

— Não está lutando — disse Vladic lentamente diminuindo a pressão em meu pescoço — Está agindo como um garoto de rua brigando.

Ele tinha razão. Depois da primeira gota de sangue que tirei dele ao dar o primeiro golpe com o pé, senti necessidade de mais e mais. Eu queria ver muito sangue.

— A gente vai procurar e recuperar a Kyara. Enquanto fazemos isso, você pode dar quantos socos em mim quiser, meu irmão — disse ele ao tirar o braço do meu pescoço — Mas PERIGOSAS ACHERON

enquanto isso, não vou deixar você enlouquecer. Você é Dmitri Milanovic, o *Pakhan*.

Vladic, por toda a vida, e agora Kyara, a mulher que meu coração escolheu amar, eram os únicos que conheciam o Dmitri, as outras pessoas conheciam o filho e, agora, atual *Pakhan*. Esses dois eram as pessoas mais importantes da minha vida, por significados diferentes. Eu não conseguia ver minha vida sem eles. Acabaria como o meu pai, somente com o *Pakhan* sob minha pele seca.

— Vladic — murmurei em um tom abalado, ele continuou me mantendo preso ao chão, mas sabia que não precisava mais me conter.

Não precisava dizer mais nada, Vladic entendia tudo através do meu olhar. Saindo de cima de mim, ele esticou a mão para me ajudar a ficar em pé. As pessoas que haviam parado seus afazeres para nos ver lutar, rapidamente voltaram às suas atividades.

Vladic me fez voltar para casa e eu fui direto para o chuveiro. O corte no supercílio estava feio, provavelmente iria precisar de alguns pontos, mas não tão ruim como pretendia deixar Boris quando colocasse minhas mãos nele. Fiz os cuidados que pude em frente ao espelho, depois, peguei um conjunto de terno no *closet*, preto, que era assim como me sentia por dentro, sombrio. A minha vida toda fui preto e cinza, as cores vieram com Kyara e seu sorriso de querubim.

Quando desci para a sala de investigação, Ivan e sua equipe já estavam na ativa. Os equipamentos que ele iria precisar estavam terminando de ser montados.

— Papa, ordenei que trouxessem o Dembinsky imediatamente — disse Ivan assim que entrei — Os outros *Kapitany* estão sendo caçados.

Além do terno escuro que ele costumava usar, desta vez tinha um tipo diferente de *headset*

na cabeça, assim como os demais homens em seu comando.

— Eu quero interrogar o Dembinsky, no meu escritório — disse a ele e fui em direção à mesa onde aparelhos de escuta e computadores estavam sendo instalados e testados.

Isso me fez pensar em Kyara. A tela de bloqueio do meu computador era uma imagem abstrata se formando, mas quando dava o *enter*, o plano de fundo surgia com uma foto nossa, a mesma que havia em meu celular e que ela praticamente tinha me obrigado a colocar ali. Na verdade, eu troquei o gesto, que disse a ela ser piegas, por uma boa foda em cima da mesa. Mas eu gostava de olhar para a imagem, vez ou outra, quando as coisas no trabalho ficavam mais calmas.

Menos de uma hora depois, um *Boyevik* surgiu, avisando que Dembinsky já estava em meu escritório. Caminhei cegamente até lá e quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

avistei o *Kapitan*, fui direto em seu pescoço, fazendo-o se erguer da cadeira.

— Onde ela está, seu desgraçado?

Dembinsky agarrou meus pulsos e seu rosto foi ficando vermelho conforme eu o pressionava. Por mim, estava tudo ótimo, poderia apertar seu pescoço até ver a vida esvaindo de seus olhos assustados, sentindo um enorme prazer. Dmitri Milanovic estava adormecido, esse era apenas de Kyara, sob a minha pele estava apenas o *Pakhan*. Ele mataria cada *Kapitan* com suas próprias mãos e usaria seus ossos para palitar os dentes.

Mas eu não podia matar Dembinsky, antes, precisava das informações que ele tinha.

— Eu não.... — ele tentou falar enquanto puxava o ar profunda e desesperadamente, massageando a garganta dolorida, quando o soltei — não sei do que está falando.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, mas você sabe — me agigantei diante dele o intimidando ainda mais com o olhar.

Suas mãos seguravam firme o braço da cadeira, puxei o dedo mindinho com força e Dembinsky urrou de dor quando o quebrei.

— E vai me contar tudo o que sabe enquanto quebro cada um dos seus dedos, considerando se vou ou não arrancar cada um deles.

Dembinsky era um homem velho e assim como as crianças, eram menos resistentes à tortura. Protegemos os mais fracos, desde que nunca infrinjam a lei, ou traiam seu *Pakhan* como ele havia feito.

Nove dedos quebrados depois e muito sangue jorrando do nariz e boca estourada, Dembinsky implorava por misericórdia. Ele só deixou mais claro, contando em detalhes, os planos de Boris que já conhecíamos, as conversas que rolavam em todos os encontros e deu nomes e

PERIGOSAS ACHERON

confirmou todos os *Kapitany* que se uniram a Boris contra mim. Era um número significativo, mas não me inspirava preocupação. Oito *Kapitany* de segunda elite, Dembinsky e Kamanev.

— Eu não sei onde ele está — balbuciou ele cuspiendo sangue — Kamanev nunca compartilhou com a gente essa parte do plano. A ideia era aproveitar que todos teriam acesso no seu casamento e destruí-lo.

Eu sabia quando um verme como ele estava mentindo ou dizendo a verdade. E assim como o empregado de Boris, *Kapitan* Dembinsky havia confessado tudo o que sabia e eu não perderia mais tempo com ele. Neste caso, tempo era tudo. Kamanev não queria apenas a minha morte para ocupar meu lugar. Ele tinha obsessão doentia por Kyara. Só de pensar que o maldito poderia estar tocando-a contra sua vontade me deixava maluco.

— Leve-o daqui, Vladic — ordenei ao me

afastar de Dembinsky, me controlando para não pôr fim à sua vida de merda com minhas próprias mãos — Deixe-o nu e leve-o para os corvos famintos se alimentarem.

Dembinsky merecia uma morte mais cruel, ser devorado lentamente pela bicadas da criação de corvos que mantínhamos em uma das instalações ao redor da arena para onde os *Kapitany* estavam sendo levados, um a um.

— Não! — ele gritava ao ser arrastado pela porta, mas com as mãos nas costas mantive meu olhar fixo na janela — Eu sei de outra coisa muito importante. Por favor, eu juro lealdade.

— Tarde demais, Dembinsky — sussurrei quando a porta foi fechada atrás de mim — Para você e todos os que ajudaram Boris até aqui.

Antes de tudo isso acontecer, eu tinha ideia de fazer uma briga justa. Meus melhores soldados contra os *Kapitany* que fizeram aliança

com Kamanev. Se *Kapitan* ganhasse pouparia sua vida e os manteria como escravos. Se meu *Boyevik* ganhasse, herdaria o título de *Kapitan*.

As ações de Boris e o sequestro de Kyara mudaram tudo isso. Não haveria piedade de ninguém. Um *Kapitan* lutaria contra o outro por sua vida nas jaulas até que só restasse um. Seria um banho de sangue cruel, no qual meus olhos iriam se deliciar. Depois disso, duvidava que qualquer pessoa na Bratva ousaria ameaçar o *Pakhan* outra vez.

Estava prestes a voltar para a sala onde Ivan estava quando meu celular tocou em minha mesa.

— *Milanovic?*

Fechei os meus dedos até que os nós comessem a ficar brancos e minha pele, esticar.

— Kamanev?

Eu sabia que era ele. O risinho provocativo

não deixava dúvidas disso.

— *Peguei você* — foi tudo o que ele disse ao desligar.

Apertei o telefone com a mesma força e gana que tinha feito no pescoço de Dembinsky.

Eu vou acabar com o desgraçado do Boris, nem que seja a última coisa que faça em minha vida!

Capítulo 38

Kyara Smirnov

Amar alguém é sentir a presença dela, mesmo quando não se está olhando. Eu conhecia o cheiro de Dmitri, o toque dele, o magnetismo que ele emitia, por isso, a pessoa que se encontrava ao meu lado na cama, deslizando a mão por minha coxa, não era Dmitri.

Abri meus olhos assustada e rastejei pela cama ficando o máximo que eu podia das mãos asquerosas que me acariciavam.

— O que você faz aqui?

O quarto estava na penumbra, mas eu via perfeitamente a figura de Boris. Odiar alguém como eu o odiava, também nos fazia reconhecer a pessoa em qualquer circunstância, o medo nos

alertava.

— Vim ver como você está — ele se ergueu e foi até o interruptor de luz, fazendo o quarto clarear.

Eu não sabia se ficava aliviada por ele ter se afastado ou se me sentia amedrontada por ter agora seus olhos lascivos em cima de mim.

— Há quanto tempo está aqui?

Que ele me tocava, não deveria ser muito tempo, acordei rapidamente ao sentir um toque estranho. Mas há quanto tempo Boris estava no quarto?

Lembrei dos primeiros dias na casa de Dmitri quando ele também me manteve presa. Em uma das noites, senti a presença dele, que admitiu ter visitado meu quarto, em uma de nossas conversas na casa da Suíça, mas ele nunca ousou me tocar quando estive dormindo.

— Com medo de mim, Kya? — ele tornou

a se aproximar, a cada passo que dava, eu me encolhia na cama um pouco mais — Eu nunca te faria mal, a menos que merecesse.

A revolta despertando dentro de mim confirmava que neste caso ele me machucaria muito. Minha maior vontade era avançar contra a garganta de Boris.

— Seja uma boa menina sempre — ele continuou a dizer, eu dei uma olhada no quarto à procura de algo como defesa.

A única coisa por perto era o abajur em uma mesa próximo à cama. Contudo, Boris acompanhou meu olhar e fechou a cara em claro sinal de raiva.

— Não sei que tipo de lavagem cerebral o Milanovic fez com você — disse ele estreitando os olhos —, mas eu vou reverter. Voltará a ser a mesma Kyara por quem me apaixonei.

Eu não acreditava em um amor como o

PERIGOSAS ACHERON

dele, e mesmo que acreditasse, a Kyara que ele diz estar apaixonado não existia mais. Aquela era medrosa e obediente por medo de represálias. Sou mais forte hoje e meu amor por Dmitri, estar ao lado dele, me ajudava a crescer. O problema é que Boris era um surtado. Ele queria ser meu *Joker* mas eu não tinha pretensão alguma de ser a *Harley Quinn*.

— Ainda sou a mesma, Boris — disse em uma voz mansa — Sua irmãzinha.

Para lidar com um louco às vezes era preciso agir como tal. Contudo, minhas palavras finais foram como gatilho na ira de Boris que veio até mim como um búfalo desnorteado e agarrou o meu queixo com força.

— Você nunca foi minha irmã, nunca — seu aperto agressivo criou lágrimas em meus olhos — Será a minha mulher e mãe dos meus filhos. E eles serão incríveis, meu amor. Guerreiros fortes e

inteligentes. Uma mistura perfeita de nós dois.

Pensei no bebê em meu ventre e levei o braço em volta dele como se assim pudesse o manter protegido de Boris. Graças aos céus ele não notou o meu gesto e se notou, não soube ler.

Pensar em qualquer contato íntimo com Boris que rendesse frutos me fazia ficar enjoada a ponto de querer vomitar.

— Seremos invencíveis — continuou Boris — Não essa merda patética que são Milanovic e Vladic Guriev. Falando em Dmitri, acabei de falar com ele.

Sua revelação me deixou estática.

— O que disse a ele?

— Que estava comigo. Que veio por livre espontânea vontade e que não pretende voltar.

Pior que ser sequestrada por Boris, eram as mentiras que ele poderia inventar. Mas Dmitri jamais acreditaria nele. Ele sabia que eu o amava.

Tinha que saber. Mas também, o que poderia pensar um homem que a noiva desaparece um dia antes do casamento?

— É mentira! — levantei avançando sobre Boris — É tudo mentira.

Ele agarrou meu pulso, apertando-o forte até me fazer contorcer.

— Sim, é tudo mentira, não disse nada a ele, apenas queria ouvir o desespero dele por você. E queria ver como você iria reagir a isso — disse ele em um tom de desprezo — Pelo visto, terei um longo trabalho. Mas posso ser paciente, Kyara. Esperei por você todos esses anos. Depois, todos esses meses longe e, agora, posso esperar mais algumas semanas. Sei como te amansar e logo estará pedindo que eu a foda, e terá esquecido completamente Dmitri Milanovic. Até porque não terá outra coisa para fazer, ele estará morto.

No fundo, eu sabia que não seria assim,
PERIGOSAS ACHERON

com raiva e de forma agressiva, que eu conseguiria lidar com Boris. Dmitri dizia que nas situações mais tensas precisava-se ter calma e paciência, mas era muito difícil conseguir suportar calada a tortura psicológica que Boris fazia.

— A guerra vai começar, Kya. É melhor escolher logo de que lado prefere ficar — disse Boris — Ou fará companhia na mesma vala suja que Dmitri.

Eu preferia um milhões de vezes morrer e ser jogada em uma vala imunda ao lado de Dmitri do que pensar em passar um dia que fosse ao lado de Boris como sua mulher.

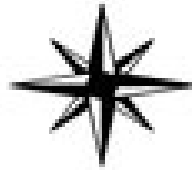
— Pense muito sobre isso — reafirmou ele abrindo a porta — Tempo é o que não lhe falta.

Pelo contrário, pensei ao vê-lo sair, meu tempo corria rapidamente como areia pelos vãos entre meus dedos. Eu precisava continuar a me fortalecer física e psicologicamente para escapar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daqui, ou, pelo menos, achar uma forma para que Dimitri me encontrasse e salvasse a mim e o nosso bebê.



Não sabia quantas horas tinham se passado desde que Boris saiu do meu quarto e os breves cochilos que me permiti ter encolhida na cama, mas o dia já havia clareado quando abri meus olhos outra vez.

Era o dia do meu casamento com Dmitri. Evento para o qual passei semanas me preparando e ansiando. Um sonho que hoje não iria se realizar. Abracei meu corpo chorando baixinho. Foram dias preocupada pelo vestido não estar na medida certa. Agora, me casaria até com essas roupas que usava se tivesse o homem que eu amava ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda estava entregue a essa dor física que a ausência de Dmitri causava em mim quando a porta foi aberta. Agradei silenciosamente e aliviada por não ser Boris, não tinha forças para lidar com ele.

Feliks trazia uma bandeja com o café da manhã. Sem olhar para mim ou dizer qualquer coisa, colocou a comida sobre o criado-mudo e saiu.

Comi pelo menos um pouco. Embora soubesse que deveria me alimentar mais, eu não conseguia.

Mexia distraidamente algo em meu prato quando, para minha surpresa, Sonya entrou no lugar do *Boyevik*.

Fiquei sem reação por alguns segundos enquanto ela avançava pelo quarto. Diversos sentimentos passaram por mim.

Raiva. Mágoa. Tristeza. Dor por ter sido

PERIGOSAS ACHERON

enganada e traída.

— Sonya.

Ela corria a mão pelo guarda-roupa e continuou a fazer isso ignorando meu chamado.

— Sonya! — finalmente consegui reagir indo até ela — Por que você fez isso?

Inconscientemente eu já tinha essa resposta. Ela nunca foi para mim, por esses anos todos, a irmã que eu fui para ela. Fui seu bibelô, a garota que ela se divertia e culpava pelas traquinagens que aprontava; a garota que mentia e cubria seus rastros quando era adolescente e a mulher que colocou os sonhos de ir embora de lado para ajudar a evitar que Boris a tornasse uma mulher infeliz se descobrisse a vida leviana que levava.

— Eu sempre amei você, Sonya — disse a ela. Dizer essas palavras me feriam por dentro —, mas você nunca me amou, não é mesmo? Fui

apenas alguém que você manipulou e usou quando bem quis.

Só depois de ser amada profundamente por Dmitri, ter o carinho de Vladic, o respeito e afeto de Irina e todas as outras pessoas novas em minha vida, e perder tudo isso, que dei-me conta que os Kamanev, excluindo os que já morreram, nunca sentiram nada sincero por mim.

Ela parou de passar a mão sobre a madeira do guarda-roupa e olhou para mim. Eu não conseguia ver qualquer expressão em seu rosto. Braveza, mágoa, arrependimento então, nem sinal. Seu rosto era uma máscara fria e sem expressão.

— Não vai me dizer nada, Sonya?

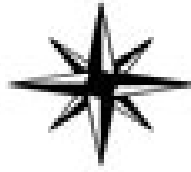
Ela começou a caminhar e acreditei que viria até mim quando seguiu até a porta. E tão surpresa como me deixou ao entrar, ela saiu. Fiquei parada no lugar com os punhos cerrados, as unhas machucando as palmas das minhas mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não conseguia acreditar nesses breves minutos. Frustração e raiva começaram a fazer meu sangue ferver. Eu tinha desperdiçado meu tempo desejando respostas quando deveria ter feito Sonya entender que ela precisava me libertar. Que todo esse plano de Boris era absurdo e que ajudando-o, sua vida estava em perigo. Não porque como das outras vezes estivesse preocupada com ela, mas porque Sonya podia representar minha única possibilidade de fuga.

Mexi a maçaneta só para constatar que estava fechada. Bati o punho contra a porta chamando Sonya na esperança que estivesse no corredor ou talvez em algum quarto ao lado do meu. Gritei até minha garganta arder e minha voz começar a ficar rouca. Alguns minutos após eu ter desistido e retornado à cama, Feliks entrou, pegou a bandeja com os restos do café da manhã e saiu.

PERIGOSAS ACHERON



Uma coisa era não sair de casa sem Dmitri e os *Boyevik* para manter garantida minha segurança, outra, era me ver trancada em um quarto mais uma vez. Dessa vez com a certeza de que o homem que mantinha as chaves iria me fazer mal, não apenas fisicamente.

Eu tinha que tentar fugir, mas não conseguia pensar em nada, então, caminhei até a janela mais uma vez. Grudei minhas mãos e rosto contra as grades de ferro. *Boyevik* armados e cachorros ferozes faziam o patrulhamento lá em baixo. Havia muitos homens nos muros, espalhados pelo campo aberto e de onde eu conseguia ver no enorme portão. Mesmo que eu conseguisse fugir do quarto, escapar daqui não seria fácil. Havia muita gente e cães para me perseguir.

Meu maior medo era levar um tiro, não por mim, mas colocasse em risco a vida meu filho. Voltei para a cama e sentei abraçando meus joelhos. Para fugir, eu precisava conhecer a casa. Então, meu plano era praticamente igual ao que tive quando cheguei à casa de Dmitri, conhecer o terreno e decidir o melhor momento para a fuga.

Só que diferente de Boris, a intenção de Dmitri nunca foi me manter trancada no quarto, ele só usou isso nos primeiros dias para me forçar a dar informações que acreditava que eu soubesse.

Boris queria me dobrar como um bambu envergando com o vento. Se eu quisesse que me tirasse do quarto para conhecer a casa e saber onde estava, precisava jogar como ele e Sonya, de forma fria e dissimulada.

Se era a Kyara cordial de antes que Boris queria de volta, seria a camuflagem dela que eu usaria para escapar. E comecei a agir quando Feliks

PERIGOSAS ACHERON

veio ao quarto trazer o almoço. Pedi educadamente e com um sorriso doce que ele dissesse a Boris que queria uma audiência com ele.

— Soube que exigiu me ver — disse ele ao entrar, parando ao lado da porta aberta, mas que tinha Feliks à sua guarda.

Boris até era um rapaz bonito, mas monstruoso por dentro, o que o tornava desprezível no final.

— Eu solicitei — o sorriso que tentei emitir soava tão falso que meus lábios tremeram, me fazendo baixar a cabeça para o prato — Almoça comigo?

Não obtive nenhuma resposta por um tempo considerável, até que ergui novamente o olhar. Boris me encarava com incredulidade, depois, com suspeita. Eu precisava ser mais convincente. Ele era louco, mas não burro.

— Não envenenei a comida, Boris — disse

soltando um risinho e levei uma colherada a boca — A menos que tenham descoberto que as tintas nas paredes possam ser usadas como veneno, você não tem que se preocupar.

Seriam tóxicas ao ponto de causar mesmo que um desconforto temporário? Irina certamente saberia se algo como isso era possível.

— É uma pena, mas já fiz minha refeição — apesar disso, ocupou a segunda cadeira na mesa de dois lugares — Talvez possamos jantar juntos.

Assenti, mas por dentro tremia com a possibilidade. Um jantar daria ideias românticas a Boris e isso era tudo o que eu queria evitar.

— Estava pensando, como você disse, eu tinha muito para pensar — em diversas formas muitos cruéis de como Dmitri iria acabar com ele quando o encontrasse foi uma delas — Você planejou isso há muito tempo, não é?

Precisava mantê-lo falando para que seu

PERIGOSAS ACHERON

foco nunca ficasse em mim, ou melhor, no meu corpo, como seus olhos estavam.

— Pegar você de volta ou destruir o *Pakhan*?

— Vamos começar pelo *Pakhan* — disse voltando a comer.

Boris sempre gostou de falar de si mesmo e das coisas horríveis que fazia como se fossem dignas de admiração. Massagear o seu ego era a melhor forma de aproximação. Ela adorava bajuladores.

— Desde que procurei Milanovic, o filho, a primeira vez e ele me tratou como se fosse nada.

Eu quase sorri. Esse era o Dmitri que eu conhecia e amava. Desejei tê-lo conhecido muito antes. Sem dúvida alguma teria me apaixonado da mesma forma.

— Eu disse sobre as mudanças que precisavam acontecer na Bratva, mas ele não me

PERIGOSAS ACHERON

ouviu — o ódio em sua voz era tão claro como a água que eu bebia — Os Milanovic são fracos. O velho era um decadente que só precisou de um empurrãozinho para ir dessa para uma pior.

Cuspi a água sobre o prato e procurei rapidamente o guardanapo enquanto tentava controlar uma crise de tosse.

— O que... o que você quer dizer?

— Implantei uma espiã na casa dos Milanovic e entreguei o veneno que causou o ataque cardíaco dele.

Olhei para ele sem conseguir acreditar. Boris era ainda mais maquiavélico do que eu pensei.

— Acha que um plano como o meu foi pensado da noite para o dia? Acha mesmo que sou só um cara com raiva ou ciúme de Dmitri? — indagou se exaltando — Não, minha querida. Dembinsky, Plotnikov, Matvee, Kovalyov e

PERIGOSAS ACHERON

Vakhstein, viemos pensando sobre isso há algum tempo.

Prendi com força o talher em minha mão, tentando focar a maior parte da minha atenção nisso. Boris matou o pai de Dmitri, homem que ele amava e admirava. Já era a terceira pessoa que eu sabia que Boris havia executado. Roman, por na adolescência ter se apaixonado por mim. Fjodor Kamanev e, agora, Mikhail Milanovic. Quantas pessoas mais que não mereceram morrer, estavam na lista de Boris que só parecia crescer?

— *Otets* Fjodor...

— Meu pai? — ele indagou mostrando seu desprezo — Não sabia de nada ou teria corrido ao Milanovic dizendo que seu filho havia ficado louco.

E ele não estaria errado.

— Nós primeiro tivemos que manter Dmitri e Vladic bem ocupados para não conseguir

PERIGOSAS ACHERON

prestar atenção no que acontecia debaixo de seu nariz — ele riu se achando um grande gênio — Quem poderia imaginar que envenenariam o *Pakhan* dentro de sua própria casa? Um dos seus.

Se antes eu desprezava Boris, agora, eu o odiava com todas as forças. Só vi Mikhail Milanovic uma vez, de longe, na época seu olhar frio me assustou, mas depois de conhecê-lo através de seu filho, que usava no trabalho a mesma armadura, compreendia os dois. Era um escudo necessário para intimidar e manter o controle. Ainda assim, malucos como Boris tendiam a surgir das trevas.

— Meu pai era um fraco que não merecia estar em meus planos — continuou Boris — E enquanto avançamos, precisávamos de mais dinheiro e mais recursos. Eu tive que eliminar o velho e tomar o controle da família. Mas essa é uma história muito longa, Kya. Infelizmente, não

PERIGOSAS ACHERON

tenho como ficar e passar a tarde contando tudo a você.

E eu sentia que já tinha escutado o suficiente. Boris era terrivelmente diabólico.

— É sobre isso que queria falar — apressei-me em dizer antes que ele saísse — Não suporto mais ficar trancada no quarto. Posso andar pela casa e conhecer o jardim?

Ele me estudou por um tempo e abri um enorme sorriso para ele, fingindo ver Vladic ou alguém que eu sentia carinho à minha frente. Precisava ser convincente por mais que isso me enojasse.

— Hoje não. Mas amanhã eu mesmo a levo para dar uma volta — disse ele em um tom brando como se eu fosse uma doente precisando de cuidados — Descanse, você ainda está muito abalada.

Sustentei o sorriso até que Boris,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhado de Feliks, saíssem do quarto. Depois, joguei o guardanapo em direção à porta, o tecido não chegou à metade do caminho.

Um dia, Boris Kamanev, esse assassino odioso, iria pagar por tudo que estava fazendo.

Eu tinha fé nisso porque eu tinha fé em Dmitri.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Dmitri Milanovic

Com toda a tensão, o corte que fiz em meu supercílio voltou a sangrar. Estava no quarto refazendo o curativo quando Vladic surgiu.

— Deu um fim a Dembinsky?

Eu precisava pensar em qualquer coisa que não fosse Kyara para não começar a perder a razão, e só tentar fazer isso estava sendo difícil *pra* cacete.

— Sim, e descobri algumas coisas que...

Se eu não estivesse em meu estado anormal teria descoberto, foi o que faltou ele dizer. Apenas fechei a cara, não pela insubordinação, mas porque ele estava correto. Eu estava deixando meus sentimentos me dominarem, isso não podia acontecer nunca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você descobriu, Vladic?

— Você quer se sentar?

— Não sou a porra de uma mulherzinha —
olhei zangado para ele.

Isso. Eu tinha que me concentrar na raiva, lutadores em competição faziam isso, ficavam na raiva para buscar energia, por isso não era incomum lutadores passarem semanas antes da luta provocando um a outro, inflamavam as torcidas e faziam com que eles mantivessem o foco de quem e por que deveriam vencer.

— O que você descobriu? — perguntei, agora com calma. Uma gota de sangue deslizou pelo meu rosto e Vladic me analisou antes de responder.

— Precisa ver esse corte. O Dr. Kushin está lá embaixo, pode dar alguns pontos.

— Não precisava chamar o médico. Eu mesmo poderia dar os pontos mais tarde.

PERIGOSAS ACHERON

Será que como Boris, Vladic me achava um fraco também?

— Não fiz só por você. Sei que é casca grossa — explicou ele cruzando os braços — Fiz por Kyara. Ela pode...

Mais uma vez ele não concluiu. Não sabíamos como iríamos encontrar Kyara e ela poderia realmente precisar de ajuda médica.

— Obrigado, Vladic — dessa vez me sentei na cama esfregando meu rosto — Não pensei nisso. Acho que não tenho pensado em muitas coisas, além de encontrá-la logo. Você viu naquele dia como o Boris olhava para ela. Não é só para me atingir, ele a quer. Nesse momento, ele pode...

— Dmi, a Kyara sabe se cuidar — disse Vladic colocando a mão em meu ombro — Lembra como foi com a gente? Ela tem garras. Só precisa se manter segura até a gente chegar.

Ele tinha razão, Kyara tinha unhas afiadas

quando precisava ter, mas Boris era um louco, somente uma mente insana tentaria algo como ele fez, enfrentar e desafiar o *Pakhan*.

— Ele me ligou há pouco — informei a ele — O Boris. O desgraçado riu na minha cara.

— Contou a Ivan?

— Entreguei o telefone para que tentasse rastrear a ligação. O número era restrito.

Louco ou não, burro o Boris não era.

— Mas o que você descobriu com Dembinsky? — voltei ao assunto principal da sua vinda ao meu quarto — Ele disse algo ao sair que não me interessou.

— Tem a ver com seu pai e Kamanev.

Ergui da cama em uma postura rígida.

— Você vai me dizer que...

— Isso mesmo — Vladic me interrompeu — Foi o Boris que manipulou a Yasha para envenenar o seu pai. Lembra que muitas coisas

estranhas aconteceram naquele tempo? — houve incêndios, furtos e mortes, até achamos que a Tambovskaya estava agindo, mas o líder deles alegou que não tinham nada a ver com os ataques que estávamos recebendo — Foi apenas para o manter distraído do seu pai. E o veneno fez parecer infarto.

— Eliminar meu pai foi o primeiro passo para que Boris chegasse onde ele queria — concluí por fim — Agora, ele quer a Bratva e a Kyara também. Tudo o que ele sempre mais quis estava comigo. Mas ele não terá nenhum dos dois. E vou fazer com que ele pague por ter dado uma morte tão desonrosa ao meu pai.

— Pode ter certeza que estarei ao seu lado quando isso acontecer — jurou Vladic.

Meus olhos estavam úmidos, mas não me permiti liberar as emoções. Estava feito, *otets* Milanovic estava morto ao lado de minha *mat'*; que

PERIGOSAS ACHERON

os dois tivessem o descanso merecido.

Cheguei ao escritório e o Dr. Kushin me encarou com seus olhos de texugo assustado. A briga com Vladic deixaria Kyara chateada quando me visse, mas com os devidos cuidados logo os hematomas desapareceriam.

— Acho que vou precisar de pontos, doutor.

— Não será o primeiro — ele fez uma tentativa de gracejar, mas ao notar que nenhuma expressão surgiu em meu rosto, ficou sério e indicou a cadeira para que eu me sentasse enquanto ele colocava sua maleta na mesa — Sei que pode se remendar sozinho, sempre pôde.

Era parte de ser um guerreiro, e embora não exercesse a função de um, precisava saber como lutar, mas também como cuidar dos ferimentos que recebia.

— Mas o Sr. Guriev também explicou que

estou aqui de plantão para atender a futura Sra. Milanovic. Esperamos que nada aconteça. Ela estava tão feliz com o casamento. Espero que ela esteja bem, principalmente no estado dela.

— Estado dela? — ele tinha acabado de colocar a luva e estava com a seringa na mão quando me virei bruscamente para ele — Que estado?

Ele mesmo tinha garantido que Kyara estava bem quando a consultou no dia que a encontrei desmaiada no banheiro.

O Dr. Kushin ficou pálido e deu alguns passos para trás. Vladic, que estava atrás, impediu que se asfaltasse mais com o corpo servindo como barreira.

— Fale logo, homem! — urrei ao ficar em pé — O que a Kyara tem?

— Ela disse que iria contar na lua de mel — disse ele nervoso, tremendo a agulha na sua mão

— Mas eu pensei que iria contar logo. As mulheres quase nunca conseguem guardar um segredo, ainda mais um assim. Pensei que contaria no mesmo dia.

Ele estava enrolando para conseguir minha piedade, mas só estava me deixando mãos irritado.

— Kushin?

— Ela vai ser a esposa do *Pakhan*, eu também tenho que ter a confiança dela. Eu juro que ela disse que ia contar.

Avancei até Kushin, disposto a arrancar a confissão nem que fosse com meu punho enfiado na garganta dele.

— Fale de uma vez — disse Vladic.

— Ela está grávida.

Foi como se eu tivesse levado um soco no estômago, e pareceu tão real que cambaleei alguns passos para trás.

— O que disse? — indaguei desnorado.

— A Srt^a Smirnov está grávida. Apenas

algumas semanas, mas sim. Isso explica o desmaio daquele dia e outros sintomas.

Kyara estava grávida de um filho meu!

A mulher que eu amava, com quem iria me casar nas próximas horas, carregava um bebê no ventre enquanto era mantida prisioneira nas mãos de um lunático que me odiava.

— Você não me contou nada! — avancei na direção dele, mas Vladic rapidamente levou o homem para trás, segurando agora a mim — Sua obrigação era me contar independente do que ela dissesse.

Eu a teria protegido melhor. Se eu soubesse que Kyara estava grávida acho que nem teria saído de perto dela.

— Dmitri, a gente precisa dele. E foi um pedido dela, a futura *koroleva*. Provavelmente ela queria te fazer uma surpresa. Você, matar o Kushin, vai deixar Kyara triste — ele olhou por sobre o

ombro o médico que praticamente chorava — E o mesmo aconteceria com a sua *mat'* ^[1]se estivesse viva.

Acontece que eu já não estava raciocinando bem apenas por saber que Kyara havia sido sequestrada, agora, saber que meu filho no ventre dela também corria perigo no mesmo dia que descobri o assassino do meu pai, me tirava todo o raciocínio lógico.

Se Boris soubesse disso, que o fruto do nosso amor estava crescendo dentro dela... Não conseguia nem imaginar o que ele seria capaz de fazer, apenas para me desestabilizar. Encontrá-la agora não era questão apenas de precisa tê-la comigo, mas de sobrevivência para Kyara e o bebê.

— Tire-o daqui — disse a Vladic ao me curvar e agarrar firme a borda da mesa — Agora!

Assim que senti a porta fechar às minhas costas, passei o braço sobre a mesa jogando tudo no

PERIGOSAS ACHERON

chão, inclusive a maleta do médico, espalhando boa parte dos utensílios dentro dela sobre o carpete. Vidros se quebraram, outros materiais rolaram pelo chão.

Não satisfeito com isso, fui encolerizado em direção à estante de livros e a derrubei também. Tudo o que havia no escritório que pudesse ser derrubado ou danificado sofreu as consequências da minha ira.

— Maldito! — urrei erguendo a grande e pesada mesa, virando-a contra o chão — Maldito! Maldito!

Como já não havia mais nada a ser atacado, comecei a socar a parede com força.

Cada murro que eu dava, imaginava ser Boris Kamanev e isso me fazia socar a parede cada vez mais.

— Pare com isso! — Vladic me conteve e me afastou da parede manchada de sangue —

PERIGOSAS NACIONAIS

Quebrar a sua mão não vai te ajudar.

— Meu filho — desabei contra o chão e Vladic se ajoelhou ao meu lado.

Algo tão bonito e que eu não soube pelos lábios dela; não pude comemorar enquanto via seus olhos brilharem de felicidade. O desgraçado Kamanev também tinha roubado isso de mim.

— Cara, alguns meses atrás você nem pensava em se casar — disse Vladic me amparando pelos ombros — Agora, terá uma esposa e um garoto gritando por você pelos cantos.

— Ou uma menina — consegui dizer — Como a Kyara. Vai ser bonita *pra* caralho.

— Vamos fazer um acordo — disse ele se afastando de mim e rastejando pela confusão na sala até achar a única garrafa no bar que eu não tinha desperdiçado em minha fúria — Prometo que encontraremos Kyara e seu filho, porque só eu estando morto para não ver esse menino nascer.

PERIGOSAS ACHERON

Sequei o meu rosto e aceitei a mão que ele me dava. Só Vladic para conseguir um pálido sorriso de mim.

— Você afoga suas mágoas — me estendeu a garrafa — Pelo menos por essas horas, Dmitri, você está precisando. E quando descer pela manhã, preciso que esteja forte.

Eu não queria anestesiá-la minha dor na bebida. E muito menos, esperar todo esse tempo para que Kyara fosse encontrada.

— Ivan...

— Está fazendo o possível, cara — disse ele insistindo para que eu pegasse a garrafa de vodka — Todos nós estamos. Mas isso pode durar algumas horas, como pode durar dias.

No fundo, eu sabia que ele tinha razão. Um dos motivos que mais me deixava puto com tudo isso é que eu sabia que Boris estava agindo às minhas costas. Sabia os motivos das reuniões e iria

pegá-lo no que eu acreditei ser o momento certo, mas Boris moveu uma peça que eu não sabia estar na jogada.

Kyara!

— Você me avisou, Vladic — murmurei pegando a garrafa — É culpa minha. É tudo culpa minha.

— O único culpado é o Kamanev — disse ele — Você fez o que achava certo. Eu achei certo. Você é meu irmão — disse colocando a mão em meu ombro — Deixe-me carregar um pouco esse fardo para você.

Nós éramos irmãos de coração, mas se fôssemos de sangue, não sei se eu o amaria tanto, talvez houvesse entre a gente inveja e competição. Eu preferia um irmão que eu escolhia para ser. Não eram assim os amigos de verdade, quem escolhíamos para estar do nosso lado e chamar de irmão?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem — disse passando pelo amontado de lixo que havia espalhado — Confio em você, Vladic.

Saí em direção ao meu quarto, já tomando alguns goles pelo caminho.

Eu havia me tornado o que Boris me alegava ser: um fraco, porque nesse momento, eu não tinha condições alguma de lidar com a frustração e raiva que toda essa merda me causava.

Ao chegar ao quarto, um detalhe novo me chamou atenção, a folha dobrada em cima da mesinha de cabeceira do lado onde Kyara costumava dormir. Caminhei até ela, sentei no chão, as costas apoiadas contra a cama e comecei a ler.

Eram os votos de casamento. Votos que prometemos não ler, mas eu não tinha como não quebrar essa promessa. Estava faminto por um pouco de Kyara perto de mim.

PERIGOSAS ACHERON

“Eu não sou muito boa com as palavras, acho que poucas pessoas têm esse dom, mas aqui expresso com toda sinceridade o que há em meu coração.

Dimitri.

Meu amor... meu cavaleiro de armadura negra. Não o que me levou para o seu lindo castelo, mas o que me libertou das muralhas que eu mesma havia erguido em volta de mim. Você não tem apenas duas cores, Dmitri, você é todo o meu arco-íris.

É seu amor que me liberta todos os dias. Nunca me senti tão livre, tão protegida e tão amada. Quero ficar sempre presa em teus braços, eu te escolhi e te escolheria mil vezes...”

O discurso continuava inflamado, mas já não conseguia ler. A dor em meu peito era forte demais. Coloquei a garrafa ao meu lado junto com a carta enquanto a madrugada escura lá fora surgia.

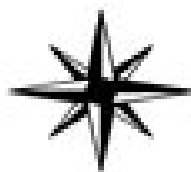
Até isso me fazia lembrar Kyara e de quantas vezes ela passou admirando o céu.

Será que olhava para ele agora?

— Querubim, onde você estiver, estou pensando em você.

Dmitri Milanovic sofria terrivelmente por Kyara, mas estava na hora de eu deixar o meu lado negro falar por mim.

Ele era implacável e traria os dois de volta.



Irina Novitsky

Não haverá mais casamento e o Pakhan não quer ser incomodado.

Essa foi a única informação que tive quando o *boyevik* bateu à minha porta uma hora

antes de eu começar a me preparar para a cerimônia. Para mim, a informação e a ordem não foram suficientes.

Por que Kyara não me ligou avisando? Afinal, eu era uma das damas de honra. Por que Dmitri, e até mesmo o insuportável do Guriev, não entraram em contato comigo se tinham meu telefone? Por que nenhum deles respondia nenhuma das minhas dezenas de ligações o dia todo?

Caramba! Eu tinha me tornado mais do que a cientista maluca que Dmitri supervisionava. Eu era a amiga da sua futura esposa, amiga de todos eles, menos de Guriev. Minha relação com Vladic era estranha de se explicar. Eu o detestava, mas ele mexia comigo como nenhum outro homem foi capaz até hoje. Até Dmitri, a quem sempre considerei um homem lindo, e o cientista novato e atraente que eu tinha solicitado que trouxessem dos

PERIGOSAS ACHERON

Estados Unidos, não exerciam a mesma fascinação sobre mim.

Vladic era um grosso, ignorante e burro. Bom, não realmente burro. Dentro do que ele fazia, no que ele foi treinado para fazer, não havia pessoa mais eficiente e preparada que ele. Talvez quem chegasse mais perto fosse Ivan Trotsky, o chefe dos *Obshchak*^[2]. Que também tinha muitos músculos, tatuagens e fazia mais a linha galã de cinema do que Vladic.

Ele não tinha o rosto perfeito. O nariz era quebrado devido as porradas que deve ter levado guerreando, treinando o porquê agia como um cretino mesmo. As orelhas típicas de um lutador, queixo quadrado e duro. Uma muralha de músculos, músculos por toda a parte para ser mais exata e eu sempre admirei mais a massa encefálica do que a muscular, sorri ao pensar nisso, podia usar isso contra Vladic quando o encontrasse de novo.

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos nem eram azuis, mas de um castanho comum, contudo, traziam algo que o suavizava; sempre tinha um ar divertido ou de deboche, principalmente comigo, o que me irritava mais ainda. Ah, ele também tinha um traseiro de dar inveja, mesmo que na maioria das vezes estivesse de terno. Sim, eu havia reparado na bunda de Vladic. Era quase impossível não reparar, já que todas as vezes que ele ia embora, meus olhos fulminantes estavam sobre suas costas, bom, deveria estar nas suas costas.

A boca também me agradava, bem desenhada e generosa o suficiente para me fazer querer mordê-la. E as mãos dele eram firmes e grandes, já me apertaram firme algumas vezes, fossem para impedir uma queda ou para me atormentar.

Isso era uma coisa que ele também sabia fazer muito bem, foder com a minha mente por

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente estar no mesmo ambiente que eu. O problema com Vladic é que ele tinha jeito de homem, aquele tipo das cavernas que eu deveria odiar (e eu odiava), mas que também me atraía.

Mas por que eu estava pensando em Guriev quando minha preocupação deveria ser Kyara e o casamento que não aconteceria?

Alguma coisa estava muito errada e após horas tentando entrar em contato com um dos três, decidi ir até a casa Milanovic e eu mesma encontrar as respostas.

— Onde você vai? — estava perto de tocar a maçaneta quando ouvi a voz de meu *otets* atrás de mim.

— Vou ver a Kyara — virei para ele e o encontrei com seu cigarro na mão e copo de vodka na outra — Pai, o que o Dr. Ian Kovsky disse sobre não fumar e não beber?

Ele teve um princípio de infarto há alguns

meses quando seu médico o tinha proibido de fumar, beber e aconselhado a ter uma vida mais saudável. Eu ficava de olho e pagava muito bem Oleg Bezrukov, seu secretário, para ficar de olhos bem abertos em relação ao meu pai. Depois da morte do *Pakhan*, o pai de Dmitri, por infarto, fiquei ainda mais paranoica em vigiá-lo.

— Aquele merda não sabe de nada — resmungou ele, mas deixou que eu tirasse o copo e o cigarro de suas mãos.

Foram direto para o lixo.

— Ele só quer me controlar e que eu viva mais para arrancar mais do meu dinheiro.

— *Eu* quero que você viva mais, papai — olhei feio para ele, embora isso não fosse afetá-lo nem um pouco — E não é por causa do seu dinheiro.

— *Daragáya*^[3], não venha com essa vizinha de garota meiga que ama o papai — voltou PERIGOSAS ACHERON

a resmungar — Para onde estava indo?

Se havia alguém que me conhecia bem era o meu pai. Nós éramos tudo um para outro, após minha mãe ter morrido no parto, algumas horas depois de ter me dado à luz. Eu até achei que ele se casaria de novo e desejei que isso acontecesse para me dar irmãos, mas acho que seu carinho por minha mãe foi mais forte do que ele ousava admitir.

— Eu preciso ir ver a Kyara — decidi ser honesta — Alguma coisa está acontecendo. Ela estava radiante com o casamento. Por que foi cancelado?

Meu pai respirou fundo e pegou minha mão me conduzindo à sala de estar. Sempre que ele queria que eu entendesse um assunto sério, agia assim. Desde criança, olhava dentro dos meus olhos e dizia com toda calma quando não poderia ter alguma coisa, porque ele não podia faltar ao PERIGOSAS ACHERON

trabalho para ficar comigo ou porque a mamãe tinha morrido e que não, eu não tinha matado ela. Foi assim desde que criança.

— Sei que é muito amiga dela.

— Eu me tornei muito mais agora — corrigi lembrando que no passado não era tanto assim.

Kyara sempre foi uma garota legal comigo no colégio. Não me chamava de esquisitona como a maioria das garotas e nem se incomodada que prestasse mais atenção aos meus livros do que no que me falava. Mas ela sempre estava com Sonya e essa sempre foi uma grande *suka* ^[4] comigo, a quem eu preferia passar bem longe e ignorar.

Mas sem a presença da irmã má, era como se Kyara se permitisse brilhar e ela não precisava apagar a luminosidade das outras pessoas para se sentir mais bonita e segura de quem era. Conversar com ela era fácil, ficar em sua presença era calmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela me convidou para ser dama de honra — relembrei a ele — Sabe o que isso significa?

— Exatamente o que a palavras dizem, uma honra. E não existe pessoa no mundo que mereça ter todas as honras, além de você — afirmou ele.

Papai não era de ficar tecendo elogios, nem mesmo para mim, mas quando fazia era na hora certa e com palavras perfeitas. Eu nunca fui de ter muitos amigos, principalmente do sexo feminino. O que elas conversavam nos vestiários e nos intervalos das aulas não me interessava. Por ser filha do dono do colégio ou se aproximava de mim quando tinham algum interesse em relação à escola ou me afastavam porque tinham interesses que nem eu, e principalmente meu pai e professores, deveriam saber.

Passei a vida toda com a cara enfiada nos

PERIGOSAS ACHERON

livros, depois, nos computadores. Ambos eram mais fáceis de entender do que os humanos. Então, ele sabia que essa nova fase da minha amizade com Kyara era importante para mim.

— Mas se o *Pakhan* ordenou que não queria ser incomodado, nós vamos obedecer.

— Mas alguma coisa aconteceu, não estamos falando de um convite para um jantar. É um casamento, papai — insisti e o sondei com o olhar — A menos que você saiba de algo que eu não saiba.

Meu envolvimento com a Bratva ficava na ciência e tecnologia. Eu sabia das coisas que aconteciam nos bastidores, dos negócios que eram fechados e nas relações boas e ruins que eram mantidas. Mas Dmitri me deu algo que talvez eu não tivesse em outro lugar, a oportunidade de mostrar que era boa, ou podia ser, no meu trabalho. Não importava para ele se eu usava saia ou um par

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de calças, salto alto ou tênis, que minha boca tivesse mais creme para o café do que batom. O que ele exigia era que eu fosse eficiente.

Em algumas culturas, mulheres andavam atrás dos maridos, literalmente. Em outras, cobriam o corpo para andar na rua, e em outras, eram tratadas apenas como uma máquina procriadora. Na Tambovskaya isso ainda era assim. Todo país tinha suas leis, regras e sua cultura. A Bratva era como um país dentro da Rússia. Eu não conhecia outra coisa e me adaptava da melhor forma possível.

Eu nunca criaria uma arma nuclear ou um vírus que se espalhasse matando rapidamente as pessoas pelo mundo, mas eu faria algo para nos defender dela.

— Você sabe de algo que eu não sei, papai?

Ele desviou o olhar e quando fazia isso significava três coisas: estava mentindo, iria mentir

PERIGOSAS ACHERON

ou queria esconder algo. Eu era assim. Filha de peixe...

— Pai?!

— Só ouvi boatos.

— Que tipo de boatos?

— Não muito coisa ou se é mesmo verdade, mas algo sobre quererem derrubar o Milanovic.

Levei minhas mãos à boca, assustada.

— É só isso que tenho a dizer por enquanto, *daragáya*.

— Mas, pai...

Se Dmitri e Kyara corriam perigo, eu precisava saber. Às vezes ser tão focada em meu trabalho no laboratório me prejudicava. Eu não tinha interesse nas questões políticas internas da Bratva.

— Irina, sou um homem muito rico e influente, dentro da Bratva e fora dela — disse ele e

tocou minha face com as duas mãos — Mas se perguntarem qual a minha maior riqueza, não vou pestanejar em dizer que é você. Por isso, até que eu ache seguro, você irá ficar em casa. Quando puder, o *Pakhan* e sua amiga darão notícias.

— Mas e o meu trabalho no laboratório?

— Pode esperar alguns dias — disse ele em um tom firme — Ou peça àquele americano que traga tudo o que você precisa até aqui.

— Não pode esperar, não! — também falei firme — E ele é metade russo. Você e Guriev parecem esquecer isso.

— É que Vladic só dá importância ao que é realmente importante — disse ele sorrindo — Sabe, eu gosto dele.

— Do Tigran?

— Não! — ele olhou como se estivesse louca — O *Avtorieyt*. E já que não posso mais sonhar em vê-la casada com o *Pakhan*, o Guriev

não é uma escolha tão ruim. Não é tão rico, mas dinheiro nós temos mais que o suficiente para dezenas de gerações, que aliás, eu espero que continue a surgir antes de eu morrer.

— Eu não acredito que está querendo que eu corteje o Guriev.

Pior do que meu pai ficar insistindo em me ver casada e com filhos antes que ele morresse, era ele querer me casar com alguém como Vladic.

— Na verdade — ele soltou meu rosto e balançou o dedo em frente a ele —, Vladic quem tem que cortejar você. Talvez eu o chame para um drink e poderemos conversar melhor sobre isso. O *Pakhan* vai se casar, ele deve seguir seu exemplo, não existe pretendente em toda Bratva melhor que você.

— Não se atreva, papai! — disse exaltada — Não se atreva a me jogar nos braços do Vladic. Você prometeu que posso terminar meus estudos.

— O problema é que sempre me orgulhei da sua inteligência e, por isso, dei asas demais a você, Irina. Sua mãe também era inteligente. Uma professora universitária fantástica. Mas como eu fiz, está na hora de alguém com mais pulso te dobrar.

Não deixaria que Vladic ou qualquer outro homem tentasse me dominar, quando nem meu pai havia conseguido.

— Não sou uma folha de papel para ser dobrada — protestei recebendo um olhar duro, que ignorei — Prefiro entrar para um convento do que me casar com ele.

— Não vamos à igreja, minha filha — ele riu — Você foi batizada?

Tanto quanto ele, não sabia ou não me lembrava disso. Mas eu entraria para a Igreja nem que tivesse que pular os muros.

— Vou ver sobre isso e sobre Guriev —

PERIGOSAS NACIONAIS

ele se levantou — E nem tente sair de casa. Tem um *boyevik* na porta. Obedeça ao *Pakhan* já que a mim...

Ele saiu resmungando, mas meus pensamentos estavam desconectados.

Ah! Eu queria odiar o meu pai, como eu queria odiar Vladic Guriev.

Eu até tinha que admitir que sentia atração por Vladic, mas não a ponto de me casar com ele e sabotaria qualquer intenção em relação a isso que meu pai tivesse.

Mas eu precisava ruminar isso depois. Vladic só era mais uma pedra em meu sapato. Minha prioridade agora era chegar até o *Pakhan* e saber como minha amiga estava. Eu esperava que ela estivesse bem.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Dmitri Milanovic

Toda metade esquerda do meu corpo pendia para fora da cama e a outra metade me mantinha nela. Foi assim que despertei, desengonçado e com a garrafa de vodka vazia em minha mão. Era preciso mais do que isso para me garantir uma boa ressaca, mesmo assim, meu estado era deplorável.

Esfreguei o rosto amassado pelo travesseiro de Kyara, que eu havia procurado à noite, ainda continha o perfume dela. Afastei o travesseiro assim como tentei com todas as forças afastar a dor que isso me causava. Até ter Kyara de volta, seria apenas o *Pakhan*. Era preciso que fosse dessa forma.

Antes de sair da cama, peguei o papel com os votos de Kyara que havia deixado cair no chão e deposei no mesmo lugar que ela havia deixado. Levantei e segui para o banheiro onde joguei a garrafa vazia no cesto de lixo. A água caindo sobre minha cabeça podia relaxar os músculos tensos em meu corpo, mas a minha mente seguia frenética.

Saí do box e encarei o espelho enquanto me secava. Precisava dar um jeito no corte do supercílio que sempre voltava a sangrar quando tocado. Havia uma caixa de primeiros socorros no gabinete. Eu mesmo daria um jeito nessa merda.

Depois dos pontos, segui para o *closet* e retirei uma das dúzias de ternos que havia dentro dele. Calcei os sapatos e olhei para o anel do *Pakhan* em meu dedo. Eu tinha mandado que ajustassem uma réplica, com detalhes mais suaves e femininos para Kyara, o mesmo anel que meu pai havia dado à minha mãe, e meu avô, para sua

PERIGOSAS ACHERON

esposa.

Colocaria no dedo de Kyara logo após a aliança na cerimônia de casamento. Ainda estava guardado no mesmo lugar no bolso do terno que constava meus votos a ela. Isso não era o nosso fim, só era um adiamento não planejado.

Desci e fui à sala montada para a investigação à procura de Ivan. Deveria estar possesso por Vladic ter permitido que eu apagasse por tanto tempo, mas ele tinha razão, meu corpo e mente precisaram dessa pausa para enfrentar as horas difíceis que teríamos pela frente.

Eu sabia que não havia nenhuma notícia importante ou avanço no caso, Vladic teria me acordado imediatamente se tivesse. Mas eu queria saber em que pé as coisas andavam.

Encontrei Ivan com Vladic e, ao lado deles, dois dos seus homens. Havia pelo menos uns dez dentro da sala, avaliando equipamentos,

PERIGOSAS ACHERON

concentrados em escutas e analisando mapas.

— Papa — Ivan foi o primeiro a me ver e cumprimentar.

— Dmitri — Vladic veio até mim e me deu uma boa estudada com os olhos.

Bati suavemente em seu braço.

— Está tudo bem, Vladic.

E podia dizer que realmente estava. Eu precisava manter a cabeça calma e agir com frieza, isso que traria Kyara e meu filho seguros de volta para casa. E eu faria tudo para tê-los comigo de novo, até sufocar meus sentimentos.

— O que você tem de importante, Ivan? Conseguiu algo com o meu celular.

Até onde eu sabia, queriam investigar de que lugar originou a ligação de Boris.

— Veio de Moscou e encontramos o telefone em uma lixeira — disse Vladic — Mas isso não ajuda muito. Ele pode ter ido de
PERIGOSAS ACHERON

helicóptero e voltado para seja lá qual buraco mantém-se escondido.

Olhei para Ivan e tive certeza que ele pensava o mesmo.

— Se Boris queria fazer acreditar que estava em Moscou... — dei voz aos meus pensamentos.

— É porque ele realmente não está — disse Vladic.

A procura por Kyara era como tentar encontrar uma agulha em um palheiro.

— Mais alguma coisa? — perguntei a Ivan.

— A Srt^a Novitsky tem ligado constantemente.

— Ela era uma das damas de honra. O que disseram para os envolvidos no casamento e convidados?

— Apenas que foi adiado e que o *Pakhan*

não receberia visitas ou faria audiência até o próximo comunicado — Disse Vladic.

— Mas Irina é insistente — disse Ivan e olhou em volta da sala — Nós temos equipamentos de alta tecnologia aqui, acha que Irina pode ser útil em alguma outra coisa? Ela é boa com essa coisa de tecnologia, pode ter alguma coisa nova. Devo chamá-la?

— Acho melhor não a envolvermos nisso — disse Vladic.

Acreditava nunca ter chamado a atenção dele em qualquer circunstância. Vladic era sarcástico e tinha um humor ácido, mas sempre agia de acordo com cada ocasião e seu trabalho era executado de forma exemplar. Mas sua birra, ou seja lá como devesse denominar a sua relação com Irina, não era bem-vinda agora.

— Não me interessa suas desavenças com Irina — disse em tom extremamente seco — Eu
PERIGOSAS ACHERON

quero Kyara de volta!

— Não é por isso — protestou ele — Irina já se envolveu muito no caso Tambovskaya, não é justo trazê-la para isso também. Com todo respeito, *Pakhan*, ela é só uma cientista.

A questão com Irina era outra, eu podia ver. Puxei Vladic para um canto, mantendo a conversa entre a gente.

— Ela é importante para você — disse a ele, estudando seu olhar consternado.

— Não, eu só acho que...

— Corta essa, Vladic, não tenho saco para essas suas desculpas — cortei-o antes que viesse com uma justificativa que nem ele mesmo acreditava — Vou dar mais algum tempo a Ivan.

Eu conseguia entender Vladic querer proteger Irina de qualquer respingo que essa guerra pudesse causar, faria o mesmo por Kyara se estivéssemos em papéis diferentes, mas minha

PERIGOSAS ACHERON

família vinha em primeiro lugar. E por considerá-lo como parte dela, daria esse tempo a Ivan para que conseguisse mover céus e terra para encontrar minha mulher e meu filho.

— Mas se ele repetir que Irina pode ser uma peça importante — disse a ele —, vou mandar buscá-la. Por agora vou pedir que ele veja se alguém ligado ao laboratório de Irina pode ser tão útil quanto ela.

Vladic assentiu e retornamos para o lado de Ivan. Logo depois minha atenção estava completamente focada em cada informação nova que recebia. Uma delas veio de Nikolai algumas horas mais tarde.

— A arena está pronta — disse ele — Todos os traidores já se encontram lá e os *Kapitany* de Primeira e Segunda Elites que não o traíram estão sendo enviados para assistir o torneio e realizar um novo juramento ao *Pakhan*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não era apenas mais um ritual para reafirmar minha supremacia. Os *Kapitany* possuíam seu próprio exército de *Boyevik* e eu precisava de cada soldado que pudesse se aliar aos meus e partirmos juntos para enfrentar Boris quando finalmente o encontrasse.

— Ivan, você fica aqui cuidando das investigações — disse a ele — Mantenha uma linha direta comigo. Quando tiver que ir para a arena, quero que todas as informações sejam direcionadas para lá. Quando der o sinal, partiremos com os *Boyevik*.

Boris seria esmagado antes de conseguir entender o que acontecia à sua volta.

Acertei os últimos detalhes com Nikolai e só percebi que Vladic tinha saído quando precisei dizer algo a ele. Concluí que saiu para resolver algo importante e tornei a me concentrar em Ivan. Isso era o que me mantinha longe de enlouquecer.

PERIGOSAS ACHERON



Vladic Guriev

Fazia dois dias que Kyara tinha sido sequestrada e iríamos para o terceiro. Embora Dmitri estivesse agindo com racionalidade, sabia que por dentro ele estava acabado. Eu conhecia esse garoto desde que era um bolinho enrolado no cobertor.

Ainda me lembro de quando criança, me pendurar em seu berço para poder olhá-lo de perto. Eu cresci e fui criado não apenas para ser seu homem de confiança. Fui treinado para dar a minha vida por ele, e daria.

Estava fazendo o possível para ser a razão

quando ele era a emoção. Segurando as pontas, mantendo tudo e todos em ordem, obrigando Dmitri a manter a calma, mas estava foda. Eu também gostava de Kyara, gostei dela desde a primeira vez que a vi e notei que com ela, mesmo negando, Dmitri era diferente.

As pessoas queriam a glória de ser o *Pakhan*, mas não tinham ideia do peso e responsabilidade que isso trazia. Fiquei feliz que ele tivesse encontrado alguém que pudesse ficar ao seu lado e suavizar uma parte de sua vida.

Estava tudo errado. Hoje seria o casamento deles. Era para estar iniciando mais duas semanas de lua de mel onde teria que aguentar ouvir pelos cantos os dois foderem na casa da Suíça. Deveríamos estar comemorando a chegada do novo Milanovic e futuro *Pakhan*.

Em vez disso, tinha aguentado Dmitri tentando se manter em pé. Eu, muito próximo de

PERIGOSAS ACHERON

explodir a bomba relógio dentro de mim enquanto observava as horas avançarem e Kyara estava sabendo lá Deus onde, presa a um maluco.

Enquanto Nikolai falava, eu me concentrava em manter esses pensamentos turbulentos no lugar quando meu telefone tocou.

Era Irina. Eu tinha ignorado dezenas de ligações dela. Primeiro, porque Dmitri estava desnortado demais para que eu prestasse atenção em qualquer outra pessoa que não fosse ele. Já enfrentamos situações difíceis, como a morte de Mikhail Milanovic e antes dele, sua esposa. Nós dois fizemos missões em campo e já colocamos nossas vidas em risco, mas era diferente. Dmitri estava apaixonado e ele deixava a porra do coração falar por ele.

É por isso que não queria Irina metida nessa merda. Eu não conseguiria me concentrar sabendo que sua vida poderia estar em risco. O PERIGOSAS ACHERON

lance com a Tambovskaya ainda me deixava muito puto. Não que eu estivesse perdidamente apaixonado como Dmitri. Mas a gente tinha uma ligação de amor e ódio. Mais ódio do que amor e grande parte, devo admitir, por minha culpa. A garota me tirava do sério não só pela inteligência, mas também por não ter se mostrado nem um pouco mexida por qualquer tentativa de sedução que eu tivesse jogado sobre ela, então, passei apenas a provocá-la, raiva era melhor que nenhum sentimento. E já que estava sendo sincero comigo mesmo, irritar Irina sempre me deixava de pau duro.

Ela era uma chata, intelectual arrogante e nem se vestia do jeito *sexy* que eu apreciava, acho que era por isso que mantinha meu interesse nela. Por baixo de toda frieza e roupa sem graça, deveria existir uma tigresa selvagem querendo ser domada. Por experiência sabia que as recatadas ou ignoradas

PERIGOSAS ACHERON

por outros homens eram as mais quentes na cama.

O telefone voltou a tocar. Aproveitei que Dmitri estava ocupado com Ivan e Nikolai e saí.

— O que você quer, Novitsky?

— *Vladic? Até que enfim consegui falar com você* — disse ela — *Quero saber o que está acontecendo. O casamento foi cancelado, mas não dizem nada. Ouço murmúrios aqui e ali. Como está Kyara? Quero falar com ela.*

Tentamos manter o máximo de informação possível em relação ao sequestro de Kyara em segredo. Não desejávamos que nenhuma informação tática do que faríamos chegasse a Boris, a não ser as que queríamos no momento certo.

— Isso não é possível — disse a ela — O mensageiro foi claro. O *Pakhan* não irá receber ninguém.

— *Não quero ver o Dmitri* — ataca ela —

Quero falar com Kyara!

O atrevimento de Irina me divertia mais do que irritava. Esse não era o dia. Estava há horas sem dormir e lidando com uma situação muito tensa.

— Já disse que não é possível.

— *É verdade, não é?* — disse ela com choro na voz — *Alguma coisa aconteceu a Kyara. Foi Kamanev ou a Tambovskaya?*

— O Kamanev e é tudo o que eu posso te contar. Falo com você quando puder.

Encerrei a ligação aos berros dela no mesmo momento que vi Nikolai se aproximar.

— Ele está reagindo bem — disse ele, acendendo um cigarro.

— Você acha? — declinei do cigarro que oferecia e cruzei os braços.

Uma das coisas que Nathasha Milanovic nos proibia era fumar e beber feito um gambá perto

dela. Às vezes eu bebia feito um gambá, mas o cigarro havia declinado. Um guerreiro não tinha vícios ou se deixava dominar por eles.

— É o que parece.

— E você não o conhece — resmunguei.

— Não tanto quanto você, Vladic — Nikolai afirmou — Acho que a única pessoa que realmente o conhece.

— Agora ele tem a Kyara.

— Sim, e eles se amam, mas ela não viu e viveu toda a história dele, você sim — ele sorriu — Eu me lembro quando o trouxe para esta casa e quando os Milanovic chegaram com o bebê. Vocês passaram a ser inseparáveis sempre. Dmitri sempre querendo ser igual a você. Imitando até o gesto de cruzar os braços.

Nikolai tinha razão. Dmitri e eu tínhamos uma longa história juntos. Muitas algazarras na infância, aventuras na adolescência e aprendizagem

PERIGOSAS NACIONAIS

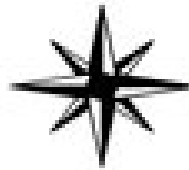
durante o crescimento e treinamento para as nossas funções.

— Mikhail ficaria orgulhoso de você — disse ele — Tem feito bem seu trabalho cuidando de Dmitri.

Senti um grande nó na garganta, que engoli.

— Ele não precisa que ninguém cuide dele.

— Mesmo assim, você cuida — disse ele dando um tapa em meu ombro antes de sair.



Estávamos nos preparando para ir à arena quando um *Boyevik* pediu um minuto em particular comigo.

— Senhor, eu sei que a ordem é para não ser incomodado — iniciou ele nervoso — Mas a

PERIGOSAS ACHERON

jovem tentou entrar duas vezes e ela alega que é algo importante e quando souberem o que tem para falar, o *Pakhan* irá querer nossas cabeças por não ter passado o recado adiante.

— Quando você diz ela — esfreguei minha têmpora, irritado — Quer dizer a Srt^a Novitsky.

Ele assentiu e eu não estava surpreso por isso.

— Está aqui?

— No portão — disse ele — Berrando!

Eu poderia rir se a situação não fosse dramática.

— Leve-a para o escritório do *Pakhan* e peça que alguém diga a ele que me aguarde por um instante.

Daria as respostas que Irina tanto queria e a despacharia de volta para a segurança de sua casa. Aqui não era lugar para ela. Estávamos atrás de

PERIGOSAS ACHERON

Boris, mas isso não queria dizer que ele não estava arquitetando alguma forma de nos atacar.

— Você é um imbecil, Guriev! — foi a primeira coisa que ela disse ao me ver.

Seu rosto vermelho pela raiva ou por ter passado um bom tempo gritando no portão, como disse o *boyevik*, se possível, a deixou mais graciosa, pelo menos aos meus olhos.

— E você, intrometida — rebati cruzando meus braços para evitar ir até ela e sacudi-la — Que parte do ‘não podemos lidar com suas infantilidades agora’ você não entendeu?

— Infantilidades?

— Porra, Irina! — fiz algo que não costumava fazer, perdi a cabeça — Kyara está nas mãos do Boris. O Dmitri está quase maluco e, para piorar tudo isso, sabemos que ela está grávida. Isso está bom para você? Pode voltar para casa e nos deixar cuidar do assunto ou vai continuar a agir

como uma *suka* mimada?

Vi seu corpo tremer e ela avançou lentamente até mim, lançando-me seu olhar raivoso.

— Essa cadela mimada — disse com a calma que diferia da fúria em seu rosto — Pode encontrar a Kyara.

— O que você quer dizer? — perguntei perturbado — Sabe onde Kyara está?

— Não foi isso o que eu disse, Vladic.

— Acabou de me dizer isso, sim.

— Eu disse que sei um jeito de encontrá-la.

Ela se afastou de mim cruzando os braços exatamente como eu fazia.

— Eu implantei um chip rastreador nela — disse ao me dar um sorriso presunçoso — Então, Vladic, ainda quer que essa cadela mimada se retire?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ye-bat![\[5\]](#)

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Kyara Smirnov

Seja forte.

Foi o que passei a dizer a mim, mas como eu poderia ser forte se a cada hora, cada minuto e cada dia que passava parecia uma tortura. O dia anterior foi o pior de todos, pois, teria sido o dia do meu casamento. O dia que leria meus votos para Dmitri e, juntos, juraríamos ser um do outro até que a morte se colocasse entre nós.

A única coisa boa, se é que poderia dizer assim, foi que Boris não cumpriu a promessa de se unir a mim no jantar, nem mesmo Feliks apareceu, apenas um outro *boyevik*, que deixou a comida no quarto e não retornou nem mesmo para recolher a louça usada depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo com o avanço das horas e uma indicação de que Boris não viria mesmo até o quarto onde me mantinha trancada, na hora do banho, prendi uma cadeira contra a porta e arrastei outra até o banheiro.

Eu me limpei o mais rápido que consegui, mal me sequei com a toalha antes de vestir a roupa rapidamente. Jeans e uma camiseta, sobre ela um suéter confortável. Precisava ser prática e vestir algo que não me atrapalhasse a fugir, caso alguma oportunidade surgisse.

À noite, e para dormir, era sempre pior. Despertei várias vezes durante a madrugada com a sensação de que estava sendo vigiada, ou com temor de ser tocada novamente. Era uma sensação tão ruim e angustiante que pegar no sono outra vez se transformava em uma grande batalha, aos primeiros sinais de luz do dia desisti.

Quanto tempo mais?.

PERIGOSAS ACHERON

Vinha tentando manter a fé de que esse grande inferno que vivia iria chegar ao fim. Procurando não enlouquecer ao vagar por cada centímetro do quarto ou olhando os guardas lá fora, observando o que dava de suas rotinas e troca de plantão.

Às vezes, pensar em Dmitri, nos momentos doces e felizes que tivemos, ajudava a renovar minhas esperanças; às vezes, pensar em nosso futuro juntos com nosso bebê fazia minhas forças renascereem. Outras vezes, como agora, isso machucava muito.

Apertava a barra de ferro na janela — que era onde eu passava a maior parte do tempo fora da cama, quando a porta foi aberta atrás de mim. Eu virei rapidamente em direção a ela. Vi Sonya entrar e o *boyevik* que fazia a guarda na porta fechá-la atrás dela.

— Oi, Kya — disse ela.

— Por quê, Sonya? — essa era a única coisa que eu desejava que ela me dissesse — Por que fez isso comigo?

Ela não me deu uma resposta, não de imediato, e eu começava a me perguntar se era mais um plano entre ela e Boris. Alguma forma nova e cruel de tentar me enlouquecer e desestabilizar.

— Não foi algo contra você — ela suspirou e apoiou as costas contra a porta ao levantar o queixo para mim — Acha que tive muitas escolhas? Ou estava do lado de Boris ou fora do caminho dele.

Por que eu deveria me surpreender ou ainda ficar magoada com a justificativa de Sonya? Ela é uma Kamanev e eles sempre colocaram os desejos e necessidades deles acima de todos. Sonya tinha agido assim a vida inteira.

— Você poderia ter me procurado. Poderia

ter pedido ajuda e eu a teria socorrido como sempre fiz — não queria deixar transparecer minha mágoa, mas era impossível, eu não sabia ou conseguia ser fria como Sonya — Em vez disso, traiu a minha confiança. Me roubou do meu lar, dos braços do homem que amo, do pa...

Calei-me rapidamente dando as costas a ela. Não podia contar a Sonya sobre meu bebê, concluí abraçando meu ventre. Ela contaria a Boris se pudesse tirar alguma vantagem sobre isso.

— Ouça, Sonya. Eu sei o quanto o seu irmão pode ser cruel e violento. Apesar de dizer que não teve escolha, agora você tem — virei-me para ela — Pode mudar isso. Ajude-me a sair daqui.

Ela me deu um sorriso escarnecido.

— Facilitar sua fuga será um milhão de vezes pior do que ter me recusado a trazê-la — disse ela — Além disso, agora é tarde demais.

Boris irá enfrentar Milanovic. Ele não está sozinho, Kyara. Há outros *Kapitany* com ele. A guerra foi declarada e nós estamos em lados opostos.

E eu nunca quis estar no meio dessa guerra, eu sempre a temi. Mas se tinha que escolher um lado, escolhia o lado de Milanovic. Sempre seria Dmitri.

— Sonya, por favor — supliquei esperando que ela ouvisse a voz da razão — Dmitri nunca irá perdoar você. Ele pode...

Não consegui concluir a frase.

— Me matar? O Boris também pode. Isso não é injusto, Kyara? Dois homens brigando pelo seu amor — disse ela com rancor — Dois deles desejando minha morte, não importe que decisão eu tome.

Era típico de Sonya me fazer sentir culpada quando eu não era. Fui parar na casa de Dmitri por causa dela, para tirá-la de uma de suas
PERIGOSAS ACHERON

confusões. Estar presa aqui era por culpa dela também.

— De qualquer forma, estamos muito longe. O *Pakhan* nunca irá encontrar onde você está, mesmo que Boris perca.

O Pakhan nunca irá encontrar...

Sua afirmação ameaçou me desestabilizar, então, algo que ainda não tinha refletido veio como uma ferroada em minha cabeça, fazendo-me erguer a mão até o canto da minha orelha.

O chip!

Com o chip que Irina havia implantado em mim havia grandes chances de Dmitri conseguir me localizar muito em breve.

— Dmitri vai me encontrar, Sonya, sei disso.

Ela balançou a cabeça e deu as costas a mim, batendo o punho contra a porta até esta ser aberta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sempre foi muito inocente, Kya, e é isso que pode destruir você, não o Boris, ou eu. Não sou sua inimiga, embora pareça. Sinto muito por tudo. Espero que um dia possa me entender.

— Sonya, por favor — caminhei até ela, mas a porta foi fechada rapidamente.

Apoiei minhas costas e fiz uma oração que reafirmava minha confiança em Dmitri. Ele iria me encontrar. Eu tinha certeza disso. Só precisava continuar me mantendo segura e buscando oportunidades de sair daqui.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Boris Kamanev

Analisei as facas alinhadas sobre a mesa e escolhi uma delas, a que tinha uma lâmina mais alongada e o cabo de madeira mais curto. Encarei o alvo com uma foto retalhada de Dmitri Milanovic e atirei.

Bem no meio de sua testa.

Peguei outra e outra faca até a pilha em cima da mesa desaparecer e o *boyevik* ir até elas e voltar a empilhá-las uma a uma sobre a mesa onde me encontrava. Eu tinha passado a última hora praticando e retalhando todas as fotos que o *boyevik* trocava, imaginando ser o desprezível Milanovic. Só que agora me sentia cansado e aborrecido. Queria entrar em ação, mas não poderia

dar meu próximo passo até que Feliks aparecesse trazendo as informações que pedi.

Estava estranhando o silêncio do *Kapitan* Dembinsky desde que trouxe Kyara até aqui. Os outros *Kapitany* também não entraram em contato para darmos seguimento ao plano e esse era o momento de atacar Dmitri, o momento que ele se encontrava desestabilizado para encontrar a noiva perdida e que não estaria com cabeça para pensar em mais nada. Milanovic mostraria a todos o que sempre pensei dele, que era um fraco.

— Senhor?

Olhei para a porta de onde vinha o chamado e vi Feliks que finalmente havia retornado de sua missão.

— Deixe-as aí — disse ao homem organizando minhas facas e fiz um sinal para que Feliks entrasse — As usarei mais tarde, pode ir.

Esperei o homem se retirar e após ele

fechar a porta, ordenei que Feliks relatasse o que descobriu sobre o que está acontecendo em Moscou.

— Nenhum dos *Kapitany* pôde ser localizado — disse ele — Não considera no mínimo estranho?

Isso era estranho, mas não alarmante. Além de Plotnikov, Matveev, Dembinsky, Vakhstein e Kovalyov, mais quatro *Kapitany*, todos de Segunda Elite, haviam se unido à minha causa de derrubar o atual *Pakhan*. Os seus *boyevik* tinham sido enviados a mim. Eram cerca de 120 homens mantendo esse lugar seguro.

Eu só tinha que manter Dmitri desestabilizado até finalizar o meu plano, talvez na próxima ligação eu colocasse Kyara na linha, isso certamente o deixaria alucinado.

Uma gargalhada incontrolável ecoou pela sala e fez Feliks me olhar entre intrigado e receoso.

Devia me achar louco. Já havia alertado que muitas coisas que havia feito pareciam loucura, mas as minhas loucuras tinham me trazido até aqui, prestes a me tornar o novo *Pakhan* da Bratva.

— Devem estar reunidos em algum lugar. Sabem que a casa do *Pakhan* não é segura agora — dei de ombros.

Não estava nos planos sequestrar a noiva de Milanovic no dia anterior ao seu casamento. O plano original era atacar a casa do *Pakhan* durante a festa de casamento, eliminando todos os que se atrevessem a ficar em nosso caminho. Mas eu não podia colocar em risco a vida de Kyara. Além disso, eu dava as ordens, e não eles.

Agora, eu só precisava reuni-los mais uma vez e explicar que o meu plano era melhor que o deles e com menos baixas de nossos soldados.

— Vá até Moscou — nesse primeiro momento, ele só havia verificado essas informações

com seus contatos — Use o helicóptero, não levará mais do que algumas horas para ir e voltar. Veja o que está acontecendo. Não me ligue, as linhas podem estar sendo rastreadas.

Embora estivesse usando dois telefones descartáveis, já que o terceiro havia jogado fora após minha ligação para Dmitri, precisava admitir que os *Obshchak* comandados por Ivan Trotsky eram competentes. E havia a filha de Novitsky, Irina, outra coisa que me irritava nessa administração fraca; mulheres deveriam ficar em casa mantendo-se belas para seus maridos e dando a eles herdeiros.

— Todo o cuidado é necessário — disse a Feliks antes que ele saísse — Queremos pegar Dmitri de surpresa e não o contrário.

— Farei como quer.

— Feliks? — o chamei antes que abrisse a porta — Lembra do que te prometi? Sonya será sua

PERIGOSAS ACHERON

e você será meu *Avtoriyet*.

Se Feliks estivesse pensando em vacilar, o que tinha a ganhar com sua fidelidade aticou sua chama da ambição e o fez seguir firme ao meu lado. Era um tolo que nem desconfiava que seu destino já estava selado assim que eu me tornasse o *Pakhan*. Sonya seria dada a um outro *Kapitan* de minha confiança. Eu não mancharia o sangue de minha família com um soldado ambicioso e burro.

— Volto em breve, senhor — disse ele ao sair.

Por enquanto, e para o bem dos meus planos, Feliks era essencial. Olhei para a mesa e para a nova foto de Dmitri presa ao alvo, eu queria fazer outra coisa.

Fui até o meu quarto e abri a porta do *closet*. Passei a mão pelas fantasias até encontrar a que mais me agradava. Sorri maliciosamente ao imaginar como Kyara ficaria nela e esfreguei o meu

PERIGOSAS ACHERON

pau, que já começava a enrijecer apenas com as imagens se formando em minha cabeça. Depois abri uma caixa onde guardava vários brinquedinhos sexuais, tirei alguns acessórios de dentro dela.

— Stepanov, venha comigo — disse ao *boyevik* em minha porta que me seguiu até o quarto em que mantinha Kyara trancada.

O soldado na porta a abriu para que eu entrasse. Avistei Kyara na cama, ela se encolheu ao me vir entrar. Isso era algo que me incomodava, continuar esperando de boa vontade que ela enxergasse de uma vez por todas que eu era o homem certo para ela, mas já que fazê-la entender com impassibilidade não estava funcionando, talvez fosse o momento de mostrar quem realmente estava no comando e aqui ela não tinha escolha.

Eu dou as ordens e ela se curva a mim.
Dentro e fora do quarto.

— Vou atender seu pedido de sair do

quarto por alguns minutos — meu olhar libidinoso varreu o pouco que via de seu corpo encolhido — Mas será nos meus termos e condições.

Aproximei-me da cama, deliciado com seu olhar assustado e sua reação quase me fez rir.

— Coloque isso — joguei a roupa de couro preta em cima da cama ao lado dela.

Vi a pequena chama de esperança nos olhos dela mudar para um olhar nauseado ao encarar a fantasia, depois, os elevou descrente até mim.

— O que... que é isso?

Com certeza o bundão do Milanovic não fazia a mínima ideia do que fazer para agradar uma mulher na cama, mas eu iria ensinar Kyara muitas coisas.

— Se vai agir como uma *suka* — disse a ela abrindo um sorriso debochado —, vista-se como tal. Agora vá se vestir ou eu mesmo faço isso

agora.

Dei dois passos em direção a ela que rapidamente se levantou e correu com a fantasia até o banheiro. Uma gargalhada cruel, tenho que confessar, ecoou pelo quarto. Eu me sentia diabólico e isso me deixava excitado.

Quando o tempo que achei suficiente passou, bati com força na porta do banheiro. Estava sendo complacente demais com Kyara e não podia cometer os mesmos erros que Milanovic me mostrando fraco para ela.

— Saia daí, Kyara, ou juro que derrubo essa maldita porta!

Bati mais uma vez e quando estava prestes a me afastar e mandar que Stepanov cumprisse a minha ameaça, a porta começou a ser aberta lentamente. Kyara surgiu de cabeça baixa, os olhos fixos no chão se recusando a me encarar.

— Boris... por favor — ela lamentava e,
PERIGOSAS ACHERON

infelizmente, não dava para afirmar se o tom choroso refletia em seus olhos.

Aproximei-me dela e segurei o seu queixo com força, obrigando-a a me encarar: — Está linda, Kya.

Puxei-a para meus braços, esfreguei meu rosto em seu pescoço, o que a fez se retorcer. Mexi com o rabo de cavalo acoplado à fantasia de cadela que dei a ela e meu corpo começou a reagir a isso.

— Stepanov? — chamei o homem que surgiu atrás de mim — Passe as correntes, pulseiras e a coleira.

Foi delicioso me deparar com o ar assustado de Kyara quando a soltei para pegar os objetos que o *boyevik* me entregava. Dei-me conta nesse momento que apreciava muito mais seu olhar de medo do que o apaixonado que sempre desejei ver espelhado neles.

— Me dê seus pulsos, Kya — ordenei

PERIGOSAS ACHERON

vendo o horror estampado nela se intensificar.

— O que... o que você pretende fazer?

Estiquei a mão passando-a em seu rosto angustiado. Era como provocar um bichinho indefeso com um espeto. Isso era muito divertido.

— Não me pediu para sair um pouco deste quarto? — disse apertando seu queixo com certa brutalidade.

Sua aflição me impulsionava, sempre gostei de lidar com dor nas mulheres que levava para a minha cama, poder fazer isso com Kyara elevava ainda mais minha libido.

— Precisa colocar a coleira primeiro.

— Eu não quero!

Ela tentou fugir, mas agarrei seus pulsos com ainda mais agressividade e com a ajuda de Stepanov, que passou a segurá-la no lugar, preendi uma das pulseiras em seu pulso. O mesmo foi feito na outra mão e a coleira em seu pescoço, todas

unidas às correntes que se tornavam uma só em minha mão.

— Eu sou seu senhor, Kyara — com um puxão brusco nas correntes a fiz dar alguns passos — Quanto antes entender isso, mas fácil a vida ficará para você.

As lágrimas que há muito custo ela tentava segurar, começaram a deslizar pelo seu rosto. Submissão poderia ser considerada uma situação humilhante se a parte submissa não estivesse acostumada, mas eu estava aqui para doutrinar Kyara. Seria minha cadelinha e se sujeitaria a tudo que eu pedisse a ela.

— Hora de seu passeio, minha *suka* — disse ao arrastá-la para fora do quarto.

O soldado na porta a olhou rapidamente, mas vi o vislumbre de admiração nos olhos dele, antes que rapidamente desviasse o olhar. Eu não me

importava que outros admirassem o que me pertencia, principalmente as mulheres. Que invejassem o que eu tinha desde que não tocassem como Milanovic se atreveu a fazer.

Sempre que lembrava que o desgraçado a tocou, que a fez dele antes de mim, me colocava insano.

Kyara sempre foi e sempre seria minha.

Andamos por um longo corredor e passamos por algumas portas até chegarmos a uma escada larga. Tratava-se de um castelo antigo feito de pedras, com muitas entradas e saídas que precisavam ser protegidas.

Quando chegamos a uma sala, observei seis *boyevik* carregando fuzis andando entre si, fazendo a guarda. Como o soldado parado na porta de Kyara, esses também mostraram surpresa e interesse em vê-la vestida assim.

Estava muito claro em seu rosto e na

forma que abaixava a cabeça tentando cobrir o rosto com os cabelos, que ela se sentia humilhada, não apenas pela situação, mas pela forma com que cada um dos homens por quem passávamos a encarava.

Isso era bom, mostrava a Kyara quem estava e sempre estaria no controle de sua vida, eu.

O lado de fora do castelo, cercado por montanhas a perder de vista e muitas árvores em volta, servia como uma opção de defesa. Também havia um muro de pedra e, como dentro da casa, muitos *boyevik* em movimento, armados. Eu havia me preparado para uma guerra, mas esperava não precisar chegar a tanto.

Notei Kyara vacilar quando a puxei pela corrente mais uma vez.

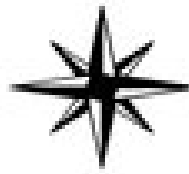
— Está temerosa, Kya?

Eu conseguia identificar o pavor emanando dela, um sorriso satisfeito se alargou em

PERIGOSAS ACHERON

meu rosto.

— Eu tenho tudo sob controle — disse puxando a corrente em seu pescoço, trazendo-a para junto de mim — Inclusive você.



Sonya Kamanev

Kyara, de um jeito ou de outro, tinha sempre o que queria. Foi assim desde criança. Com aquela cara de idiota e olhar inocente fazia com que os idiotas comessem na palma de sua mão sem precisar se esforçar muito. Primeiro, minha mãe que acolheu a menina chorona pela morte dos pais como se fosse sua filha. Depois, meu pai que mesmo quando eu o Boris aprontávamos e colocávamos a culpa em Kyara, pegava leve nas

reprimendas e castigos. Acho que ele sentia culpa pelos pais dela terem morrido inocentemente e por causa dele.

Boris também, apesar da implicância e certa crueldade na infância, havia caído nos encantos de Kyara. Agora Dmitri Milanovic, o *Pakhan*, tinha olhos apaixonados por ela. Com seu jeito sonso conseguia tudo. Por um tempo, foi útil para mim. Ela nunca desmentia quando eu colocava a culpa nela e sempre encobria o que eu fazia fora de casa, e pudesse desagradar meus pais e irmãos.

Ela também era fácil de manipular, embora depois de ter ido morar com o *Pakhan* tenha ficado mais questionadora. E eu não podia dizer o que realmente pensava sobre ela antes que isso tudo terminasse.

Boris tinha garantido que tinha condições de vencer essa guerra e eu estava ao lado dele porque realmente não havia escolha. Mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

podia descartar a ideia de que o *Pakhan* vencesse meu irmão. E se isso acontecesse, Kyara era a única que poderia me manter viva. Apelar para seus sentimentos de irmã era o caminho certo. Por isso demorei a vê-la, e quando a vi, não disse nada mais que o essencial. Ela precisava acreditar que Boris me forçava e minha recusa em ajudá-la a fugir devia-se apenas ao fato de temê-lo, o que não era de todo mentira. Porém, antes, eu queria saber que lado venceria para depois tomar qualquer decisão.

E a única parte realmente ruim nessa espera era ter que ficar nesse mausoléu que Boris chamava de fortaleza. Então, para aliviar um pouco a monotonia, busquei minha bolsa jogada dobre a cama e procurei uma das cápsulas dentro dela.

Abri a tampa e joguei o pó branco em cima da mesa. Procurei o cartão de crédito dentro da bolsa e ajeitei a droga até que se formasse um filete, não deixando nada ser desperdiçado. Fiz um

canudo com a nota, depois, me inclinei sobre a mesa. Tapei a narina esquerda com o polegar e aspirei o pó branco sobre a mesa até que não restasse nenhum miligrama.

Como um tiro, uma onda de euforia pacífica começou a circular em mim. A sensação de poder e energia me fizeram parecer invencível. Levantei e coloquei uma música para tocar no quarto. Dançando e girando fui em direção à janela.

Vi Boris e seus soldados caminharem com Kyara que usava uma fantasia de cachorro com rabo e orelhas, enquanto era arrastada pelo meu irmão. Conhecendo-a bem, tinha certeza que isso a estava destruindo por dentro. Toda situação era realmente muito humilhante. Mas eu me afastei da janela e fechei meus olhos voltando a curtir a música.

Eu queria conversar e fazer sexo e liberar toda essa energia que estava sentindo, então,

PERIGOSAS ACHERON

caminhei até a porta e abri.

— Você quer me foder? — perguntei ao *boyevik* no corredor quando me apoiei na porta entreaberta.

— Como, senhorita?

Comecei a rir de sua cara espantada e o chamei com o dedo. Grande parte dos soldados espalhados pela propriedade era musculoso, nem todos bonitos, o que eu atraía para o meu quarto não era, mas tinha um corpo que me agradava.

— Perguntei se quer me foder?

Fechei a porta quando ele entrou, ainda desconfiado e comecei a tirar minha roupa.

— Porque eu quero que me foda — murmurei e avancei para tirar as roupas dele também — Até que eu comece a gritar.

Beijei-o impedindo que qualquer sinal de racionalidade o impedisse de seguir com o que estava pedindo. Se Boris suspeitasse de algo assim,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nós dois estaríamos ferrados. Mas Boris estava entretido com Kyara. Ela que lidasse com as loucuras dele.

No momento, estava superfeliz e só queria curtir isso. O que acontecia a Kyara não me importava desde que o resultado disso não me atingisse.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Dmitri Milanovic

Depois que Irina proferiu a palavra chip, todo o restante que ela me dizia perdeu um pouco do foco. Era como se ela mexesse os lábios e som algum saísse por eles.

— Você colocou um chip em minha mulher?

Irina tinha muita sorte por nesse momento existir uma mesa separando nós dois.

— O que passou em sua cabeça para fazer algo como isso, Irina? — apesar da calma em minha voz, eu estava muito louco com ela — E ainda sem me consultar.

— Foi antes de irem à Suíça — respondeu

ela, esfregando a mão uma na outra, o único indício de que também estava nervosa — Kyara nem tinha certeza do que você sentia por ela. Eu não queria que ela fosse embora de Moscou, então, a convidei para me ajudar nesse projeto.

— Ainda assim, eu deveria saber — sua explicação não minimizava a gravidade da situação — Tudo o que acontece na Bratva deve ser comunicado a mim. Tudo o que acontece no seu trabalho deve ser comunicado a mim.

Ela assentiu baixando o olhar. Esfreguei meu rosto tentando manter a calma.

— Ela está grávida — precisei dizer isso porque os resultados do trabalho de Irina me preocupavam — O que fez pode causar mal a Kyara ou ao bebê?

— Nenhum mal. O material que o reveste é parecido com o que se usa em silicones e implantes. Também é muito pequeno, um

PERIGOSAS ACHERON

microchip, não causa desconforto, mal é possível notar e sentir.

Essa declaração me deixou um pouco mais aliviado. Os efeitos colaterais que Kyara e nosso filho pudessem sofrer por terem sido cobaias das experiências de Irina eram o que mais estava me preocupando nessa história.

— Então, você sabe onde Kyara está? — levantei querendo levar a informação imediatamente até Ivan para que pudéssemos armar um plano de resgate e trazer minha mulher e meu filho de volta.

Sim, mulher. Kyara tinha se tornado isso para mim desde que aceitou meu pedido e eu passei o anel feito de elástico no dedo dela.

— Não exatamente.

— Como assim? — a encarei com olhar duro.

— Ela precisa desenvolver melhor o

alcance — respondeu Vladic — Sua pesquisa veio do laboratório até aqui.

— É como... Já entrou na cabine de um navio? Sabe quando aparece na tela as linhas pontilhadas? — disse ela, a cientista dentro dela ganhava mais espaço e empolgação — Eu preciso ampliar essas frequências. No momento, o ponto que liga ao chip de Kyara é inexistente...

— Isso quer dizer? — indaguei impaciente.

— O que vocês já devem saber — respondeu ela — Em Moscou, ela não está.

A Rússia era o maior país do mundo com um território de 17 milhões de quilômetros, Boris poderia ter escondido Kyara em qualquer lugar.

— Quanto tempo acha que irá levar para ampliar seu alcance e aprimorar sua experiência?

— Um dia, uma semana, meses — a resposta não me agradou nem um pouco — Não

posso dar uma certeza, Papa. O que posso dizer é que não descansarei até encontrar Kyara.

Olhei para Vladic, ele não queria Irina envolvida nessa confusão, mas ela podia ajudar Ivan, e mesmo correndo o risco de deixá-lo aborrecido, não iria abrir mão dela.

— Tudo bem — disse Vladic — Estamos todos juntos nessa.

Vladic acatava minha decisão não apenas porque eu sou o *Pakhan* e minha decisão prevalecesse sobre tudo, ele fazia por mim o que certamente eu faria por ele, se nossos papéis fossem diferentes.

— Quero que você fique aqui e trabalhe com Ivan. O que precisar será trazido até você — disse a ela — Se precisar descansar em algum momento, há vários quartos de hóspedes. Ajude-me a trazê-los de volta, Irina.

Recebi seu olhar lacrimojante e

compadecido, assim como observei seus lábios tremerem levemente. Irina tinha grande carinho por Kyara e isso a faria se dedicar ao máximo para ajudar a encontrar sua amiga.

— Darei cem por cento de mim — garantiu ela.

Eu queria acompanhar cada parte do processo e as investigações, mas havia outros assuntos que também precisava tratar, não apenas por ser o *Pakhan*, mas porque o que viria a seguir iria firmar meu governo como nossa segurança no futuro.

Fui para o meu quarto me aprontar para a cerimônia e quando abri a porta me deparando com o vestido de noiva de Kyara pendurado no mesmo lugar, foi como ter recebido um golpe no estômago sem que estivesse preparado para isso.

Eu não podia permitir que Dmitri Milanovic dividisse o espaço com o *Pakhan*, me

PERIGOSAS ACHERON

desligar dos meus sentimentos era o que estava me mantendo em pé até aqui. Voltei ao corredor e chamei um *boyevik*, pedi que levassem o vestido até o antigo quarto de Kyara na casa, depois, segui para o banho.

Cerca de quase uma hora depois, estava pronto e em meu escritório tendo em cada lado de mim Vladic e Nikolai, a postos e à espera de minhas ordens.

Um novo juramento seria feito por todos os *Kapitany* de Primeira Elite e os quatro de Segunda que não haviam se unido a Boris. Depois disso, todos seriam levados à arena para assistir o fim daqueles que ousaram tentar me trair. Eles seriam dados como experiência do que acontecia com quem sonhava em enfrentar o *Pakhan*.

— Pode mandar entrar o primeiro — disse a Nikolai, que saiu em direção à porta.

— *Kapitan* Kireev — disse Vladic quando

o primeiro surgiu à porta.

Eu conhecia cada um deles, mas fazia parte da cerimônia cada um ser devidamente apresentado.

O *Kapitan* Kireev era um dos mais velhos. As especialidades de sua família eram jogos legais e, principalmente, os ilegais, assim como lavagem de dinheiro que esses meios propiciavam.

— Você jura lealdade ao seu *Pakhan* e...

Vladic deu início ao juramento, um a um ouviriam as mesmas palavras ao cruzarem a porta e se ajoelharem perante mim.

— O coração de Bratva é o *Pakhan*. O meu corpo será sempre o seu escudo — disse Kireev e beijou o anel em minha mão, estendida a ele — *Bratstvo prezhde vsego*.

— A irmandade acima de tudo — repeti seu juramento.

— Minha vida e a dos meus *Boyevik*

PERIGOSAS NACIONAIS

pertencem ao *Pakhan* — disse Kireev reafirmando o que já esperava dele.

Com o juramento dos *Kapitany*, eu também ganhava deles os seus soldados, formando um exército de mais de trezentos e quarenta homens contra o número menor que Boris pudesse ter arrebanhado dos *Kapitany* que o apoiavam. Eu havia entrado na guerra e não sairia morto dela antes de aniquilar Kamanev. Por Kyara e pelo que fez ao meu pai.

Os *Kapitany* continuaram a entrar, o mesmo discurso e juramento foram realizados um após o outro. Quase duas horas depois, voltou a ser apenas eu, Vladic e Nikolai no escritório.

— Preparem meu carro para ir até a arena — ordenei a Nikolai.

— Já foi feito, Papa.

Assenti e ele saiu para ajustar algum detalhe que fosse preciso.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou ter algumas palavras com Ivan antes de sair — eu queria saber se houve algum progresso, embora já soubesse a resposta. Ainda era muito cedo para ter qualquer boa notícia.

Se Ivan tivesse descoberto algo, teria me avisado imediatamente.

— Irina já retornou?

— Deve chegar em alguns minutos — disse ele ao consultar o celular — Está trazendo todas as suas coisas.

Embora meu desejo fosse que Irina encontrasse Kyara em um piscar de olhos, tinha consciência que mágicas não poderiam ser feitas. Ao lado de Ivan, ela daria o seu melhor e eu só podia ser otimista para que isso ocorresse em um curto espaço de tempo, não sei se conseguiria continuar me mantendo firme por mais tempo.

Fui até Ivan, ele garantiu que além de Irina, o americano-russo iria ajudar. Juntos

PERIGOSAS ACHERON

trabalhariam mais rápido. Ficou claro que Vladic não ficou nada feliz com a nova adição, mas decidiu não dar atenção à sua cara feia. Se dissessem que um padre com suas orações poderia nos ajudar, o arrancaria da igreja mais próxima e o trancaria no escritório até ter de volta Kyara e nosso filho.

Voltei a prestar atenção em tudo que Ivan tinha a me falar sobre o que Irina e Tigran pretendiam fazer, ignorando o bufar de Vladic atrás de mim.



Vladic Guriev

Acompanhava a conversa entre Dmitri e Ivan quando recebi a mensagem de um dos *boyevik* na entrada da casa, avisando que Irina já havia

chegado. Afastei-me dos dois sorratamente e caminhei apressado ao encontro dela.

— Cuidado com essa caixa — ela estava de costas para mim dando ordens aos homens que carregavam seus equipamentos.

O americano estava ao seu lado e tinha a mão unida a dela. Por que diabos Voronov estava segurando a mão de Irina? Ele não deveria nem mesmo respirar o mesmo ar que ela, que dirá ter a ousadia de tocá-la de forma tão íntima.

Continuei a observá-los, meus dedos se fechando com força. Nenhum dos dois tinha me avistado ainda. Vi Tigran erguer a outra mão e com a ponta dos dedos, colocou uma mecha de cabelo dela, que havia se soltado do penteado, atrás da orelha. Depois, ele sussurrou algo que a fez sorrir. Foi o suficiente para mim.

— Irina!

Os dois se viraram surpresos em minha

PERIGOSAS ACHERON

direção. Irina puxou rapidamente a mão que Tigran segurava, mas isso não aplacou um por cento da minha ira.

Segui até ela ficando frente a frente. A minha vontade era colocá-la sobre meus ombros, arrastá-la escada acima e a trancar no quarto mais próximo. Como eu podia confiar deixá-la trabalhando com o maldito americano enquanto estivesse na arena com Dmitri se estava claro que com a mínima oportunidade o filho da puta iria jogar seu charme para cima dela?

— Venha comigo! — disse rude, pegando a mão dela.

— Mas o que você está fazendo, Guriev? — ela tentou se soltar enquanto eu a arrastava em direção ao escritório de Dmitri.

O único lugar que eu acreditava ter um pouco de paz e privacidade para me acalmar e lidar com Irina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignorando seus protestos, eu a guiei até a sala e só soltei sua mão quando atravessamos porta adentro e me escorei contra ela, impedindo qualquer possibilidade de Irina escapar.

— Você está aqui para trabalhar ou se divertir com o americano?

— Como?

A surpresa em seu rosto era genuína, assim como a raiva que vi surgir em seguida.

— Eu tenho que admitir que você é inteligente — disse a ela e minha afirmação só fez suas narinas inflamarem mais.

Pizdets^[6]! Pelo olhar assassino que me dava, significava que eu só estava piorando as coisas.

— Mais inteligente do que a maioria das mulheres que conheço.

Tentei consertar, mas pareceu não ter causado muito efeito.

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez as outras mulheres não tenham conseguido mostrar o quanto eram inteligentes — iniciou ela inflamada — Porque você só estava interessado em tirar as roupas delas.

Outro ponto que eu precisava admitir. Ser *Avtorieyt* ocupava noventa e nove por cento do meu tempo. E quando estava livre, optava por relacionamentos rápidos e superficiais de, no máximo, uma noite. Geralmente escolhia alguma prostituta no cassino ou alguma mulher comprometida, carente e solitária no bar. Sexo e um *nos vemos por aí*. Não havia motivos para conversas longas e confissões de ambas as partes. Meu estilo de vida não cabia amantes fixas como Dmitri fizera por anos.

— Por que aquele bosta está aqui? — não queria discutir meu estilo de vida com ela — Você é bem capaz de fazer tudo sozinha, sem ele.

— É claro que eu posso — disse ela

PERIGOSAS ACHERON

cruzando os braços — Desenvolvi o chip sem ele. Só que não temos muito tempo agora. E Tigran me ajuda a ver as pontas que tenha deixado soltas.

Racionalmente fazia sentido e eles já trabalhavam juntos no dia a dia, mas eu não queria ser racional.

— Não quero que ele a toque mais do que o necessário.

Seus lábios abriram e fecharam surpreendidos e meu único pensamento diante de sua indignação era de como gostaria de beijá-los.

— Você não quer? — ela conseguiu falar finalmente — Quem você pensa que é, Guriev? O meu pai?

Ela ficava *sexy* feito uma diaba quando estava zangada. Sorri deliciado com isso.

— O seu pai — estiquei minhas mãos, agarrando os braços dela — Não faria isso.

Puxei-a para mim e antes que Irina tivesse

PERIGOSAS ACHERON

qualquer chance de protestar, coleí minha boca na dela. Movimentei os lábios forçando-os a se abrirem e invadi-os com a minha língua.

Ouvi seu gemido rendido e quando seus braços se descruzaram e ela apoiou as mãos em meu peito, puxei-a mais de encontro ao meu corpo. Era a primeira vez que eu a beijava, mas não parecia ser. Como se meu corpo a estivesse reconhecendo de alguma forma.

O beijo foi se tornando mais apaixonado e mais intenso. Como se eu pudesse absorver sua alma para dentro de mim, como se eu necessitasse me alimentar disso, me alimentar de Irina, e parecia que eu tinha uma fome feroz.

— Vladic — ela ronronou quando abandonei seus lábios e percorri os meus em seu pescoço.

Ela cheirava a flores do campo. Irina conseguia ser forte e delicada ao mesmo tempo.

Essa mistura mexia comigo mais do que eu deveria admitir.

Cobri seus seios com as mãos, apertando-os para testar a maciez e volume e isso a fez fechar os olhos e tombar a cabeça para trás. Mordi seu pescoço e fui subindo minha boca até encontrar seus lábios mais uma vez, agregando o inferior com os dentes, puxando-o de leve.

Os dedos de Irina agarraram a minha camisa e eu impulsionei meu quadril contra ela e esfreguei meu pau rijo e ansioso por fodê-la. Enquanto a beijava, desci minha mão pelo seu ventre e, sem aviso, a enfiei por dentro de sua calça jeans.

— Só eu posso tocar sua boceta — sussurrei em seus lábios — Entendeu?

Havia um brilho colérico em seus olhos. Irina não era o tipo que recebia ordens e isso era o que mais me fascinava nela. Eu era o *Avtorieyt*,
PERIGOSAS ACHERON

mas ela nunca teve receios em me peitar.

Afastei suas pernas com o meu joelho para dar mais acesso à minha mão e encontrei o seu clitóris. Circulei o dedo sobre ele, colocando e suavizando a pressão confirme a acariciava.

— De quem é essa boceta, Irina?

Ela mordeu os lábios se recusando a dizer o que nós dois já sabíamos. Eu ficaria o resto da vida aqui até fazê-la confessar, não apenas que sua boceta me pertencia, mas todo o resto.

— Ohh... — ela gemeu e tremeu em meus braços quando deslizei meus dedos até a boceta começando a ficar molhada.

Umedeci os dedos e voltei a acariciar o clitóris casa vez mais inchado e sensível ao meu toque.

— Fale! — ordenei e a conduzi de costas até a mesa do *Pakhan* onde a fiz se apoiar — Estou esperando, *mílaya*.

Suas unhas cravaram em minha pele, mas isso não me incomodou. Ver a forma que Irina se derretia em meus braços e como tentava resistir confessar que pertencia a mim, conseguia muito mais da minha atenção. Meu pau parecia que ia explodir dentro da minha calça e eu só desejava socá-lo dentro de sua boceta apertada e molhada.

— Vladic — ela implorou quando belisquei seu clitóris com os dedos — Ohh, Vladic.

Ye-bat! Essa cadela estava acabando comigo.

— Fale, Irina!

Friccionei meus dedos mais uma vez, levando-a se contorcer.

— Eu... a...

Estava prestes a ouvir sua condição, quando a porta foi aberta.

— Guriev?

Putá. Que. Pariu!

Eu iria matar Nikolai Savin.

— O *Pakhan* aguarda você para sair e...
— ele se calou rapidamente quando percebeu que eu não estava sozinho — Ah, desculpe. Termine logo isso e venha.

Quando ele saiu batendo a porta, Irina colocou as mãos contra meu peito, tentando me afastar.

— *Gavno!* — urrou ela, batendo contra meu peito até que tirasse minhas mãos dela e a deixasse se afastar.

— Ele não viu você — tentei tranquilizá-la.

Eu era grande e tinha as costas largas o suficiente para manter boa parte do corpo de Irina escondido.

— Eu não sei o que é pior — esbravejou ela — Savin saber que era eu com você ou uma *suka* qualquer.

Ela estava incomodada com a possibilidade de que pudesse ser outra mulher no lugar dela e isso me agradou e muito, mas grande parte da raiva de Irina vinha do tesão reprimido; eu também estava assim, com o pau duro e dolorido. Eu a teria feito gozar se Nikolai não tivesse invadido a sala e nos interrompido. Também a teria feito confessar que sua boceta me pertencia.

Sorri diante dessa constatação, o que a fez olhar furiosa para mim.

— Você é um babaca, Guriev — gritou ao ajeitar suas roupas e os cabelos bagunçados.

— Um babaca que quase a fez gozar há minutos.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela fechou os punhos. Vacilou um pouco para frente, em minha direção, mas no último momento foi em direção à porta.

— Nunca mais se atreva a me tocar —

disse ao pegar a maçaneta — E a minha *boceta* só pertence a mim.

— Veremos — disse antes que ela abrisse a porta — Essa conversa ainda não terminou.

Irina saiu bufando, fazendo-me gargalhar cada vez mais alto. Eu sempre soube que por trás do olhar frio que ela sempre emitia, havia uma tigresa de sangue quente. Uma tigresa selvagem que precisava do homem certo para conseguir domá-la.

Esse homem se chamava Vladic Guriev.

Minha dedicação e empenho para que Kyara fosse encontrada e trazida de volta triplicava agora. Após isso, eu tinha certos assuntos para resolver com a Srt^a Novitsky.

Após sair do escritório do *Pakhan*, tive o prazer de cruzar com Voronov no corredor que levava à sala de Ivan. Agarrei-o pelo jaleco branco e o empurrei contra a parede.

— Nunca mais se atreva a colocar suas mãos sujas nela — as palavras saíram rangidas pelos meus dentes.

E eu pressionei o meu braço contra seu pescoço com força.

— Se tocar nela, vou arrancar suas mãos — ameacei e sentiria um prazer inenarrável de cumprir a promessa — Você me entendeu?

Ele não respondeu e teve a petulância de me encarar nos olhos e sorrir.

— Guriev? — ouvi a voz de Dmitri atrás de mim — O que está fazendo?

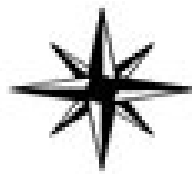
— Apenas dando um recado ao nosso cientista.

— Lide com isso depois — ordenou Dmitri — Temos que ir. A arena está pronta.

Soltei o americano petulante e esperava que para o bem dele tivesse entendido meu recado. De qualquer forma, deixaria um *boyevik* da minha

confiança de olho nos dois.

Eu tinha que me concentrar na Arena porque precisava fazer Dmitri se manter concentrado nisso. Até o momento, ele vinha agindo bem, mantendo o controle e deixando que o *Pakhan* falasse por ele. Mas essa situação já havia se sustentado por tempo demais. Se Kyara não fosse encontrada logo, Dmitri poderia fazer algo irracional como localizar Boris e negociar a libertação de Kyara por conta própria e, nesse caso, nenhum dos dois sairia vivo.



A arquitetura da Arena era muito parecida com o teatro grego de Dionísio, em forma de meia lua, visando a melhor acústica para abrigar uma plateia significativa. A diferença era que a nossa

era toda coberta e sua iluminação, feita por um grande número de jogo de luzes.

De frente ao proscênio e a plateia após ele, estavam duas cadeiras de espaldar alto, estilo tronos. A mais alta e mais larga seria ocupada pelo *Pakhan*, ao seu lado direito havia uma mais baixa e de *design* delicado, que estava destinado à sua esposa, se ele tivesse uma.

Tanto o *Avtorieyt* como o seu *Sovietinik* ficariam em pé à sua esquerda. Dando conselhos ou acatando as ordens do *Pakhan*. Dmitri entrou e a plateia composta por mais de quatrocentas pessoas fez um murmurinho ao vê-lo chegar. *Kapitany*, suas famílias e soldados, todos presentes e ansiosos para presenciar um espetáculo que há muito tempo não se via ali. Atualmente, a Arena só era usada para competições limpas entre *boyevik*, formação e juramento dos novos *Vor*.

Quando o *Pakhan* ergueu a mão esquerda,
PERIGOSAS ACHERON

todos na arena se calaram, silenciando o lugar. Por cima do terno negro, ele usava uma túnica aberta, branca e bordada com fios de ouro. O símbolo da Bratva, as estrelas sobrepostas, se destacava na roupa formal.

Dmitri iniciou seu discurso do porquê todos estavam aqui e qual a lição que os *Kapitany* de Segunda Elite teriam por ousarem se virar contra o seu *Pakhan*.

— Que inicie a disputa — ele finalizou.

Gritos estridentes e empolados ecoaram por toda a plateia. O centro do palco ficou escuro. Uma jaula veio deslizando pelo alto, parando no centro do proscênio. Luzes cruzadas corriam por toda arena até a jaula ser colocada no chão. Uma iluminação mais forte caiu sobre ela e quando os dois *Kapitany* acorrentados ali ficaram à vista, o público foi à loucura mais uma vez.

Eram dois homens jovens que garantiriam

à plateia um bom tempo de luta e divertimento.

— Vakhstein contra Kovalyov — disse *Kapitan* Dunin que estava encarregado de ser o mestre de cerimônias — Apenas um deles sairá do proscênio com vida. Façam suas apostas.

A explosão na plateia fez o chão tremer levemente. Gritos ecoavam de todos os lados. O *Pakhan* almejava vingança. Seus súditos desejavam sangue.

A batalha iria começar.

Capítulo 44

Dmitri Milanovic

A gaiola foi aberta e os dois *Kapitany* presos foram soltos e obrigados a sair dela. Ao lado de Dunin havia uma mesa de madeira rústica e comprida onde estavam depositadas as armas que seriam usadas durante o torneio. Os *boyevik* atrás de Kovalyov e Vakhstein os empurravam com um bastão em direção à mesa para que fizessem suas escolhas de armas.

Vakhstein olhou em direção a mim mais uma vez com olhar suplicante, ele acreditou que por ter delatado seus companheiros iria conseguir meu perdão. Mas um traidor como ele não merecia uma segunda chance. Encarei o *boyevik* seriamente que empurrou o ex-*Kapitan* mais uma vez para

frente.

Sica, a arma escolhida por Kovalyov, era uma espada curva, originária da Trácia^[7]. Um pouco mais leve e longa que as outras espadas, possibilitando cortes rápidos. Acompanhava um escudo pequeno, com chapas de metal para proteger as pernas e capacete com plumas.

Durante toda as batalhas seriam usadas armas de gladiadores, as únicas que não seriam admitidas eram as de fogo.

Vakhstein escolheu o gládio, a clássica espada romana, não era muito longa, tinha cerca de 70cm. Ideal para luta à média distância, uma arma tanto de corte como de perfuração. Para proteção, optou por um grande escudo retangular e capacete mais liso e com pequenos buracos para os olhos.

Após os dois *Kapitany* se armarem e colocarem suas armaduras, Dunin proferiu o grito de guerra que dava início à luta entre os dois.

Olhei para o trono vazio ao meu lado, depois encarei Vladic. Ele compreendeu o que eu estava pensando e balançou levemente a cabeça. Sentia a falta de Kyara ao meu lado, mesmo sabendo que esse tipo de jogo não seria algo que agradaria a ela.

Voltei minha atenção para a arena. O *Kapitan* Kovalyov era mais alto, contudo, Vakhstein possuía mais músculos. Só que nesse tipo de combate ia muito além de um ser mais forte que o outro, precisava ter inteligência nos movimentos e habilidades nos ataques emitidos.

Na maior parte dos casos, uma vitória só era garantida pela resistência física e golpes certos que levariam o oponente à morte. Vladic e eu treinamos muito esses tipos de luta, o que não parecia ser o caso dos *Kapitany* lutando por suas vidas na arena.

O tempo foi correndo, os dois lutadores

cada vez mais cansados perdiam a energia e seus golpes passaram a ser às cegas e desvairados. Vladic gargalhou quando Kovalyov fez um movimento precipitado e Vakhstein se aproveitou disso golpeando-o na perna com sua gládio. Contudo, ele falhou em sua guarda quando baixou o escudo e Kovalyov o acertou com a sica em um golpe certo no coração.

O público voltou a se animar, berrando e emitindo gritos de guerra enquanto Vakhstein ajoelhava com a mão no peito e caía de rosto contra o chão. Dunin ergueu a mão do *ex-Kapitan* Kovalyov dando-o como vencedor da primeira batalha e ele foi conduzido mancando até a saída. A gaiola com o corpo do perdedor foi erguida, percorreu o caminho de volta pelo teto na arena e desapareceu em um compartimento de onde havia saído.

Levaria alguns minutos para que a

PERIGOSAS ACHERON

próxima luta fosse preparada. Então, com Vladic e Nikolai ao meu lado, segui para uma sala privativa com paredes de vidros escuros, mas que me permitia continuar observando tanto o proscênio quanto a arquibancada.

— Alguma notícia de Ivan? — indaguei a Nikolai.

— Ele e Irina já estão trabalhando juntos, mas...

Poderia levar algum tempo, esperávamos que o mínimo possível. Voltamos para a arena. Iaroslav Khodorkovsky e Stanislav Boiko foram anunciados quando a gaiola foi aberta. Assim como os dois primeiros, eles foram conduzidos à mesa de armas.

Khodorkovsky foi o primeiro a fazer suas escolhas. Não usaria capacete, mas uma rede com pesos nas bordas, como uma rede de pesca que funcionava tanto para manter o adversário à

PERIGOSAS ACHERON

distância, como para imobilizá-lo ao ser lançada sobre ele. Sua arma era um tridente com um alcance de uma lança. As três pontas serviriam para desarmar o adversário. Para finalizar a luta, contava ainda com uma adaga que possuía corte nos dois lados da lâmina e uma ponta extremamente afiada.

— Boa escolha — murmurou Vladic ao meu lado.

Eu precisava concordar com ele. Khodorkovsky costumava frequentar as mesmas áreas de treinamento que eu e Vladic. Sempre esbarrávamos com ele. Se estivesse fazendo uma aposta para um possível ganhador, provavelmente escolheria ele. Diferente da maioria dos *Kapitany* em combate, Khodorkovsky não dependia exclusivamente das habilidades de seus *boyevik* para manter sua segurança, ele era um guerreiro.

O ex-*Kapitan* Boiko optou por duas lanças, não foi uma escolha muito certa para

PERIGOSAS ACHERON

quem não possuía habilidades e agilidades nos braços.

— Quanto tempo? — perguntei a Vladic que me direcionou um sorriso debochado.

— Meia hora e Khodorkovsky o coloca no chão.

— Aposto vinte minutos.

Após ataques e contra-ataques de ambas as partes, como prevíamos, o *ex-Kapitan* Khodorkovsky levava vantagem. Em um dado momento, ele usou sua rede para imobilizar o braço de seu oponente e fincou o tridente em seu pescoço atingindo a jugular. O sangue jorrou por todos os lados e Boiko caiu aos pés dele dezenove minutos após a luta entre eles ter começado.

Já foram quatro *Kapitany* e duas lutas. Dessa vez, haveria uma pausa maior, cerca de uma hora para que os *Kapitany*, *boyevik* e demais pessoas na plateia pudessem comer, beber, fazer

PERIGOSAS ACHERON

suas necessidades e arrecadar o dinheiro de suas apostas.

— O que tem para me dizer, Ivan? — indaguei assim que ele atendeu minha ligação.

— *Irina conseguiu ampliar o radar em quinze por cento. Nenhum sinal da localização do chip* — disse ele — *De qualquer forma, ordenei que fizessem uma varredura na área, mas até agora nada.*

— *Ye-bat!*

— *Veja algo positivo* — disse Ivan — *Irina está avançando. Em breve chegaremos até a Srt^a. Smirnov.*

O breve deles para mim era um tempo muito longo. Parece que eu era o único a não conseguir ignorar que Boris era um homem louco. A cada segundo que se passava, eu só conseguia pensar no que ele poderia estar fazendo a Kyara.

— Confio em você, Ivan — disse

enquanto observava pela parede de vidro o público pouco a pouco retornar ao seu lugar — Mas sejam rápidos.

Desliguei o telefone e entreguei a Savin. Seguimos para a arena onde tornei a ocupar meu lugar.

— De um lado, o *Kapitan* Plotnikov e do outro, o *Kapitan* Matveev — apresentou Dunin — Escolham suas armas. Amigos, façam suas apostas.

Os dois optaram por espadas, escudos e capacetes.

Nessa batalha, Plotnikov levava uma grande desvantagem devido sua forma física, ou melhor, a falta dela. Sua barriga saliente tornava-se um alvo fácil e em poucos minutos desempenhando a espada, suava e bufava feito o porco que era.

Apesar disso, a batalha durou mais do que imaginávamos, pois, Matveev não era habilidoso com o uso da espada. Quase uma hora depois da

PERIGOSAS ACHERON

dupla se movimentar de forma desengonçada, o público começou a vaiar e arremessar objetos em direção a eles. Uma garrafa atingiu a nuca de Plotnikov que ficou por alguns segundos desorientado. O ex-*Kapitan* Matveev usou da oportunidade para erguer sua espada e rasgar a barriga de Plotnikov de ponta a ponta. Seus órgãos saltaram para fora, ele chegou tentar segurar parte das tripas pulando de sua barriga antes de cair de lado no chão. Uma explosão de gritos varreu a plateia que voltou a ficar animada.

Permaneci no lugar até a preparação da arena. Nikolai ficou encarregado de entrar em contato com Ivan para ter atualização de hora em hora de como o trabalho estava avançado. Quando ele retornou minutos antes da terceira batalha iniciar, apenas meneou a cabeça, indicando que não havia algo novo.

Mantive-me calmamente sentado em meu

lugar. Dunin seguia deixando os expectadores animados, fazendo-os tomar partido de quem consideravam seu favorito no duelo final. Para todos que me assistiam, eu tinha um olhar frio e desprovido de qualquer emoção. Por dentro, meu sangue fervia como um vulcão prestes a entrar em erupção. Cada hora que passava sem notícias de Kyara e meu filho, meu ódio contra Boris seguia se intensificando. Ele deveria estar aqui guerreando e eu faria questão de enfrentá-lo na arena, vendo sua vida medíocre esvair-se pelas minhas mãos.

A última dupla da noite seria os *Kapitany* Timur Mogilevich e Semion Lakhonin. O primeiro, escolheu um machado, um escudo triangular e um capacete que se assemelhava a uma crista de galo com penas vermelhas, com sua ponta de ferro terminando no nariz.

Lakhonin solicitou uma bola de ferro com espinhos pontudos e um escudo de pulso circular,

PERIGOSAS ACHERON

mais ou menos do tamanho de um prato.

— Aposto no Mogilevich — disse Vladic se colocando ao meu lado.

— É uma escolha difícil — afirmei enquanto observava os dois homens se movimentarem.

Eles se igualavam em tamanho e porte físico. Mogilevich tinha o pulso firme com o machado, mas Lakhonin mostrava-se habilidoso com a corrente. Essa foi, sem dúvida, a luta mais demorada e que agradou mais ao público, principalmente aos *boyevik* presentes. Os *Kapitany* lutavam ferozmente por suas vidas golpe a golpe.

Lakhonin girou a corrente no ar, fazendo sua bola com espinhos atingir a cabeça de Mogilevich, o capacete foi arrancado dele, sendo arremessado para longe. Eles seguiram dando voltas por toda a arena atacando e contra-atacando.

Quando Lakhonin tentou usar a corrente

arremessando-a contra Mogilevich, ele usou seu escudo para se proteger e o cabo do machado para prender a bola de ferro e em uma corrida rápida até o seu adversário, saltou no ar, seu pé esquerdo atingindo o joelho direito de Lakhonin.

O osso quebrado varou a pele do outro lado. A expressão de dor de Lakhonin foi intensa o suficiente para fazer alguns rostos se virarem de lado. Mas essa não era uma luta em que quem derrubava seu inimigo sairia vencido. Era batalha de vida ou morte. Mogilevich afastou-se alguns metros de Lakhonin que urrava de dor e desespero, ergueu seu machado, fez dois giros de 360 graus e o lançou em direção ao ex-*Kapitan*, atingindo-o em cheio no meio da testa.

Um silêncio sepulcral atingiu a arquibancada. Lakhonin cambaleou para frente e para trás antes de cair de frente contra o chão, isso fez com que a lâmina afiada do machado entrasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais em sua cabeça.

O público se manifestou e Dunin fez as considerações finais. Fez suas honras a mim, depois, retornou a atenção à arquibancada. Oito homens guerrearam por sua vida hoje. Quatro deles sobreviveram e apenas um restaria vivo no dia seguinte.

Foi sangüinário e violento e apesar de todos os presentes terem apreciado as disputas de hoje, quando me levantei e todos começaram a gritar o meu nome, soube que a mensagem havia sido dada.

Dmitri Milanovic, o *Pakhan*, era alguém que homem nenhum em toda a Bratva se atreveria a desafiar novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Kyara Smirnov

Cruzei meus braços não apenas para tentar proteger meu corpo dos olhares curiosos e maliciosos, mas porque a brisa tocando minha pele começava a me deixar gelada.

Apesar de estarmos saindo da primavera para o verão, o clima nas montanhas era muito mais gelado e eu estava minimamente vestida na fantasia horrorosa que Boris me obrigara a usar.

— Estou com frio — murmurei empacando teimosamente no lugar.

Nós já circulamos toda a propriedade e ele já tinha me envergonhado o suficiente diante de seus capangas.

— Tudo bem. Acho que foi o suficiente — disse ele parando — E se está com frio, Kya, conheço muitas formas de poder te esquentar.

Se uma avalanche de neve caísse de repente sobre minha cabeça, não me deixaria tão gélida como a sugestão de Boris. E foi preciso que ele me puxasse pelas correntes outra vez para que conseguisse voltar a andar.

Caminhei trôpega, a visão começando a turvar, enquanto me perguntava como conseguiria escapar dos assédios de Boris, das suas palavras nojentas e de suas mãos asquerosas.

Dmitri. Murmurei baixinho seu nome. Quanto tempo mais ele levaria para me achar? E o quanto de mim ele ainda encontraria inteira? O quanto da antiga Kyara conseguiria voltar para os braços dele?

Segui caminhando lentamente até a entrada. Meus braços e pernas já não tremiam de

PERIGOSAS ACHERON

frio, mas de medo. Um medo tão grande do que poderia estar prestes a encontrar atrás das paredes de pedra que ao chegar na escada parei.

Boris parou na escada e tinha um sorriso demoníaco para mim. Estava bem perto de desencadear uma crise de pânico e tentar fugir quando ele agarrou os meus braços, puxando-me para ele.

— Com medo de mim, Kyara?

Medo? O que sentia por ele ia muito além do medo.

— Boris... — eu forçava minha mente a buscar algum argumento contra ele, quando o telefone em seu bolso começou a tocar, chamando sua atenção.

Respirei aliviada ao vê-lo me soltar e atender a ligação.

— Feliks?

Eu queria fugir para o quarto e me

PERIGOSAS ACHERON

esconder lá, mas meu punhos e pescoço estavam presos à corrente que Boris segurava.

— O que Milanovic quer com eles? — indagou Boris e ao ouvi-la citar Dmitri, comecei a me interessar pela conversa — Todos os *Kapitany*? E o Dembinsky? Morto?!

O *Kapitan* Dembinsky estava morto?

Não era certo eu me sentir aliviada com isso, mas Dembinsky ter morrido pelas mãos de Dmitri significava que ele estava chegando perto de me encontrar.

— Verifique sobre os *Kapitany* — disse Boris — Vou reunir os *boyevik* e esperamos você retornar.

Se havia algo que Boris desejava mais do que a mim era destruir Dmitri e se tornar o novo *Pakhan*. Então, fui deixada momentaneamente de lado quando ele me entregou a um dos *boyevik* circulando dentro da propriedade, ordenando que

PERIGOSAS ACHERON

me trancassem de novo no quarto.

Segui diretamente para o banheiro quando fui empurrada para dentro do aposento. Desfiz-me da fantasia o mais rápido que consegui e precisei apoiar minhas mãos trêmulas nas paredes para conseguir chegar ao chuveiro.

Debaixo do jato d'água, permiti que as lágrimas que tanto tentei segurar deslizassem pelo meu rosto. Não de tristeza ou pavor como há alguns minutos em que tive certeza que Boris violaria não apenas meu corpo, mas a minha alma. As lágrimas agora eram causadas pelo grande alívio que sentia pela atenção de Boris estar voltada para além de mim e a certeza de que Dmitri estava chegando.



Sonya Kamanev

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei sentindo uma tremenda dor de cabeça e um peso morto caído sobre meu corpo. Tinha que me esforçar para lembrar onde estava e o que havia acontecido. Minha boca estava seca e o corpo musculoso, impedindo que eu me movimentasse, criava um calor quase que insuportável em minha pele.

Bati com força em suas costas, até fazê-lo despertar.

— O que você está fazendo aqui? — indaguei furiosa quando os olhos claros e sonolentos caíram sobre mim.

Ele me encarou confuso. Para ser mais exata, como se eu fosse uma louca.

— Nós...

— Eu sei o que fizemos — resmunguei irritada, empurrando-o para fora da cama — Pergunto o que faz aqui no meu quarto?

PERIGOSAS ACHERON

Ele se levantou rapidamente procurando suas roupas espalhadas no chão.

— Saia! — Assim que as recuperou, empurrei-o em direção à porta e, ainda nu, para fora do quarto.

Era típico de um *boyevik* achar que só porque fodeu a filha de um *Kapitan*, ela estaria perdidamente apaixonada por eles.

Após me afastar da porta fechada, segui até o banheiro. Bebi água da torneira para tirar o gosto amargo de minha boca, em seguida, lavei meu rosto. Decidi tomar um banho na tentativa que isso diminuísse a pressão em minha cabeça, não ajudou nem um pouco.

Precisava de um remédio, que não tinha. Tinha usado todos os que havia no quarto para fazer um coquetel com *whiskey* na primeira vez que estive no castelo. Então, só me restava buscar alguma garrafa de bebida com Boris ou com um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos *boyevik* espalhados pela casa. No caso da segunda opção, teria que usar todo meu charme com eles, algo que não estava a fim esta noite.

Tecnicamente eu não era prisioneira aqui. Embora Boris tivesse ordenado aos seus soldados que vigiassem meus passos, conseguia circular pela propriedade como bem entendesse. Por isso, quando saí do quarto, o *boyevik* andando pelo corredor apenas me olhou com interesse e continuou seu caminho.

Como no quarto de Kyara sempre havia um soldado de plantão impedindo-a que fugisse, os que ficavam dentro do castelo dificilmente permaneciam muito tempo no mesmo lugar.

Esperei atrás de uma pilastra até que o soldado andando no corredor que dava ao quarto de Boris saísse e caminhei furtivamente até lá. Abri a porta com cuidado e quase saí correndo quando o vi com Feliks próximos a janela.

PERIGOSAS ACHERON

Meu irmão parecia agitado e Feliks tinha um ar muito preocupado. Eu sabia que deveria fechar a fresta na porta e sair correndo dali, se Boris me pegasse espionando arrancaria meus olhos, e afirmava isso no sentido literal.

Contudo, algo me dizia que o que estavam conversando, ou discutindo que era o que parecia, era de suma importância para mim. Boris não discutia ou dividia seus planos comigo, mas eu sempre encontrava uma maneira de descobrir o que ele aprontava.

Então, só fechei o mais silenciosamente possível a porta e apurei meus ouvidos. A dor de cabeça? Já havia sido esquecida.

— Ele os está fazendo guerrear entre si — ouvi Feliks dizer — Um *Kapitan* matar o outro até que não reste mais nada. Dembinsky foi morto, e Vakhestein, aquele traidor, foi o primeiro a morrer durante as lutas.

Raramente eu ficava espantada com alguma coisa acontecendo na Bratva. Cresci vendo e ouvindo sobre mortes e acertos de contas. Essa era nossa vida e para mim, tudo natural. No entanto, Milanovic conseguiu me surpreender. Ele tinha capturado praticamente todos que o havia traído — ainda faltava Boris e eu — e os feito dançar sua música.

— Milanovic está se fortalecendo ainda mais — insistiu Feliks, tentando fazer com que Boris voltasse a raciocinar com clareza, se houve alguma vez ele tivesse sido racional em sua vida — E se ele conseguir chegar até nós?

— Então, acho que é hora de colocar o plano em ação — Boris sorriu, alienado — Acione a bomba. Não podemos permitir que Milanovic chegue até nós. Se os outros *Kapitany* se unirem a ele, ganham de nós em número.

Bomba? Do que Boris estava falando?

— Milanovic não pode chegar até nós, entendeu?

Fechei a porta com cuidado. Sem dúvida, Boris tinha idealizado uma forma de sair ileso mesmo que saísse derrotado. Com toda certeza esses planos não me incluíam. O que importava a Boris era salvar a própria pele, pois bem, eu não ficaria parada.

Dmitri Milanovic havia capturado todos os *Kapitany* que se aliaram a Boris e os fazia guerrear até a morte, significava que as chances de meu irmão, vencer essa guerra, tornaram-se nulas.

Chegou a hora de mudar de lado, mas eu precisava fazer isso sem que Boris percebesse, ou ele não titubearia em dar cabo à minha vida. Eu também precisava encontrar uma forma de fazer Kyara acreditar que eu estava arrependida de tudo o que fiz. Kyara mais uma vez tinha razão.

O *Pakhan* estava chegando. E ele não desistiria até encontrá-la.

Capítulo 46

Irina Novitsky

Odeio Vladic Guriev!

Não era como quando você brigava com alguém e na hora da raiva decidia que odiava aquela pessoa. Eu realmente odiava Guriev.

Odiava seu sorriso sempre libertino. Odiava quando debochava de mim. Odiava quando tentava me fazer perder a paciência. Odiava quando ele tinha razão sobre qualquer assunto. Mas nada me fazia sentir tanto ódio de Vladic do que quando ele me fazia sentir coisas que não deveria sentir; como o desejo.

O meu corpo tinha obrigação de responder

às minhas vontades. Era por isso que meu cérebro estava no comando de tudo. Mas quando Vladic surgia com suas mãos enormes, seu corpo maior ainda, e me tocava como nenhum homem em toda a Rússia se atreveria a tocar, adeus racionalidade e sensatez. Por isso, eu odiava Vladic com todas as minhas forças.

— Ei! Vá com calma — Tigran chamou minha atenção e cobriu minha mão com a sua — São só teclas de um computador, Irina. Não é um cão raivoso querendo te morder.

Se levássemos em conta que passei as últimas horas desejando que fosse a cara de Guriev, que eu ansiava poder socar, até estava sendo delicada demais com a máquina à minha frente.

Apesar disso, respirei fundo e decidi, *não*, me obriguei a me acalmar. Tigran tinha razão. O trabalho que estávamos fazendo era importante e necessitava de toda a minha atenção. Kyara

precisava do meu socorro e eu iria ajudar Ivan a encontrá-la e tirá-la das mãos nojentas de Boris Kamanev.

— Desculpe — sorri sem graça para ele — Você tem toda a razão.

— A gente vai encontrar sua amiga — disse ele e se inclinou um pouco mais em minha direção enquanto sussurrava — Precisa acreditar nisso.

Pisquei meus olhos impedindo que a emoção transbordasse por eles. Acho que concentrei minha raiva em Vladic para não pensar em como toda essa situação envolvendo Kyara me deixava triste.

Ele deu uma batidinha em meu queixo com a mão fechada e sorriu para mim.

— Irina? — olhei em direção a Ivan que se aproximava de nós — Vou organizar três grupos para verificarem as novas áreas que você ampliou,

apenas por segurança.

Desde a saída do Dmitri e Vladic, consegui expandir o alcance do sinal que ligava o microchip. E Ivan continuava a varrer toda a área, pois, tínhamos que contar com a possibilidade de Boris ter descoberto o rastreador em Kyara e o ter removido.

Eu esperava que minha amiga fosse tão inteligente como eu acreditava que era e não tivesse deixado essa informação vazar, mas Ivan era minucioso em seu trabalho. Ele assolaria a Rússia inteira até chegar ao esconderijo de Boris.

— Vocês irão ficar bem? — indagou Ivan, olhando com certo interesse minha mão unida a de Tigran.

Deslizei a mão e levei aos meus cabelos ajeitando alguns fios caindo em meu rosto.

— Nós vamos ficar. Temos tudo o que precisamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para que trabalhássemos com mais tranquilidade, sem o entra e sai dos *boyevik* em operação, nós fomos instalados em uma sala menor ao lado de Ivan e seus homens.

— Qualquer novidade, não hesitem em entrar em contato comigo.

Assenti e observei-o se retirar. Ivan era tão musculoso quanto Vladic e com a vantagem de ter um rosto quase perfeito como Dmitri. Eu diria que entre os dois, Ivan ficava no meio termo. Ele também era um *Obshchak* competente com seu ar compenetrado e calado. Seria um ótimo candidato a apresentar ao meu pai, se todas essas qualidades me fizessem sentir atraída por ele.

— Há algo que eu preciso te perguntar — disse Tigran — E depois de hoje, eu realmente preciso fazer isso.

Voltei meu olhar para Tigran e o encarei com interesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você e o Guriev — ele fez uma pequena careta enquanto dizia — Não quero ser invasivo, mas...

— Não há nada entre Vladic e eu, se é isso que deseja saber.

— Nada?

— Nada. Nem somos amigos e mal nos suportamos. Ele me acha uma cadela insensível e eu o acho um cretino idiota.

— O fato de não poder tocar em você, nem mesmo quando trabalhamos juntos — disse ele, fazendo-me abrir a boca chocada — Está no pacote de ele ser um cretino e idiota?

— Ele te disse isso?

Tigran se inclinou mais em minha direção e estudou o meu rosto.

— Isso importa?

Não deveria importar se há algumas horas Vladic quase me tivesse feito jurar que...

PERIGOSAS ACHERON

— Hum-hum. Srt^a Novitsky — ouvi o pigarrear seguido do meu nome vindo do *boyevik* que havia entrado e parado à porta — Sr. Voronov.

Tigran rapidamente se afastou de mim e mirou o homem armado à nossa frente.

— Olá, soldado. Se procura Ivan — disse a ele indicando a porta —, tem alguns minutos que saiu daqui.

O homem continuou no mesmo lugar, mas toda a sua atenção estava em Tigran.

— Não, Srt^a Novitsky — disse ele — O Sr. Guriev ordenou que mantivesse a guarda aqui até que ele retornasse.

— Ele disse isso? — cerrei os meus dentes com força.

— Para sua proteção, senhorita.

Tigran mal disfarçou a risada enquanto eu fazia o possível para manter a calma.

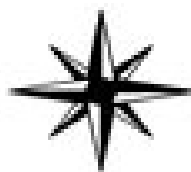
— Faça como quiser, soldado — disse

PERIGOSAS NACIONAIS

com um sorriso tão falso quanto a justificativa dada pelo *boyevik*, depois, me direcionei a Tigran — Vamos voltar ao trabalho.

Vladic Guriev era o homem mais irracional e insuportável que tive o desprazer de conhecer, mas, por enquanto, não iria gastar mais minhas energias e nenhum dos meus pensamentos com ele.

Mas ele iria me pagar muito em breve.



Não somente me concentrava em meu trabalho, eu mergulhava nele, focada e determinada a acabar com as buscas o mais rápido possível. E quando um dos aparelhos que Tigran havia instalado e monitorava começou a apitar, saltei na cadeira alarmada.

PERIGOSAS ACHERON

O aparelho tinha sido pareado para funcionar junto ao meu.

— Um sinal? — indaguei indo até a mesa dele.

O primeiro desde que começamos a rastrear Kyara.

— E casa vez mais forte — disse ele andando com ele pela sala — Está aqui?

Eu não consegui pensar nessa possibilidade, na verdade, sequer achar crível essa opção. Passamos o tempo todo buscando por minha amiga em cada canto de Moscou enquanto ela esteve aqui o tempo todo?

— Vamos averiguar.

— O Papa não tem que ser avisado? — encarei o *boyevik* na porta.

Havia me esquecido que Guriev tinha implantado o homem ali para me vigiar.

— O Papa está ocupado com o torneio —

PERIGOSAS NACIONAIS

disse a ele e fiz sinal para que se afastasse da porta — E pode ser só um defeito no equipamento do Tigran. Alguma coisa pode estar cruzando com o radar, emitindo o sinal.

Era o que eu achava mais provável. Que sentido fazia Boris sequestrar Kyara e escondê-la na casa de Dmitri? Se bem que, da sua mente doentia, não duvidava de nada.

Saímos o três e caminhamos lentamente pelo corredor, de cabeça abaixada, ora olhando para o chão à nossa frente ora para o aparelho que apitava.

— Para a esquerda — disse a Tigran.

Ele sacudiu e balançou o aparelho como fazemos em uma área onde não há rede de celular.

— É para a direita — insistiu ele.

O soldado nos olhou com impaciência, pedindo silenciosamente que tomássemos uma decisão.

PERIGOSAS ACHERON

— Para a direita, então — concordei, mesmo sabendo que aquele não era o caminho.

Fomos em direção ao escritório de Dmitri, mas lá o sinal diminuiu consideravelmente. A interferência estava mais forte na parte leste da casa.

— Eu disse que era à esquerda.

Por que os homens tinham tanta dificuldade em admitir que uma mulher estava certa? Isso às vezes me irritava. Por sorte Tigran não agia assim com muita frequência. Sei que nesse caso ele quis seguir os instintos dele. Eu não suportaria ter em minha vida, principalmente no trabalho, outro Guriev.

— Parece que vem da piscina — sugeriu Tigran quando começamos a nos aproximar dela.

— Sem dúvida vem de lá — afirmei, pousando meu dedo sobre a tela onde o ponto verde apitava — Veja, estabilizou.

Olhamos os três em volta da piscina, sem avistar nada que chamasse nossa atenção.

— Eu não consigo entender — disse Tigran — O sinal ainda está aqui e continua forte.

Ainda em silêncio e em modo alerta, já sacando de uma arma em seu coldre, o *boyevik* caminhou para longe de nós e parou em um determinado ponto da piscina. Ele se agachou e abriu uma porta de onde vinha o som do motor.

— *Ye-bat!* — urrou ele, nos fazendo aproximar com curiosidade — Era isso que estavam procurando?

Olhei espantada quando ele se afastou um pouco e assim pudemos ver melhor o que ele tinha encontrado.

— Não exatamente — murmurou Tigran enquanto eu levava minha mão trêmula à garganta — Definitivamente não era uma bomba que procurávamos.

— Foi programada para explodir dentro de vinte quatro horas. Mas não sei dizer há quanto tempo já está armada — explicou ele.

— Meus Deus! — gritei apavorada, pulando para os braços de Tigran — Vai explodir?

Todos nós iríamos morrer?

— Não se for desarmada a tempo — respondeu o *boyevik*.

— Mas significa que ainda pode explodir.

Eu queria sair correndo, mas estava tão aterrorizada que acreditava que minhas pernas trêmulas mal me manteriam em pé.

— Acho que agora sim, você tem que avisar ao *Pakhan* — disse Tigran.

— Não é melhor chamar o Ivan primeiro?
— sugeri antes que o *boyevik* sacasse seu telefone

— A bomba precisa ser desarmada. Depois, ligamos para Dmitri e avisamos o que encontramos.

— Mas... — o *boyevik* começou a se
PERIGOSAS ACHERON

manifestar.

— Ele já está lindando com coisas demais. E, nesse momento, precisa se concentrar no torneio — argumentei, esperando conseguir convencê-lo — Quem é mais qualificado do que o chefe *Obshchak* para resolver o problema? Talvez Guriev, mas ele está dando suporte ao *Pakhan* na arena. É seu dever levar soluções ao *Pakhan*, soldado — disse em um tom autoritário — Não o contrário.

Ele poderia ter sido enviado pelo *Avtoriyet* para me vigiar, mas eu era filha de um *Kapitan* de Primeira Elite, estava acima dele e seu dever era me obedecer.

— Chame Ivan para cuidar do assunto — ordenei erguendo meu queixo de maneira altiva — E isso é uma ordem.

Quando ele saiu para fazer a ligação, soltei o ar aliviada, mas minhas pernas continuavam

PERIGOSAS ACHERON

trêmulas ao pensar na bomba a alguns centímetros de nós.

Será que eu havia tomado a decisão certa?

— Acha que foi Kamanev? — indagou Tigran.

— Eu tenho certeza. Seu plano não foi só sequestrar Kyara e desestabilizar Dmitri — o horror disso fez meu coração disparar — Ele queria eliminar Dmitri e...

Não consegui concluir a frase.

— Todos em volta dele — concluiu Tigran — Inclusive Vladic Guriev.

Eu não suportava Vladic na maior parte do tempo. Mas daí a vê-lo morto?

Não! Essa opção não passava por minha cabeça. Vladic era arrogante e muitas vezes machista, principalmente quando queria me provocar, mas no que ele fazia era o melhor, também era leal e daria a vida por aqueles que

PERIGOSAS ACHERON

amava. Ele que vinha mantendo Dmitri de pé quando mais precisava.

Insuportável ou não, Vladic não merecia o fim que Boris havia idealizado para eles – para nós! – de forma tão covarde.

— Ivan está retornando — disse o *boyevik* — E trará uma equipe antibomba.

Apesar de ser uma notícia boa, ainda não conseguia me sentir aliviada. Eu só pensava no tic-tac do relógio, apesar do numerador da bomba ser digital.

— Nesse caso, você fica de vigia aqui até ele chegar — disse olhando furtivamente por cima do seu ombro onde a bomba se encontrava — Qual seria o estrago feito por essa bomba?

— Tem explosivos aí para fazer o quartirão inteiro ir pelos ares — disse o *boyevik*.

Gemi apavorada.

— Por que não retornamos ao trabalho,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irina? — Tigran alisou o meu braço tentando me acalmar — Tenho certeza que o Chefe de Segurança irá cuidar de tudo.

É claro que o *boyevik* não gostou nem um pouco da sugestão de Tigran, mas eu não queria continuar perto dos explosivos. Pelo menos até que a bomba fosse desarmada e descobrissem quem e como alguém tinha entrado na casa.

— Você fica aqui — Tigran disse a ele que não pareceu nada contente em ficar de babá de uma bomba que sim, poderia explodir a qualquer momento, se algo desse errado.

— Tigran tem razão, ninguém aqui além de nós três é digno de confiança.

— Mas o Guriev...

— Vladic não está aqui, portanto, as únicas ordens que tem que acatar até Ivan chegar são as minhas — murmurei irritada — E de jeito nenhum vou ficar perto dessa coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Eu mal conseguia olhar em direção à bomba sem ter a sensação que iria desmaiar.

— As ordens de Vladic não são válidas agora — disse a ele — Fique no posto e não permita que ninguém se aproxime, entendeu?

Ele assentiu abaixando o olhar.

— Vamos, Tigran — grudei ainda mais em seu braço.

Quando nos afastamos do campo de visão do soldado, soltei Tigran que começou a rir com vontade. O que eu não conseguia entender, pois, eu estava em pânico. Talvez seja a forma dele de reagir a uma situação tão perigosa.

— Você percebeu que botou os planos de Guriev por água abaixo.

Olhei para ele sem compreender.

— Sobre ele nos vigiar com o seu *boyevik* — esclareceu ele — Estamos sozinhos agora.

Eu tinha dado uma volta em Vladic e nem

PERIGOSAS NACIONAIS

havia me dado conta disso.

— Tigran, enquanto houver uma bomba na casa, eu realmente não estarei preocupada em como Vladic irá reagir.

— Garota, você é bem mais perigosa que aquela bomba na piscina — disse Tigran quando entramos na casa.

Ele não imaginava o quanto. Mas, agora, eu só precisava parar de tremer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 47

Dmitri Milanovic

Retornei à sala privativa e quando encarei Nikolai com um ar nervoso, tive a certeza que havia algo errado.

— O que foi, Nikolai? — indaguei alarmado — É sobre Kyara? Iriana a encontrou?

Segurei forte o terno dele nesse momento.

— Não exatamente, Papa.

— O que quer dizer com isso? Fale de uma vez, homem!

Nikolai olhou de mim a Vladic por algum momento. Senti que pedia com o olhar que o *Avtoriyet* conseguisse me manter sob controle se ele fosse precisar.

— Pode falar, Nikolai — ordenei tentando

manter a paciência.

— Uma bomba — disse ele.

— Como?

— Havia uma bomba na casa — disse Nikolai — Um dos equipamentos que Irina e Voronov estão usando... parece que rastreou ou teve interferência no sinal que os levou a uma bomba na piscina.

Esfreguei meus lábios com a mão.

— Está me dizendo que alguém entrou em minha casa e armou uma bomba na piscina?

— Alguém, não — disse Vladic ao meu lado — O Boris fez isso.

— Como isso é possível, Nikolai? — perguntei com calma, mas meus olhos estavam chispando fogo — Como os meus *boyevik* permitiram isso?

— Vendo as fitas de segurança — disse ele nervoso — A pessoa se fez passar por PERIGOSAS ACHERON

funcionário de uma das empresas que cuidou da decoração para o casamento.

Embora isso fosse possível de ocorrer, como aconteceu, era inadmissível para mim. Boris agia o tempo todo sob meus olhos. Primeiro, unindo-se aos ex-*Kapitany* contra mim, depois, sequestrando Kyara e, agora, montando uma bomba em minha casa.

Percebia agora que a administração de meu pai, principalmente em relação à segurança, não era perfeita como imaginava. Isso teria que mudar. Tínhamos que nos preocupar não só apenas com inimigos poderosos como a Tambovskaya, mas com perigos dentro no nosso próprio núcleo.

— Eu não vou aceitar essa falha, Vladic — disse me virando para ele — Você sabe que medidas deve tomar.

— Vou cuidar disso — disse ele.

— E quanto a bomba? — perguntei a

Nikolai.

— Ivan e sua equipe já desarmaram. Estava programada para explodir amanhã.

— Por que só está me relatando isso agora?

— A Srt^a Novitsky achou mais prudente poupar o *Pakhan* até que o problema estivesse solucionado — disse ele — Sua atenção deveria estar no torneio, e me desculpe, Papa, fui obrigado a concordar com a decisão de Irina.

Era óbvio que eu queria ter sido avisado sobre a bomba imediatamente, mas tive que concordar com a decisão de Irina. Lidar com toda a pressão do torneio estava sendo o suficiente.

No decorrer da noite poupei meu corpo, mas a minha mente não conseguia relaxar. Não conseguia desligar por mais que tentasse e soubesse

PERIGOSAS ACHERON

que era preciso. Para enfrentar Kamanev, eu precisava estar no melhor de mim.

— Tenho uma má notícia — disse Irina ao encontrar comigo e Vladic descendo a escada, pela manhã. Ela parecia cansada pela dedicação ao trabalho. Se tudo desse certo, eu a recompensaria depois — E duas razoavelmente boas.

— Depois de uma bomba? Comece pela ruim, já estou acostumado.

— Ainda não sei onde Kyara está — ela suspirou.

— E quais são as razoavelmente boas? — especulou Vladic.

— Ivan verificou todas as áreas que eu e Tigran conseguimos ampliar no radar. Também não foram encontrados por lá — eu queria entender como isso poderia ser considerado algo bom, já que o destino de Kyara continuava a ser uma incógnita para todos nós — Isso significa que o cerco está se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fechando, Dmitri. Agora faltam as regiões mais montanhosas. Não vou mentir, pode causar alguma dificuldade com o sinal, mas o cerco contra Boris está se fechando.

— Irina tem razão, Dmitri — referiu Vladic — Já sabemos que do país eles não saíram. Todos os portos e aeroportos foram averiguados e continuam sendo monitorados. Seja lá em que ratoeira Kamanev tenha se escondido, nós vamos pegá-lo.

O problema não era apenas encontrar Boris, mas quanto tempo estávamos levando para isso. Era mais um dia de Kyara nas mãos dele e cada minuto a mais minha preocupação com ela, pelo o que poderia estar vivendo e sofrendo, se intensificava.

— Vamos cuidar do torneio — propôs Vladic — Isso tem mantido a sua cabeça no lugar enquanto Irina e Ivan trabalham.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti e fomos em direção ao carro que nos aguardava. O segundo dia de torneio definiria o campeão. As apostas mais altas estavam em Kovalyov, que apesar da perna ferida era mais habilidoso com espada do que Matveev. Já com a outra dupla, as apostas estavam acirradas. Mogilevich tinha impressionado o público ao quebrar a perna de Lakhonin e arremessado o machado em sua cabeça. E Khodorkovsky deveria ser o único a treinar esse tipo de luta. Sem dúvida, os dois seriam o ponto alto do torneio.

Bratstvo prezhede vsego!

Bratstvo prezhede vsego!

Diferente do dia anterior, o grito de guerra com o lema da Bratva foi ecoado assim que pisei na arena. Quando eu me sentei, o silêncio voltou a reinar no lugar. Dunin, o mestre de cerimônias, fez uma abertura semelhante a anterior, levando a arquibancada ovacionar enquanto a gaiola descia

até o proscênio.

Hoje, partiríamos direto para as disputas. Uma vez escolhidas as armas, os ex-*Kapitany* não poderiam trocar.

A gaiola foi aberta. Matveev e Kovalyov foram libertos de suas algemas e soltos na arena como dois animais de briga. Na primeira disputa, o ex-*Kapitan* Matveev contou com a sorte e distração de Plotnikov para sair vivo e vitorioso.

O combate iniciou com Matveev avançando sobre Kovalyov com sua espada, que usou o escudo para se defender do ataque. Por ser mais forte, Kovalyov conseguiu levar Matveev ao chão, mas ele usou a perna ferida de seu oponente para levá-lo com ele.

Eles rolaram pelo chão tentando dominar um ao outro. O público agitava, ora torcendo por um, ora torcendo pelo outro. Kovalyov largou sua sica próximo a ele e agarrou o punho que Matveev

mantinha a espada, batendo a mão contra o chão até que o outro liberasse a espada que ele chutou para longe.

O ex-*Kapitan* Matveev sabia que sem sua espada sua derrota era iminente. Então, ele enfiou dois dedos contra a ferida aberta de Kovalyov e quando o teve brevemente enfraquecido, ergueu a perna, cruzando-as em seu pescoço, fazendo uma chave de pescoço com o objetivo de conseguir enforcá-lo.

Kovalyov tateava o chão em busca de sua sica e Matveev aproveitou a chance para direcionar inúmeros socos no rosto dele.

Smert'! Smert'! Smert'!^[8]

Os gritos vindos da arquibancada passaram a ser ensurdecedores. Matveev seguia a golpear seu adversário, mas ele não iria se render tão facilmente. Desistindo de encontrar a sica a alguns centímetros à sua esquerda, Kovalyov conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

arrancar o capacete do outro, agarrou as laterais de sua cabeça pelas orelhas e bateu a cabeça de Matveev contra o chão, inúmeras vezes, até que suas pernas e braços sobre Kovalyov começassem a afrouxar.

O ex-*Kapitan* seguiu batendo a cabeça de seu oponente, esmagando-a com força e raiva, até que cérebro começasse a se espalhar pelo chão.

— Kovalyov! — anunciando a vitória, Dunin ergueu a mão dele, ajudando-o a se levantar meio cambaleante.

Só haveria três batalhas no dia, entre os ex-*Kapitany*, sendo a última entre os vencedores de cada disputa. Por isso, as pausas entre um show e outro seriam um pouco maiores.

A segunda luta foi ainda mais sangrenta. Khodorkovsky venceu a disputa quando cravou o tridente nos olhos de Mogilevich e usou o próprio machado dele para decepar sua cabeça, que rolou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no chão, chegando muito próximo aos meus pés.

— Papa — olhava para os olhos esbugalhados e sem vida quando Nikolai se curvou a mim, momentos antes de me retirar para aguardar a luta final em minha sala privativa — Ivan tem notícias.

Levantei rapidamente e com Vladic de um lado, Nikolai de outro e uma comitiva de *boyevik* às minhas costas fazendo a segurança, saí da arena.

Já tinha Ivan aguardando em ligação quando entrei na sala.

— Trotsky?

— *Detectamos o sinal, senhor. Bom, Irina e Tigran detectaram.*

Meus dedos prenderam o telefone com força.

— Acharam meu *kheruvim*? — se ele notou o tom emocionado na palavra carinhosa que descrevi Kyara, respeitosamente preferiu ignorar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu finalmente a teria novamente segura em meus braços?

— *Não exatamente* — disse Ivan — *Irina conseguiu captar o sinal. Está dando em uma região montanhosa próximo aos Montes Urais. Estou indo até lá.*

— Eu vou com você — empertiguei no lugar.

— *Com todo respeito, Papa* — iniciou Ivan, cautelosamente — *Deixe que eu vá com minha equipe averiguar tudo e estudar a área. Queremos pegar o Kamanev de surpresa e não o contrário.*

Racionalmente eu sabia que Ivan estava certo. Não podia pensar apenas em meu desejo em dar cabo a Boris, ele estava com Kyara, podia tentar machucá-la apenas para me ferir. E eu precisava pensar em nosso filho no ventre dela também. Eu confiava em Ivan, tinha certeza que

PERIGOSAS ACHERON

assim como conseguiram encontrá-la, iriam formular um bom plano para arrancar minha mulher das garras de Boris Kamanev.

— Faça o que precisa fazer, Ivan — disse a ele com uma calma que estava muito longe de sentir — E me mantenha informado sobre tudo.

Desliguei e encarei Vladic que tinha um enorme sorriso no rosto.

— Encontram a Kyara — disse ele — Agora a meta é destruir Kamanev.

— Primeiro, Ivan irá fazer um estudo da área. Examinar quando e como iremos atacar o Boris — expliquei aos dois — Quando ele der o sinal, nos unimos a ele.

— Tomou a decisão certa, Dmitri — disse Nikolai, colocando a mão em meu ombro — Trotsky é um bom estrategista. Ele sabe o melhor a fazer.

Assenti. Agora, em vez do desespero que

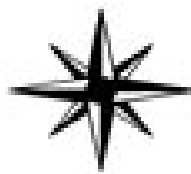
PERIGOSAS ACHERON

me atormentou durante esses longos dias, comecei a sentir um frenesi, tanto por recuperar Kyara como para finalmente poder enfrentar Boris.

— Voltemos ao torneio — disse aos dois, até mais animado.

Para que os *ex-Kapitany* tivessem tempo de recuperar o máximo de sua força, um grupo de *boyevik* fez uma apresentação sobre luta, tiro ao alvo com flechas e armas de fogo.

Kovalyov estava bastante machucado, mas já havia provado que faria de tudo para manter-se vivo. Eu, Vladic e a maior parte do público apostava em Khodorkovsky, nós já o vimos lutar dentro e fora da arena, durante os treinos. Nikolai apostava no instinto de sobrevivência de Kovalyov.



A luta entre os ex-*Kapitany* começou. Embora estivesse sendo para todos os presentes um espetáculo a parte, eu simplesmente não conseguia manter minha atenção sobre os lutadores, mas tentava disfarçar muito bem. Meu desejo era que um deles se rendesse de uma vez por todas para que eu pudesse retornar à minha casa e ver a quantas andava a missão de Ivan.

Como eu esperava, Khodorkovsky levava a melhor, não apenas por se encontrar em condições físicas melhores, ele sabia o que estava fazendo, além disso, o tridente permitia que ele fizesse ataques de longa distância e sua rede o protegia das investidas de Kovalyov, deixando-o cada vez mais cansado.

Khodorkovsky não usava apenas suas armas durante o combate, utilizava suas práticas de luta. Com um adversário cansado e bastante ferido, ele finalizou a disputa cravando o tridente nas

PERIGOSAS ACHERON

costas de Kovalyov quando fez um giro sobre ele e com a rede, envolveu-lhe o pescoço o enforcando com ela.

Enfim, havia acabado e Khodorkovsky foi o grande vitorioso de todo o torneio e até tinha um grupo de fãs gritando por ele na arquibancada.

— Iaroslav Khodorkovsky — disse quando Dunin finalizou sua apresentação e colocou o microfone próximo ao meu rosto para que eu fizesse as considerações finais — Você foi o grande vencedor dessa batalha. O que tem a dizer?

Ele cambaleou dois passos até mim. O homem estava completamente destruído. O olho esquerdo parecendo uma bola de futebol de tão inchado, lábios cortados e sangrando. Havia quebrado pelo menos três dedos da mão esquerda e mancava a perna direita enquanto andava.

— Perdoe-me, *Pakhan* — ele se ajoelhou em frente a mim, todos na arquibancada fizeram

PERIGOSAS ACHERON

silêncio para ouvir o que ele dizia — Juro novamente fidelidade ao Papa.

Encarei o público que aguardava ansiosamente a minha resposta ao pedido de perdão. Eu já tinha decidido o destino do ex-*Kapitan* vencedor antes mesmo do fim do torneio.

— Vladic?

Guriev se aproximou de mim, entregando a espada que o tempo todo pareceu apenas um objeto decorando seu uniforme.

— Infelizmente, Khodorkovsky — disse tirando a espada de sua proteção — Seu pedido chegou tarde demais e sua fidelidade não me serve de nada agora.

Um burburinho se fez presente e dois *boyevik* impediram que Khodorkovsky se arrastasse pelo chão tentando escapar.

— Dê meus cumprimentos ao demônio quando chegar ao inferno.

Com um movimento rápido da minha espada, atinji-o na barriga, girei o cabo, retorcendo-o de um lado a outro, observando o rosto de Khodorkovsky se contorcer. Evitei as vísceras para que ele não tivesse uma morte muito rápida.

— Deixe-o aí para ser observado — disse a um dos *boyevik* que o sustentava — Ainda levará algum tempo até que ele morra.

Oito *Kapitany* mortos e um recado havia sido dado durante esses dois dias.

O *Pakhan* não perdoa.

Nunca!



Embora Ivan tivesse partido apenas para uma missão de reconhecimento, eu queria estar a postos quando ele retornasse. Então, Nikolai ficou

incumbido de reunir todos os *Kapitany* de Primeira Elite e os de Segunda que não haviam se aliado a Boris, para uma reunião comigo na sala privativa.

— Boris Kamanev, assim como os ex-*Kapitany* que se aliaram a ele, devem ser dados como exemplo — disse Eremeev, seu tom de voz ainda estava carregado de paixão devido à última luta e execução de Khodorkovsky — Os meus *boyevik*, assim como eu, estaremos à sua disposição, Papa.

Eu não precisava que Eremeev me confirmasse isso, olhando nos olhos dos *Kapitany*, eu via lealdade recendendo em cada um deles.

— Reúnam todos os seus *boyevik* — disse a Eremeev, como ele fazia parte da célula de inteligência, era o que estava mais apto a auxiliar meu *Sovietinik* com os outros *Kapitany* — Savin ficará aqui e dirá o que precisam fazer no momento certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com os movimentos de cabeça, vieram burburinhos que eu deixei rolar enquanto saía da sala. Soube o que Irina tinha conseguido, mas desejava saber todos aspectos de sua descoberta de seus próprios lábios.

— O Boris não faz a mínima ideia em que merda ele foi se meter — disse Vladic quando entramos no carro.

Ainda havia muitas pessoas circulando pelo local e levamos mais tempo do que eu gostaria para o motorista conseguir sair da arena. Pessoas bebiam, gritavam e comemoravam os dois dias que eles consideraram como uma grande festa na Bratva.

— Sei que você adoraria dar uma lição em Kamanev — disse a ele — Mas precisamos ser cautelosos — Primeiro, vinha manter Kyara e meu filho em segurança. Dar um fim a Boris seria apenas um bônus.

PERIGOSAS ACHERON

É claro que eu queria acabar com Boris, da forma mais terrível que pudesse imaginar, tortura no mundo não seria suficiente para aplacar meu ódio e nem amenizar todo o mal que ele causou a nós. Mas o importante para mim, era ter a mulher que eu amava, meu *kheruvim* de volta em meus braços, de onde nunca mais a deixaria sair.

— Tudo dará certo, Dmitri — ele tocou em meu braço — Eu prometo a você.

Nesse momento, não era meu guerreiro falando, o meu *Avtoriyet*, era Vladic, o garoto que cresci admirando. O cara que me ensinou muito do que eu sei, que sempre exigia que eu desse o máximo, porque acreditava em mim como um futuro *Pakhan*. Era o homem que me fez manter a calma e racionalidade durante todo esse tempo, quando acreditei que iria enlouquecer.

Meu irmão, pois, era assim que eu o considerava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Darei a minha vida antes que Kyara e você sejam machucados.

E essa promessa me preocupava porque Vladic não fazia promessas vazias.

— Tenha cuidado, Vladic — disse com um olhar bastante sério para ele — Você também é importante para mim.

Ele sorriu desconcertado e se aprumou no lugar.

— Não se preocupe — disse ele sorrindo, presunçosamente — Quero ser o primeiro a ensinar o seu filho como segurar uma espada.

— Pode ser uma menina — disse para provocá-lo.

— Nesse caso, acho que terei trabalho em dobro.

Se a menina fosse atrevida como a mãe, não tinha duvida que não deixaria Vladic em paz até cumprir a promessa em transformá-la em uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

guerreira. O problema seria Kyara que certamente não ficaria nada feliz com essa história.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 48

Kyara Smirnov

Desde que fui covardemente arrancada de casa e trancafiada nesse lugar horrível, eu senti medo. Do que poderia acontecer comigo, medo por Dmitri, medo que o futuro que idealizamos jamais se concretizasse.

O medo foi meu companheiro mais fiel. Só que agora, tendo a certeza de que Dmitri estava cada vez mais perto de nos encontrar, minha fé se renovava. E a única coisa que pedia em meio a tanta dor e sofrimento era que eu continuasse a suportar tudo.

E para aguentar as horas que passavam agonizantemente lentas, revivia nossos momentos

juntos e imaginava com um sorriso no rosto a reação de Dmitri quando eu contasse sobre nosso bebê.

Era pensando sobre isso, as mãos acariciando o ventre e um sorriso doce despontando em meus lábios, que vi a porta ser aberta em um arroubo.

Boris surgiu na penumbra. Não conseguia ver seu rosto com clareza, mas o arrepio forte que me fez encolher para o canto da sala era um ressalvo de que eu deveria mesmo me preocupar.

— Kyara?

Ele me procurou na penumbra do quarto. Conforme seu andar trôpego o fazia se aproximar de mim, o cheiro de bebida invadindo o quarto ficava mais forte. O horror tomou conta de mim, ao ponto de sentir minha espinha gelar.

Boris, em sã consciência, era perigoso, embriagado, poderia tornar-se incontrolável e ainda

PERIGOSAS ACHERON

mais assustador.

— Chega de enrolação, Kyara — disse ele sentando-se na cama ao meu lado — É o momento de conhecer um homem de verdade. Depois de mim, verá que Milanovic nunca significou nada.

Ele era doente, eu não tinha outra maneira de descrever suas insanidades. Não seria me sequestrando, trancando-me contra minha vontade, fazendo-me usar roupas que me humilhavam diante de seus homens e me forçando a me entregar a ele que faria com que o visse como um homem melhor que Dmitri.

Eu conhecia o lado escuro de Dmitri e não era ingênua para não acreditar que poderia existir mais sombras, mas ele foi honesto comigo. Ele me deu a chance de escolher entre ficar ao lado dele e ir embora. Decidi por sua sombra e luz. E eu o amava, era isso que transformava Dmitri no homem mais perfeito do mundo para mim. Por quem nós

PERIGOSAS ACHERON

erámos quando estávamos juntos.

— Cansei de esperar, Kya — disse ele, agarrando meus braços, puxando-me para ele — Acho que nem tenho mais tempo para isso. Você será minha ao menos uma vez.

— Não!

Tentei me desvencilhar e chutei sua perna para afastá-lo de mim. Minha reação fazia Boris gargalhar e o desespero em mim se intensificava. Odiava que ele tivesse pensamentos asquerosos sobre mim; sentia nojo quando ele me tocava, mas a possibilidade que Boris fosse além, me aterrorizava.

— Não, Boris!

Ele me empurrou contra a cama e jogou o corpo contra o meu, me paralisando. Sua mão correu pela minha coxa, subindo o vestido. Eu quis usar meu joelho para o golpear, mas foi uma tentativa fracassada. O peso dele restringia meus

PERIGOSAS ACHERON

movimentos.

— Sua pele é tão macia, Kyara — sussurrou ele, passando o rosto sobre meu pescoço.

Tentei desviar o rosto do dele que se aproximava e as lágrimas de desespero começaram a saltar dos meus olhos.

— Não... — soluzei, usando minhas mãos contra seu peito — Por favor, não.

Boris segurou meu pescoço e me forçou a olhar em sua direção. Ele lambeu meus lábios, um enjoo quase que irrefreável veio à minha garganta. Ele forçou sua língua para dentro da minha boca e quando cerrei meus dentes, impedindo-o de me beijar, sua mão pesada caiu contra meu rosto.

Choraminguei quando ele apertou minha bochecha com o polegar e indicador, apertando tanto ao ponto da dor me fazer abrir a boca.

Eu o socava e esperneava sob ele e, em dado momento, tentei morder sua língua asquerosa.

Outro tapa fez minha face arder. Senti o gosto de sangue em minha boca, misturando-se ao gosto salgado de minhas lágrimas, agora mais volumosas.

— Não! Por favor, Boris — implorei quando ele veio sobre mim, colocando um joelho a cada lado de minha cintura.

Com as duas mãos, agarrou firme meu vestido rasgando-o até a cintura.

— Linda — grunhiu ele desafivelando o cinto enquanto eu tentava me cobrir com o vestido estragado — Eu já a vi nua, sabia? Tomando banho, sem nem mesmo imaginar que eu estava ali.

A revelação fez com que meu desprezo por ele crescesse significativamente.

Tentei lutar contra ele mais uma vez, mas ele agarrou os meus pulsos, prendendo-os um no outro em sua mão.

— Você tem garras, não é mesmo? — ele passou a mão repugnante pelos meus seios e puxou

o sutiã para baixo.

Seu olhar desejoso fazia meu estômago se revirar. Forcei minhas pernas querendo me libertar dele, mas Boris era mais forte que eu.

— Não faça isso, Boris! — pranteei e me contorci quando o vi aproximar o rosto de mim — Por favor, não.

Sua boca pegajosa tocou minha pele e ele puxou meus mamilos com os dentes me fazendo lutar e gritar mais alto.

— Não! — chorei desesperada — Deus, por favor.

Minha vida sempre foi um mar de incertezas, mas eu tinha uma neste momento, não conseguiria sair inteira desse lugar se Boris conseguisse me dominar e ir até o fim.

Quando ele deslizou sobre mim, consegui desvencilhar meus pulsos e agarrei forte seus cabelos, querendo afastá-lo. O cheiro forte de PERIGOSAS ACHERON

bebida contribuía para me deixar ainda mais enjoada.

Cravei minhas unhas em seu rosto quando ele começou a deslizar sobre meu corpo e senti seus dentes cravarem em minha cintura. Não foi uma mordida forte, mas foi o suficiente para redobrar o meu pânico. Pensei em meu bebê e o quanto desse meu embate com Boris poderia colocá-lo em risco.

— Pare de lutar, Kyara — disse ele, introduzindo os dedos entre minhas pernas, que fechei com pavor e reflexo — No final, estará gozando e implorando por mais.

Eu estava fraca, com medo e desesperada que pudesse colocar em risco minha gestação. E nem podia dizer sobre o bebê a Boris tentando arrancar algum tipo de piedade dele. Se dissesse que em meu ventre estava crescendo o herdeiro Milanovic, não duvidava que ele tentaria matar a nós dois, apenas por ódio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare de lutar para o seu próprio bem — rugiu ele, tentando abrir minhas pernas com seu joelho.

A essa altura eu já não estava preocupada com o que viesse a acontecer comigo, mas essa sementinha ganhando vida em meu ventre me importava muito. Eu faria tudo por ela, até mesmo deixar Boris destruir minha alma, desde que o bebê ficasse protegido.

Virei o rosto para o lado, fechando os olhos com força, aguardando o que de pior pudesse acontecer em minha vida, tudo o que mais temi desde que Fjodor Kamanev morreu, tornava-se realidade.

Mordi os lábios com força, as unhas cravando em minhas mãos. Deixei que minha mente me levasse para outro lugar. Em Dmitri e seu olhar apaixonado por mim, quando me pediu em casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me perdoe — sussurrei bem baixinho
— Me perdoe, meu amor.

Depois que Boris violasse meu corpo não haveria outra forma de me sentir, além de suja, impura para o homem que eu amava. O pai do bebê que eu tentava a todo custo proteger.

— Assim está bem melhor — disse ele ao me ver parar de lutar — Você é minha, Kyara, sempre foi e sempre será. Agora mais do que nunca.

Só mesmo em suas fantasias mais desvairadas. Ele correu a mão por minhas coxas indo de encontro à minha intimidade e eu soluzei. As lágrimas descendo como lavas, queimando meu rosto, aguardando o pior.

Então, talvez alguém nos céus tenha escudado minhas súplicas, a porta foi novamente aberta em um estrondo e Sonya surgiu no quarto.

— Boris!

PERIGOSAS ACHERON

Ela gritou por ele que, por um momento, desviou sua atenção de mim.

— Saía daqui, Sonya! — gritou ele, mas ela não se moveu do lugar — Já disse para sair daqui *suka*.

— Sei que está se divertindo, irmão, mas Feliks está procurando você — disse ela impassível com a raiva que ele demonstrava — As coisas estão começando a se complicar. Os *Kapitany*, seus aliados, estão mortos. Milanovic está vindo nos atacar.

Alívio e felicidade foram ganhando espaço dentro de mim. Desta vez, as lágrimas pesadas não eram de pavor, mas sim de esperança.

— *Ye-bat!* — urrou Boris, saindo de cima de mim, transtornado — Aquele desgraçado deveria estar morto!

Assisti-o deixar o quarto vociferando alto. Arrastei-me pela cama até me encolher em um

PERIGOSAS ACHERON

canto à cabeceira e desviei minha atenção para Sonya.

Ela acendeu a luz, iluminando todo o quarto. Analisou por um tempo, de longe, minha roupa rasgada, enquanto eu tentava me manter digna. Esperei que ela viesse até mim, verificar mais de perto como eu estava, mas isso não aconteceu.

— É verdade o que você disse? — perguntei soluçando — Dmitri está vindo?

— Sobre os *Kapitany* é verdade. Ouvi uma conversa entre Boris e Feliks, eles falavam sobre o que Dmitri anda fazendo — disse ela sacudindo os ombros — Sobre ele estar vindo, foi apenas para distrair meu irmão e tirá-lo daqui.

E eu me sentia aliviada por Sonya ter chegado a tempo.

— Boris banca o valentão, mas se vale dos seus soldados. No fundo, ele não passa de um

PERIGOSAS ACHERON

covarde — disse ela — Mas para o seu bem, Kyara, e o meu, é melhor que minha mentira se torne realidade e rápido. Eu não sei por quanto tempo consigo ludibriar e manter Boris longe do seu quarto.

Ver Boris retornar era algo que eu temia mais do que ela. Não achava que seria possível Sonya deter seu irmão caso fizesse uma nova tentativa de me violentar.

— Mas farei o melhor possível para conseguir isso — disse ela indo em direção à porta.

Um soluço de alívio escapou de minha garganta. Será que Sonya havia se arrependido do que me fez?

— E Kyara? — ela se virou para mim da porta — Quando tudo isso acabar, quando o *Pakhan* vier, não esqueça que fui eu a te ajudar.

Como eu também não podia esquecer que por causa de Sonya eu estava aqui e que tinha

PERIGOSAS ACHERON

passado pelo momento mais aterrorizante de minha vida.

— Podemos fazer esse trato? — sugeriu ela.

Eu precisava negociar com ela que, nesse momento, ela tinha vantagem.

— Tudo bem, eu vou me lembrar disso.

Vi-a sair e só conseguia sentir mágoa e pesar. Tolamente acreditei que ela pudesse ter bons sentimentos em relação a mim. Eu sempre desejei que tivéssemos sido amigas, irmãs que cuidavam uma da outra, mas Sonya nunca se preocupou com mais ninguém além dela mesma.

Capítulo 49

Dmitri Milanovic

Como precisávamos aguardar que Ivan retornasse trazendo informações mais precisas e expusesse um bom plano para o ataque, dediquei parte do meu foco a Irina e suas explicações relacionadas a seu projeto, o microchip que havia implantando em Kyara.

— Isso pode ser implantado em qualquer pessoa? — indaguei curioso ao ver pela primeira vez a peça que era bem menor que um grão de arroz.

— Qualquer pessoa — afirmou ela — Já disse que não fará mal a Kyara ou ao bebê.

— Não estou preocupado com isso — esclareci.

Claro que qualquer efeito colateral seria inaceitável, mas confiava em Irina e sua capacidade profissional. Quando se tinha Boris Kamanev ameaçando minha sanidade, um microchip que parecia inofensivo tornava-se minha última preocupação.

— O que está pensando, Papa? — indagou Vladic ao meu lado.

Ele já deveria estar imaginando o que eu pensava. Iria eliminar Kamanev de nossas vidas, mas isso não significava que nossos inimigos haviam acabado. Havia a iminente ameaça de guerra contra a Tambovskaya, máfia que desafiei ao atender o pedido de Tigran Voronov.

— Você consegue fazer outros desses, Irina?

Vi os seus olhos iluminarem. Eu tinha paixão pelo meu trabalho, mas Novitsky parecia ir além disso. Ela me fazia pensar com humor em um

PERIGOSAS ACHERON

cientista louco.

— Primeiro, quero fazer algumas melhorias — disse com muita empolgação — Usar satélites e tecnologia de ponta para rastrear o sinal, independente se estivermos aqui ou na lua.

Isso era bom, pois, não sofreríamos no futuro da mesma forma que padecemos para localizar Kyara. Ter a certeza da localização em um prazo curto, nos daria mais tempo para formular um plano de resgate melhor e mais eficaz.

— Quantos você acha que irá precisar?

— Além da Kyara e nosso filho? — então, uma dúvida surgiu em minha cabeça — Pode fazer mal a uma criança em desenvolvimento?

Afinal, crianças crescem e vivem em constante mudanças.

— Não mais do que faria agora — ela suspirou audivelmente — É totalmente seguro, Dmitri, mas se tem receios, posso seguir fazendo

outros testes.

— Prefiro assim. Por enquanto algumas pessoas terão direito ao chip — disse a ela — Vladic, Nikolai, Ivan e você. Depois, podemos implantar em todos os *Kapitany* e suas famílias. Acha possível?

— A gente teria que criar uma rede, ampliar o programa — Tigran se ergueu da cadeira onde esteve nos ouvindo — Um novo setor apenas para administrar isso, e claro, mais investimento. O que Irina fez foi incrível, mas como ela ressaltou, precisa ser aprimorado. Isso requer muitos recursos.

— Dinheiro não é problema — grunhiu Vladic — Ianque.

Os dois se encararam como dois cães de briga e um clima pesado se instaurou no ar.

— Eu sou russo também — retrucou Tigran.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas é um Bratva? — questionou Vladic, ficando a alguns centímetros dele — Sua lealdade é verdadeira ou só até virarmos as costas?

Peito a peito, ombro a ombro, olho a olho, os dois se enfrentavam.

— Ok, pessoal — passei minha mão entre os dois, colocando-a no peito de Vladic e o empurrei para trás.

Eu não queria e nem podia lidar com a merda acontecendo entre Vladic e Tigran agora.

— Vocês terão todo recurso e dinheiro que precisarem — disse a Irina — Faça o que precisar ser feito.

Ela assentiu e encarou Vladic com raiva enquanto eu o puxava para fora da sala.

— Qual o seu problema, Vladic? — indaguei ao chegarmos no corredor e fechar a porta às minhas costas.

— Por que confia nele?

PERIGOSAS ACHERON

Até o momento, Tigran havia nos ajudado.

— Não confia no Voronov ou seu problema com ele é outro?

Vladic passou a mão nos cabelos, demonstrando o quanto se encontrava irritado.

— Ele não é um Bratva — acusou ele — Nem fez o juramento ainda.

— Enquanto tivermos o que ele quer, Voronov será leal — eu o recordei, que apesar de termos resgatado a garota a pedido dele, ainda a mantínhamos sob nossa vigilância — E vou cuidar disso após resgatarmos Kyara. Enquanto isso, não tumultue as coisas.

Era uma ordem e ele sabia disso.

— Como quiser — disse ele, mas eu via a fúria queimando em seus olhos — Vou me preparar para quando Ivan retornar.

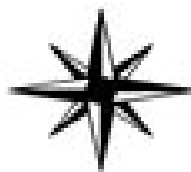
Eu odiava brigar com Vladic, odiava ainda mais ficar contra ele. Nossa ligação ia muito além

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de *Pakhan* e seu *Avtoriyet*. Mas se ele agisse irracionalmente, era meu dever, mais do que direito, corrigi-lo.

O problema de Vladic com Tigran Voronov era pessoal e envolvia Iriana. Quando ele enxergasse isso as coisas ficariam mais fáceis.



Ivan retornou na manhã seguinte. Ele trouxe a confirmação de que Kyara e os Kamanev se encontravam em um castelo antigo de duas torres, cercado por muros e ameia, e uma floresta densa.

— Há *boyevik* ao redor de toda a propriedade — disse Ivan quando se uniu a mim em meu escritório.

PERIGOSAS ACHERON

Ele passou o dedo sobre o mapa indicando na região o exato lugar onde o castelo antigo estava localizado. Uma região de difícil acesso e com muitas montanhas em volta, além de um extenso rio que teríamos que passar.

— E antes de os *Kapitany* serem levados à arena e eliminados, cada um disse quantos *boyevik* emprestou a Boris. — continuou Ivan — Um número significativo, devo dizer.

Boris tinha feito muito bem o seu dever de casa. Estava bem protegido pelas muralhas e paredes de pedra, e os homens deixavam seu esconderijo quase que impenetrável.

— Mas estamos em uma quantidade maior — lembrei aos dois — Além dos meus próprios homens, há os soldados dos dezessete *Kapitany* de Primeira Elite e os quatro restantes de Segunda.

— De qualquer forma, temos que ser cautelosos, Papa — avisou Ivan — A essa altura,
PERIGOSAS ACHERON

Boris já sabe que os ex-*Kapitany* foram mortos e que vamos atrás dele.

O torneio foi algo grandioso na Bratva, que seria comentado por todos por muito tempo ainda, seria impossível manter Boris longe dessas informações.

— O que ele não sabe é que já sabemos onde Kyara está e que vamos atacá-lo agora — disse Irina.

Olhei para ela tão surpreso quanto Vladic a encarou com raiva.

— Você não irá a lugar algum. Eu a proíbo — alertou ele — Já fez o suficiente até aqui. A guerra não é lugar para mulheres.

— O quê? — Irina indagou exaltada — Até agora...

— Não é lugar para você, Novitsky! — interrompeu ele.

Antes que Irina pudesse se manifestar,
PERIGOSAS ACHERON

coloquei-me entre os dois. Eu entendia a reação de Vladic. Não era apenas machismo da parte dele. Ela não foi treinada para isso como cada um de nós. Irina era uma cientista e não uma guerreira. Eu jamais permitiria que Kyara se envolvesse em uma batalha como a que estávamos prestes a enfrentar, embora eu soubesse que para ajudar a amiga, ela sugeriria algo como Irina fazia agora.

— Vladic tem razão. Você foi essencial em toda essa busca, agradeço profundamente — disse colocando a mão em seu ombro — Mas não é uma guerreira. Não dá para recuperarmos Kyara nos preocupando com a sua segurança.

— Eu vou no lugar dela — disse Tigran.

Tanto eu quanto Vladic o olhamos com surpresa.

— Não sou um guerreiro, mas posso ser útil em alguma coisa, além de poder entrar em contato com Irina se precisarmos de um plano B.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fazia sentido e eu me sentiria mais tranquilo sabendo que tínhamos inúmeras possibilidades de vencer Boris Kamanev.

— Você tem certeza, Voronov? — indaguei a ele — Quer mesmo encarar isso?

— Absoluta certeza.

Olhei furtivamente para Vladic, mas percebi que ele sorria. Tigran Voronov não fazia a mínima ideia do que iríamos enfrentar e meu *Avtoriyet* se divertia imensamente com isso.

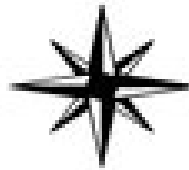
— Muito bem — Nikolai — chamei o silencioso *Sovietinik* —, vá até os *Kapitany* e reúna seus *boyevik* na arena. Quero todos preparados assim que Ivan der o sinal de partir.

Só conseguiríamos vencer Boris se agíssemos com cautela e inteligência. A arrogância e ações impensadas deixava a cargo de Kamanev. Ele só era um tolo que ousara caminhar mais do que suas pernas alcançavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Embora estivéssemos na vantagem de números de pessoas para o combate, haveria baixas e perdas. A morte era um manto inevitável cobrindo uma guerra. Precisávamos estar preparados para tudo.



Nós partimos no fim da manhã. Pegaríamos aviões que nos levariam à região dos Montes Urais, levaria em torno de oito a nove horas de voo. De lá, seguiríamos de carro e trocaríamos os veículos por cavalos, conseguidos com Galagan, um *Kapitan* de Primeira Elite, que fazia criações naquela região. Também usaríamos motos, pois, não teríamos animais disponíveis para todo mundo.

Foi escolhido esse meio de transporte porque seguiríamos mais rápido e silenciosamente

PERIGOSAS ACHERON

pelos caminhos mais íngremes. Também seria mais fácil atravessar o rio que corta a propriedade de Boris, do que a ponte onde seus homens faziam a vigilância mais pesada. Iríamos atacá-lo sem dar muitas chances para que pudesse preparar sua defesa.

— Encontramos alguns *boyevik* ao redor — disse Ivan aproximando seu cavalo do meu — Os eliminamos e substituímos por nossos homens.

Nós tínhamos parado às margens do rio para que Ivan e seus homens fossem na frente fazendo um novo reconhecimento da área e verificassem se o local estava seguro para avançarmos.

— Acha que não irão perceber?

— Só quando for tarde demais — disse ele — Agora podemos prosseguir. Fique sempre entre os guardas.

Em qualquer outra situação de guerra,

normalmente eu ficaria em minha casa, aguardando e acompanhando o seu desenrolar. Um *Pakhan* não sai para guerrear, temos homens bem treinados para isso e nosso papel era apenas o de tomar decisões importantes. Nossa vida era preciosa. Só que essa não era uma circunstância normal.

Colocava-me em batalha por Kyara e nosso filho. Eu nunca ficaria em casa aguardando pacificamente que Ivan e os soldados vencessem essa batalha por mim. Contudo, mesmo sentindo-me contrariado, algumas normas de segurança eu precisava seguir. Como nunca estar à frente do pelotão e nem na retaguarda. Ficava no meio, sendo protegido de qualquer ataque que pudesse acontecer.

Já era quase madrugada quando cruzamos o rio. Chegaríamos ao castelo de Boris quase ao amanhecer. E quanto mais nos aproximávamos, mais forte eu conseguia sentir a presença de Kyara.

Era algo bem difícil de explicar, eu só sentia isso.



A densa floresta nos servia como acampamento e um local para deixar os animais descansarem. De onde paramos, seguiríamos a pé e bem armados. Os soldados de Elite circulariam os muros, escalariam e eliminariam os primeiros *boyevik* de Boris em guarda, enquanto os de Segurança avançariam conforme o caminho passasse a ser liberado.

Vladic e eu seguiríamos logo atrás deles. Meu único e verdadeiro papel aqui hoje era de tentar negociar com Boris se fosse preciso. Não havia muito da batalha que eu conseguisse ver ou acompanhar, mas de onde estava podia ouvir os

PERIGOSAS NACIONAIS

gritos e tiros sem cessar.

— Dentro de alguns momentos o portão poderá ser aberto — disse Ivan ao se encontrar comigo e Vladic.

— Quantos dos nossos foram abatidos? — ele perguntou a Ivan.

— Poucos, conseguimos pegá-los de surpresa.

— E do Boris? — indaguei.

— Quase metade. Muitos recuaram para dentro do castelo quando nos viram atacar.

Vociferei ao ouvir sua informação. Para mim não passavam de ratos recuando assustados, tentando fugir do destino que lhes foi reservado. Isso só me fazia mais irritado, desejando por sangue.

Menos de uma hora após o aviso de Ivan, o grande portão começou a ser aberto. Quis avançar imediatamente, mas Vladic me puxou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou olhar ao redor primeiro.

Assenti. Odiava ter que esperar para dar cada passo, mas o objetivo era que ficasse em segurança e bem até encontrar Kyara e era o desejo de vê-la novamente que me mantinha agindo sob a orientação deles.

Olhei à minha volta enquanto aguardava Vladic retornar entre as árvores. *Kapitan* Eremeev se aproximar com mais homens e caixas de armas.

— Trouxemos o que pudemos no jipe — disse ele ao se aproximar de mim.

Agora que já atacamos Boris, não tinha problema que os *boyevik* e *Kapitany* em retaguarda usassem os jipes e carros 4x4 para se aproximarem, trazendo novos armamentos.

— E o Guriev? — indagou ele.

— Foi verificar se podemos avançar.

— Certo, vou ajudar a reabastecer e distribuir as armas.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti e o observei se afastar. Nesse momento, um helicóptero sobrevoou por nossas cabeças. Dr. Kushin, médico de minha confiança, havia sido recrutado para ficar à disposição aos cuidados de Kyara, se fosse necessário.

E que o inferno ajudasse Boris e a presença do doutor aqui não fosse necessária.

— Dmitri?

Ouvi um sussurrar e olhei em direção às árvores onde Vladic havia desaparecido.

— Por aqui — disse ele, fazendo um sinal para que o acompanhasse.

Segui pelo caminho que ele direcionava com cautela. Encontramos meia dúzia de homens fortemente armados nos esperando mais à frente. O castelo com duas torres, feito todo de pedra, agora já estava completamente visível a mim, embora ainda em uma distância considerável.

Enquanto caminhávamos, eu via uma pilha

PERIGOSAS NACIONAIS

de corpos caídos e cobertos de sangue. Diferente dos nossos soldados vestindo preto da cabeça aos pés, os homens de Kamanev usavam roupas comuns. Foi fácil identificar que havia mais mortos da parte dele do que nossa. Ainda assim, lamentava as perdas dos nossos soldados.

Caminhando sorrateiramente de árvore em árvore, ouvi mais tiros, mais gritos e um corpo caiu de uma árvore aos meus pés quando passei por ela. Vladic o movimentou com o pé e quando o homem fez sinal de erguer a arma que mantinha em punho, ele atirou em sua cabeça.

Continuamos a nos esgueirar até nos aproximarmos bem do castelo. Estava atrás de uma fonte usando-a como escudo enquanto Ivan e seus homens percorriam todo o castelo já formulando uma oportunidade de invadi-lo.

Faltava pouco para enfrentar Boris cara a cara e muito pouco para ter Kyara novamente em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus braços, lugar que nunca mais a deixaria sair.

Nova onda de tiros aconteceu e ouvi um enorme baque. Ivan tinha conseguido derrubar a porta de entrada. Era o início do fim e minha preocupação ao invés de moderar, ficava mais vívida. Boris deveria estar ciente da derrota iminente e sendo acuado. Eu temia que em algum surto de loucura pudesse fazer mal a Kyara, afinal, o que ele tinha a perder agora?

— Quanto tempo até chegarmos a Boris?
— indaguei a Vladic e agachei quando o tiroteio recomeçou.

— Ele está preso em uma ratoeira — Disse Vladic erguendo rapidamente a cabeça para olhar mais a frente — É se entregar ou morrer.

Eu temia que Boris optasse pela segunda alternativa e, com isso, levasse Kyara e nosso filho com ele. Nada disse teria valido a pena se ele decidisse dar um tiro na própria cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas Boris não era o tipo que optaria por um caminho como esse, tive a prova disso ao olhar em direção à janela após ouvir o meu nome.

Foi como ir ao céu e descer em uma queda livre até o inferno. Atrás das grades da janela estava Kyara, com olhar assustado, olhando para mim.

Ergui-me e saí de trás da fonte.

— Dmitri? — dessa vez não foi Kyara a me chamar, mas sim Vladic — Mas que merda, cara!

Ele estava irritado e eu conseguia compreender o motivo de sua irritação. Eu me coloquei em situação de perigo, não me importava, precisava ver Kyara mais de perto, precisava dizer a ela que estava tudo bem, estava indo buscá-la.

Agora não era o *Pakhan* agindo. Nesse momento era, *Dmitri Milanovic*, apenas o homem que veio resgatar a mulher que amava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 50

Boris Kamanev

Horas antes

Caminhei desnortado pelo corredor e não apenas porque ainda me encontrava pelo efeito da vodka e cocaína que consumi. O que me deixava cego era saber que o desgraçado do Milanovic ainda estava vivo e que poderia representar uma ameaça a mim.

— Feliks! — abri a porta da sala que fiz de escritório com um estrondo e usei o batente para me equilibrar — Milanovic está chegando? Como isso é possível?

Ele estava ao telefone e virou assustado para mim e olhou para além de meus ombros, como se eu não tivesse feito uma pergunta e ele esperasse

encontrar o *Pakhan* às minhas costas.

— Ele está? — indagou ele ao se levantar.

Passei por ele e fui direto para o bar em busca de uma bebida.

— Sonya me disse isso — ignorei o copo e bebi a vodka direto pela garrafa — Aquela cadela. Como poderia saber disso?

— Eu não sei — disse ele confuso — Posso verificar. Mas...hum... Boris?

Feliks jamais poderia se tornar meu *Avtoriyet* quando eu eliminasse Dmitri e passasse a ter o controle de tudo. Ele era fraco e mostrava-se cada vez mais incompetente. E eu sabia pela sua expressão angustiada que estava próximo a confirmar o que pensava dele.

— Sobre a bomba...

— O que tem ela? Khrushchov conseguiu armar a bomba, não é mesmo? — encarei-o com ódio — Por que em vez de comemorar a morte de

PERIGOSAS NACIONAIS

Milanovic como eu vinha fazendo, estamos falando sobre a bomba?

Feliks desviou o olhar e irado desferi um tapa no rosto dele.

— Responda!

— Khrushchov conseguiu entrar se passando por uma das empresas encarregadas pela organização do casamento — disse Feliks — Colocou a bomba na piscina e reprogramou para o dia e horário que pediu, mas, de alguma forma, ela foi descoberta.

Cambaleei até a mesa. Essa era a melhor e talvez única oportunidade de eliminar Dmitri Milanovic, Vladic Guriev, Nikolai Savin e Ivan Trotsky e, com sorte, alguns *Kapitany* de Primeira Elite de uma vez por todas.

Sem eles, a Bratva ficaria vulnerável e eu poderia tomar o poder. O desgraçado do Milanovic mais uma vez arruinava meus planos.

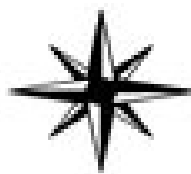
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diga a Khrushchov que houve mudanças de planos. O alvo agora é apenas Dmitri — ordenei a ele — Uma bomba no carro dele deve resolver. E enquanto Khrushchov tenta colocar essa nova missão, vamos colocar o plano B em prática.

Feliks assentiu e saiu.

Não continuaríamos seguros aqui por muito tempo. Com os *Kapitany* mortos, Milanovic passaria a me caçar. A Rússia já não era mais uma opção para continuar a nos esconder.



Acordei ao lado de uma garrafa vazia e a baba escorrendo pelos meus lábios. Limpei a boca com as costas das mãos focando meu olhar ainda turvo ao redor de mim. Eu tinha passado o restante

PERIGOSAS ACHERON

da noite bebendo no escritório e apagado sobre a mesa.

Levantei e, além da dor de cabeça, estava com o humor dos diabos. Algumas pessoas precisavam lutar pelo que queriam, como eu, e outras simplesmente as tinham caindo aos seus pés, sem qualquer merecimento, como Dmitri Milanovic.

Ele podia estar adiando meus planos de ser o novo *Pakhan*, mas eu tinha algo que ele queria. E teria feito Kyara minha se Sonya não tivesse surgido no quarto. E ao pensar em Sonya, precisava esclarecer algumas coisas com ela.

— Levanta! — puxei-a pelos cabelos quando invadi o seu quarto e a arrastei para fora da cama — O que quis dizer quando falou que Milanovic estava chegando?

Eu e Sonya nunca tivemos um bom relacionamento. Ela era rebelde e contava com a

PERIGOSAS ACHERON

proteção de nossa *mat'* para me desafiar. Depois que nossa *mat'* morreu, conseguia controlá-la um pouco mais, quando o fraco do nosso pai, a pedido de Kyara, não interferia a favor dela. Mas agora, nenhum dos dois estava aqui e minha irmã agiria exatamente como eu ordenasse.

— Como conseguiu essa informação?

Puxei com mais força seus cabelos, até fazê-la se contorcer.

— Um *boyevik* — choramingou ela — Um dos soldados contou quando estivemos juntos.

Libertei-a, não por pena de suas lágrimas e súplicas para que a soltasse, mas pela surpresa.

Como um *boyevik* ao meu comando poderia ter informações que apenas Feliks e eu estávamos tendo acesso? A menos que o homem estivesse fazendo jogo duplo e cruzando informações.

— Quem é? — caminhei duro em direção

PERIGOSAS NACIONAIS

a ela que tinha se afastado buscando fugir de mim.

— Não sei o nome.

Agarrei Sonya mais uma vez, agora pelos braços.

— Você é tão vadia, Sonya, que abre as pernas para o primeiro macho que encontra sem ao menos saber o seu nome — segurando-a firme, arrastei-a em direção à porta — Vai me mostrar quem é nem que para isso levemos o dia todo.

Encontraria o *boyevik* traidor e quando isso acontecesse, o faria lamentar o dia que a puta da mãe dele havia sofrido para colocá-lo no mundo.



Já tinha passado quase oitenta homens pela minha sala e eu começava a ficar irascível quando

PERIGOSAS ACHERON

Sonya finalmente confirmou um homem.

Nikita Timofeev.

O homem passou as horas seguintes, enquanto o torturávamos e interrogávamos em busca de informações que ele insistia manter escondidas, alegando que nunca tinha tocado na puta da minha irmã e que não sabia absolutamente nada do que ela estava falando.

Com ajuda de Feliks e alguns soldados, não consegui arrancar nada de Timofeev, mas dei a ele uma morte lenta e agonizante diante de todos os cento e dezenove soldados restantes. Uma pequena demonstração do que acontecia com quem desafiava um Kamanev.

— Tem notícias de Khrushchov? — perguntei a Feliks assim que entramos em meu quarto.

Eu precisava de um banho para tirar o sangue do *boyevik* das minhas roupas e corpo.

— Ele disse que, devido as circunstâncias, tentar implantar uma bomba no carro do *Pakhan* agora é arriscado. Ele precisa de um tempo.

Isso era algo que eu não tinha, mas Khrushchov era o único que confiava em Moscou para realizar um serviço como esse.

— Prepare o barco, nós vamos partir amanhã de manhã.

Eu não ficaria aqui aguardando o momento que Dmitri Milanovic chegasse com seu exército para me atacar. Quando ele chegasse, Kyara e eu estaríamos muito longe e com calma planejaríamos uma nova forma de destruir o *Pakhan*.

Após o banho, dirigi-me ao quarto de Kyara para informá-la dos novos planos. Fui surpreendido e acometido pela raiva quando avistei Sonya no quarto com ela.

— O que faz aqui, irmã?

Minha dose de paciência com Sonya já

havia se esgotado. Mas eu estava prestes a me livrar dela. De maneira alguma a levaria comigo e Kyara.

— Kya não se sente bem — respondeu ela, passando a mão pela testa dela.

Depois da raiva que me cegou, percebi que Kyara estava deitada na cama com muitas cobertas sobre seu corpo.

— Está doente? — perguntei desconfiado.

Kyara não adoecia com facilidade e quando acontecia, não era o tipo que fazia um estardalhaço como Sonya, exigindo ser o centro das atenções.

— Provavelmente por causa de seu passeio, Boris — acusou Sonya me lembrando de quando obriguei Kyara a andar pelo castelo usando apenas a fantasia minúscula.

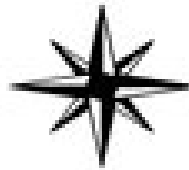
— Faça-a ficar o melhor que puder — disse contrariado — Estamos partindo amanhã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Partindo? — gritou Kyara tentando se levantar, mas Sonya a fez voltar ao lugar — Para onde? Por quê?

— Vamos embora amanhã e isso é tudo que vocês precisam saber.

Pelo visto eu não conseguiria me livrar de Sonya agora. Não enquanto estivesse cuidando de Kyara. Mas eu não podia martirizar isso agora, havia muitas coisas a organizar até nossa partida no dia seguinte.



Estava reunido com cinco dos meus melhores *boyevik* e que ficaram no comando até podermos nos reencontrar quando ouvi o primeiro disparo soar. Poderia ser uma briga entre os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soldados, não era difícil de acontecer quando se tinha muitos homens juntos no mesmo lugar, mas quando novos disparos aconteceram ao me aproximar da janela, percebi que não poderia estar mais equivocado.

— Que porra é essa? — homens vestindo preto brotaram dos muros altos e atacaram os meus soldados desavisados — Feliks? O que está acontecendo.

Tanto Feliks como os homens que havia reunido em minha sala vieram até mim na janela.

— É o *Pakhan* — disse um dos homens.

— Ele encontrou a gente — acrescentou Feliks.

Por um momento fiquei paralisado. Como eu sempre soube, Dmitri possuía um exército inegavelmente maior do que o meu. Eu nunca pensei em enfrentá-lo cara a cara, seria uma condenação de morte.

PERIGOSAS ACHERON

Como o desgraçado havia conseguido me encontrar?

— Cuidem disso imediatamente. Ele não pode entrar. Isso será nossa sentença de morte — disse aos homens atônitos na sala para que reagissem — Agora, estamos lutando por nossas vidas. Vão!

Eles saíram apressados. Na verdade, eu não me importava com o destino deles. Usaria-os apenas para ganhar tempo. Essa era uma luta perdida e eu não ficaria aqui aguardando a minha morte.

— Prepare o barco, Feliks — ordenei, e ele prontamente seguiu para me atender.

Fui em direção à parede atrás da mesa. O cofre se revelou quando tirei o quadro que o cobria. Digitei o código, abrindo-o. Havia dinheiro e documentos falsos para mim e Kyara. Busquei a bolsa vazia em um canto no chão, a mesma que

PERIGOSAS ACHERON

trouxe o dinheiro e documentos falsificados e comecei a colocá-los dentro dela.

Fechei a bolsa e olhei para a janela mais uma vez antes de sair. Os tiros e gritos ficavam mais contrastantes conforme o ataque de Milanovic se intensificava. Ele estava avançando e eu perdia cada vez mais homens. Era visível pelos corpos que começavam a se acumular pela extensão da propriedade.

O desgraçado havia planejado muito bem seu ataque contra mim, pegando-me de surpresa, sem que eu tivesse tempo de reagir. Eu tinha que, pelo menos, nesse momento, admitir que Dmitri não era tão fraco e imbecil como imaginava.

Meu ódio por ele havia me deixado cego. Pequei pelo excesso de confiança e certeza que o destruir seria algo muito fácil. Estive errado o tempo todo. E isso só me fazia odiá-lo ainda mais.

Quando o portão principal foi aberto,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

liberando mais de seus homens a atacar, saí do meu estado contemplativo. Precisava dar andamento aos detalhes da nossa fuga. Corri para o meu quarto. Havia mais duas malas de dinheiro e armas que não poderia deixar para trás. Não sabia quanto tempo teria de ficar fora de circulação e precisaria de todo o dinheiro que havia reservado para uma emergência como essa.

— O barco está pronto, senhor — disse Feliks — Partimos quando quiser.

Ele usou uma das muitas passagens secretas que havia no lugar para entrar em meu quarto.

Sorri vitorioso. Com essa, Dmitri Milanovic não contava. Abaixo do castelo havia o rio que circundava por ele. Mantive o barco ancorado ali, pois, mesmo acreditando que o *Pakhan* nunca conseguiria me encontrar, eu estava sempre prevenido.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos buscar a Kyara — disse a ele, entregando duas das bolsas com o dinheiro.

Nesse momento, um estrondo nos fez correr até a janela. O desgraçado do Ivan Trotsky, comandando seus homens, havia conseguido derrubar a porta de entrada principal.

— Com todo respeito, senhor — disse Feliks ao observamos Ivan e seus homens invadirem o castelo — Se pretende fugir, é melhor que seja agora.

Meus soldados haviam recuado e os de Dmitri pareciam brotar da terra. Alguns deles haviam morrido durante a troca de tiros, mas eram um número ínfimo se comparado a mim.

— A Kyara...

— Eles estão vindo — insistiu Feliks — É busca-la e morrer ou fugirmos agora!

Ye-bat!

Eu sabia que Feliks tinha razão. Kyara e

PERIGOSAS ACHERON

Sonya se encontravam do outro lado do castelo e Ivan com os soldados continuavam avançando. O risco de encontrá-los pelo caminho era grande. E levar Kyara comigo não era mais importante do que me manter vivo.

Eu a roubei de Dmitri uma vez. Iria roubá-la de novo quando chegasse o momento. Não era uma fuga covarde, era uma fuga estratégica e necessária neste momento.

— Senhor?

Feliks estava perdendo a paciência ao me ver relutante. E até que eu saísse desse castelo, precisava contar com sua ajuda.

— Vamos embora — disse ao seguir em direção à passagem secreta atrás de um espelho, por onde ele havia entrado.

Escolhi esse castelo como esconderijo, não apenas por ficar em uma área distante e isolada, mas pelas inúmeras passagens secretas que haviam

PERIGOSAS ACHERON

sido colocadas ali em sua construção original, servindo para o mesmo propósito de hoje, em caso de um ataque e possível derrota, seria uma rota de fuga.

Rastejamo-nos pelas passagens escuras e úmidas. Às vezes precisávamos deixar o corredor apertado e trocar de passagem em outro cômodo. Vigianto se estava vazio ou aguardando até que os *boyevik* investigando cada canto do castelo deixassem o ambiente.

— Vamos — disse Feliks.

Chegamos a uma parede falsa que daria no interior da escada principal, por onde começamos a descer. Dali, pegaríamos outra passagem que nos levaria aos corredores em direção ao rio e ao barco que nos aguardava.

Ouvi um tiro que fez Feliks e eu pararmos no lugar. Afastei uma pedra falsa e por ela pude ver que Dmitri havia entrado na casa e abatido um dos

PERIGOSAS ACHERON

meus *boyevik*. Ele estava de costas para mim e tirando o homem morto ao seu lado, que ele verificava com o pé, não havia mais ninguém próximo a ele.

— O que você está fazendo? — Feliks tentou puxar o meu braço quando comecei a movimentar a parede que nos escondia — Boris?

— Essa é minha única oportunidade de acabar com Milanovic com minhas próprias mãos — disse a ele, forçando a me soltar.

Saquei a minha arma abrindo a passagem um pouco mais, não totalmente, mas o suficiente para conseguir mirar bem na cabeça de Dmitri, fazendo seus miolos se espalharem pelo chão.

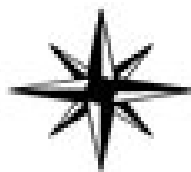
— Dmitri!

Pizdets! O maldito do Guriev tinha que chegar justamente agora?

— Vamos, Boris — Feliks sussurrou atrás de mim — Se fizer isso, Guriev virá atrás de nós.

A razão me dizia que deveria continuar fugindo antes que as passagens secretas ou até mesmo o barco fossem descobertos, mas meu ódio por Dmitri Milanovic conseguia me cegar. Como uma droga, era quase impossível resistir. Eu tinha que mirar na cabeça dele e atirar.

Eu iria matá-lo e triunfaria!



Kyara Smirnov

Quando Sonya veio ao meu quarto com a ideia de que fingíssemos que eu estava doente para manter Boris afastado do meu quarto, acreditei que o plano frágil e maluco dela poderia dar certo. Isso até Boris informar que iríamos partir em breve,

fazendo minha esperança enfraquecer mais uma vez.

Se Irina tivesse tido algum progresso em me localizar através do chip, seu trabalho iria por água abaixo se precisasse iniciar as buscas do zero.

— Nós precisamos encontrar uma forma de deter o Boris — disse a Sonya.

Ela andava de um canto ao outro do quarto, agitada.

— Vou ver o que consigo descobrir — disse ela — Mas depois que inventei aquela mentira sobre o *boyevik*, eles não me olham com bons olhos.

Apesar de saber que Sonya era ardilosa, não queria ser deixada sozinha. E se Boris voltasse? Contudo, sabia que ela tinha razão e era a única que podia circular pela casa caçando informações. Talvez, quando ela retornasse, conseguisse fazer com que me ajudasse a fugir.

— Volto logo — avisou ela antes de sair.

Mas Sonya não voltou. E conforme o tempo foi passado, eu ficava cada vez mais preocupada. Sem sinal dela e trancada no quarto, a única coisa que me restava era rezar. Foi o que fiz por um tempo, até que a exaustão física e mental tomassem minha consciência.

Despertei assustada com o primeiro estouro. Os seguintes me libertaram de minha confusão mental. Saltei da cama e caminhei trôpega até a janela. Homens por todos os lados invadiam o castelo de Boris.

Lágrimas de alívio e felicidade inundaram meus olhos.

Dmitri estava aqui. Ele tinha vindo nos resgatar. Sorrindo e chorando, toquei o meu ventre com carinho.

— O papai veio buscar a gente.

Eu deveria me desviar da janela conforme

a invasão e batalha ficavam mais sangrentas. Mas eu procurava Dmitri a cada homem que via entrar.

Vi Ivan se aproximar acompanhado por um grupo de homens. Eles seguiram em direção à entrada principal. Agarrei a grade com força quando reconheci Vladic ao longe acompanhado por mais soldados. Eles deram fim a três capangas de Boris, mas infelizmente um do grupo que veio me resgatar foi atingido durante as troca de tiros.

Havia muitos corpos espalhados pelo chão. Nem mesmo os animais de guarda haviam sido poupados. Um barulho ensurdecador, e que fez as paredes tremerem, me impulsionou para longe da janela. Fiz uma oração silenciosa para que conseguissem me resgatar a tempo e que Boris não tivesse a chance de me buscar e me arrastar com ele.

Quando o barulho de tiros e gritos começou a diminuir, me aproximei da janela. Meu

PERIGOSAS ACHERON

coração veio à boca ao perceber movimento de homens atrás da fonte.

Eu o reconheceria em qualquer lugar.

— Dmitri!

Não foi apenas minha boca chamando por ele. Meu coração e alma também gritavam.

Bem diante de mim, tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe, estava o homem que eu amava.

Kyara. Ele balbuciou o meu nome, olhando-me através da janela, então, abandonou a fonte, correndo em direção ao castelo e para os meus braços.

Capítulo 51

Dmitri Milanovic

Fui treinado para ser duro, implacável e sempre pensar friamente antes de tomar qualquer decisão. Mas ninguém havia me ensinado a maneira correta de agir quando se estava apaixonado. E nesse caso, apenas o instinto falava por você, mesmo sabendo que seu lado racional deveria ter mais voz.

Quando a vi olhando através das grades da janela, com um sorriso feliz e aliviado em me ver, só pude fazer uma coisa, correr em direção ao meu Querubim. Foram os dias mais aterrorizadores da minha vida e de uma saudade gigantesca, tudo o que eu queria era ter Kyara novamente segura em meus braços.

Engatilhei minha arma e atravessei a porta arrombada com vigilância redobrada. Ivan e os *boyevik* estavam espalhados pelo castelo eliminando o que restou dos soldados de Boris, ouvia os tiros vindos de vários lugares, mas cautela nunca era demais. Tive certeza disso quando um *boyevik* assustado, surgiu de um dos corredores. Usei uma das pilastras para me proteger dos disparos contra mim.

Uma das balas passou a centímetros da minha cabeça. Eu precisava pensar e agir rapidamente, contudo, a posição que me encontrava favorecia o homem. Olhei à minha volta, conseguia ter uma visão embaçada através do vidro de uma janela. Levei minha mão para trás das costas, na fração de segundos que ele deixou de atirar em mim, mirei e disparei em direção a ele. O primeiro tiro pegou no estômago, fazendo baixar a arma e levar sua mão ao corpo ferido. Saí da pilastra e

PERIGOSAS ACHERON

finalizei o trabalho que havia começado com o *boyevik*.

— Dmitri.

Virei em direção à voz e encontrei o olhar nada feliz de Vladic. Eu tinha ignorado todos os protocolos de segurança ao invadir o castelo.

— Que porra você está fazendo?

Como *Pakhan*, ele devia obediência a mim e não o contrário, mas a nossa relação não era assim. Eu agira como Dmitri Milanovic agiria e Vladic estava irritado e preocupado com seu amigo e não com o seu superior.

— Eu a vi e vou buscá-la.

— *Nós* vamos buscá-la — retrucou Vladic — Fique sempre na minha retaguarda.

Ele faz uma varredura rapidamente à nossa volta. Havia mortos e homens caídos por todos os lados. Então, seu olhar aguçado fixou num ponto às minhas costas e seu maxilar enrijeceu.

— Mas que porra! — gritou Vladic pulando em minha direção.

Ouvi o tiro e fui arremessado contra o chão. Vladic estava sobre mim, protegendo meu corpo com o dele. Olhei em direção de onde havia vindo o disparo e vi Boris em pé, em uma porta secreta na escada.

Queria atirar contra ele, mas ao ser arremessado contra o chão, minha arma caiu, deslizando para longe de meu alcance. Vladic girou sobre mim e continuou a me proteger com o corpo, enquanto atirava contra Boris. Vi que ele acertou o *boyevik* que Kamanev havia jogado em frente a ele, como um escudo humano. O homem cambaleou para trás puxando Boris para o interior da escada, mas não antes de ele ter atirado contra nós mais uma vez, acertando a perna de Vladic.

— *Ye-bat!* — urrou Vladic quando tentou se erguer ao ver Boris desaparecer correndo pela

PERIGOSAS ACHERON

escura passagem secreta.

Estávamos usando colete à prova de balas, que protegia nosso peito e os órgãos vitais, mas o tiro que havia atingido Vladic foi na perna e na forma que sangrava e que ele apertava tentando conter o sangramento, me perguntava preocupado se a bala havia atingido a veia femoral, o que poderia levá-lo à morte em pouco minutos.

— O que você fez, Vladic? — tentei pensar rapidamente.

Saí de baixo dele e fui até uma das cortinas de onde rasguei uma longa tira de pano, depois pressionei em sua perna ferida. A rapidez com que ele perdia sangue era alarmante.

— Por que você fez isso?

Ao me tirar da linha de tiro, Vladic tinha se tornado meu escudo humano, mas ele não era imortal como acreditava ser.

— Eu prometi ao papai cuidar de você —

balbuciou ele, fracamente — Eu teria feito isso um milhão de vezes, Dmi. Porque é isso que os irmãos fazem, protegem um ao outro.

Eu o considerava mais do que um irmão para mim. Então, entender o que ele estava querendo dizer levou alguns segundos.

Eu prometi ao papai cuidar de você, e não, prometi ao seu pai cuidar de você.

— Vladic? — encarei-o incrédulo e desabei ao seu lado.

Milhares de recordações vieram à minha cabeça. Eu ainda menino brincando com ele com espadas de madeira, fingindo treinar; a primeira vez que Vladic usou o uniforme da Bratva antes de seguir para o centro de treinamento; quando eu vesti o mesmo uniforme e ele esteve comigo cuidando de cada detalhe; em como nos divertimos e comandamos a escola, mesmo estando em anos diferentes; as saídas para beber e as rachas de

PERIGOSAS ACHERON

carros.

Vladic esteve ao meu lado quando minha mãe morreu e meu pai não pôde ser o meu suporte; lembrei de nossas férias na Suíça e que ele foi o primeiro a saber que havia pedido Kyara em casamento. Em todos os momentos importantes, Vladic esteve comigo. Foi assim a minha vida inteira. Ele cuidando de mim, colocando as minhas necessidades em primeiro lugar. Agora, via que não era apenas porque me tornaria o *Pakhan*, ele me protegia como um bom irmão faria. Vladic colocou a vida dele em risco para salvar a minha.

— Eu não deveria ter dito isso dessa forma, Dmi. Eu nem deveria ter dito isso — murmurou ele, desviando o olhar de mim — Mas se eu morrer...

— Você não vai morrer! — rosnei com raiva e pressionei a mão mais forte contra o ferimento que continuava a sangrar — Eu não vou

PERIGOSAS ACHERON

permitir. Está ouvindo?

Só chorei por duas pessoas em toda a minha vida. Pela minha mãe, quando partiu, e por Kyara, quando acreditei tê-la perdido. Não era justo que agora, prestes a recuperar a mulher que eu amava, corresse o risco de perder meu irmão, quando fazia apenas alguns minutos que me foi revelado isso.

— Ouvimos tiros — Ivan surgiu vindo de um dos corredores — Guriev? Merda! Como...

— O desgraçado do Boris — olhei com fúria para Ivan, embora minha ira não estivesse direcionada a ele — Fugiu por uma passagem secreta na escada. Vá atrás dele, Ivan.

Ele assentiu e com seus homens desapareceram pelo mesmo lugar que Boris e seu *boyevik* ferido haviam escapado.

— Kyara — disse Vladic chamando minha atenção, em uma voz cada vez mais fraca — Vá
PERIGOSAS ACHERON

atrás dela, Dmitri.

Eu estava dividido, deixar meu irmão sangrando até a morte ou ir atrás da mulher que amava e nosso filho?

Não era uma escolha justa e ter que fazê-la destruiria uma parte de mim.

— Eu cuido dele — desnortado, avistei Tigran que se ajoelhou ao nosso lado.

— Vá, Dmitri — Vladic me empurrou fracamente — O iaque já disse que me ajudará.

— Sou metade russo — lembrou Tigran, mas não parecia ofendido à provocação de Vladic.

Concordei com relutância e permiti que Voronov ocupasse meu lugar, pressionando o ferimento. Encontrar Kyara e deixá-la segura e bem era minha nova missão. Eu não permitiria que o sacrifício de Vladic fosse em vão.

Procurei minha arma e após recuperá-la, fui direção ao andar superior.

Ele não vai morrer!

Vladic não vai morrer.

Ele não pode morrer!

Esses pensamentos dominavam minha cabeça enquanto subia a escada. Eu tinha a opção de seguir pelo corredor Norte ou Sul. Kyara havia gritado por mim no lado Sul, que foi para onde segui.

Passei por vários cômodos com portas escancaradas até cruzar à esquerda e avistar onde um soldado de Boris estava caído no chão ao lado da porta com uma arma na mão.

Querubim.

Ela estava ali, eu tinha a mais absoluta certeza. Caminhei apressadamente até o quarto, pulei o corpo caído e estanquei na porta fendida.

— Kyara — apenas sussurrei o seu nome.

De costas para mim, ela virou-se lentamente. Demos menos que um passo em

direção ao outro antes de vê-la soluçar. Quando passei os meus braços ao redor dela, foi como se parte de mim estivesse de volta. Eu estava completo novamente.

— Dmitri... — segurei o seu rosto banhado pelas lágrimas e tentei colher cada uma com meus beijos — Está machucado?

Ela se referia às minhas mãos e roupas manchadas de sangue.

— Tudo bem. Eu estou aqui — tocava sua face e beijava seus lábios com sofreguidão — Acabou, meu amor.

Nossos corpos se reconheciam e aqueciam com o beijo intenso.

— Tive tanto medo — ela se agarrou a mim e a abracei mais forte — Mas sabia que iria me encontrar. Você ia me encontrar...

— Nem que eu precisasse ir até o inferno — beijei-a novamente até que o ar nos faltasse —

Eu lutaria com o próprio diabo por você.

Passaram-se minutos ou horas para tentar consolar um a outro, não sabia dizer. Precisaria de uma outra vida inteira para conseguir expressar a ela meus sentimentos.

— Eu queria te procurar, mas ele não deixou — disse ela entre um soluço e outro.

Foi só então que minha atenção caiu nas outras pessoas no quarto. Um *boyevik* armado, vestido de preto e Sonya em pé ao lado da cama.

— Não era seguro ainda, senhor — disse o *boyevik* — Aguardava que os outros averiguassem se poderíamos seguir.

Assenti apurando os ouvidos. Os tiros haviam cessado. Se sobrou algum soldado de Boris, a essa altura deveria ter feito algo como ele, fugido como ratos que eram. Então, meu olhar se voltou para a outra pessoa.

— Sonya Kamanev — afastei Kyara para

PERIGOSAS ACHERON

o meu lado, mas a mantive pressionada contra mim — Chegou a hora de acertamos nossas contas.

Vi seus olhos arregalarem assustados e o medo com que Sonya Kamanev me encarava era o que alimentava a minha fúria.

Capítulo 52

Kyara Smirnov

Não precisava olhar para Dmitri para saber que a situação de Sonya era bem complicada. Eu percebia isso pela frieza com que se dirigiu a ela e, principalmente, por sua expressão corporal. Ele parecia um felino pronto para o ataque.

— Kyara? — Sonya chamou por mim.

Ela queria que eu me recordasse do acordo que fizemos. Eu não conseguia ter por Sonya o mesmo carinho que tinha antes. Ela destruiu isso com seu egoísmo e falta de caráter, mas, pelo menos, nesse último dia, havia cumprido com sua palavra e me mantido afastada de Boris.

— Dmitri — me coloquei em frente a ele e segurei o seu rosto com as duas mãos — Deixe que

ela se vá.

Ele desviou seu olhar frio de Sonya para me encarar. O olhar suavizou um pouco ao encontrar os meus olhos.

— Ela entrou em nossa casa — iniciou ele. Apesar de ser gentil ao falar comigo, seu rosto endurecia feito pedra — Abusou da minha hospitalidade, traiu a sua confiança e roubou você de mim. Não apenas você...

Baixei meu olhar para a sua mão, que ele pousou suavemente em meu ventre.

— Levou o presente mais precioso que alguém poderia me dar.

— Você sabe? — indaguei, sentindo um nó se formando em minha garganta.

— O Dr. Kushin me contou — disse ele afagando minha barriga — Meu filho.

Eu precisei respirar fundo para segurar a emoção.

— Nosso filho — o repreendi, mas exibia um enorme sorriso para ele.

— Meu filho. Minha mulher... — ele colheu uma lágrima escorrendo pelo meu rosto — Vocês dois são meus.

Era assim mesmo que eu me sentia, que sempre senti, mesmo quando quis negar e fugir dos meus sentimentos. Finalmente eu pertencia a alguém, a algum lugar.

— Você está grávida? — ouvi às minhas costas, e olhei em direção a Sonya. Se eu tinha alguma dúvida de que ela nunca me amou e tampouco nutriu ao menos carinho por mim, agora tinha certeza.

Sonya me encarava com ódio e desprezo. Eu tinha conquistado o que ela mais almejava. O coração do *Pakhan*, o filho dele no ventre e o amor de um homem que desceria até o inferno por mim.

— Não se atreva a dirigir uma única

PERIGOSAS ACHERON

palavra a Kyara — esbravejou Dmitri — Você não é digna nem de respirar o ar que ela respira.

Apertei a mão de Dmitri e isso o fez me encarar.

— Deixe-a ir — murmurei fracamente — Por favor.

Apesar de Sonya não merecer meu perdão, eu tinha prometido interceder pela vida dela.

— Eu sinto muito, *mílaya* — ele beijou meus lábios com suavidade, depois me abraçou, fazendo meu rosto ficar pressionado em seu peito — A única misericórdia que posso dar a ela é uma morte rápida.

No momento seguinte, ouvi o grito apavorado de Sonya alguns segundos antes do som de disparo e, então, o barulho de um corpo caindo. Estremeci e Dmitri me abraçou com mãos fortes.

Chorei acolhida contra o peito dele, não apenas pelo fim triste de Sonya, mas porque tudo

PERIGOSAS ACHERON

poderia ter sido diferente.

— Me perdoe — sussurrou ele alisando meus cabelos.

Eu o abracei mais forte. Dmitri talvez tivesse dado o perdão a Sonya, mas o *Pakhan*, jamais. Essa era sua parte negra, e ao me apaixonar por ele, eu tinha aceitado tanto sua luz quanto sua escuridão.

Além disso, disse a Sonya que pediria pela vida dela, não prometi que Dmitri iria conceder o perdão.

— Vamos embora? — pedi ao levantar a cabeça e encontrar seu olhar.

Ele se aborrecia por achar que matar Sonya causava dor a mim. Causava, mas não pelos motivos que imaginava.

— Eu entendo — toquei seu rosto com as pontas dos dedos — Eu entendo, Dmitri.

— A primeira vez que a vi, eu a comparei

PERIGOSAS NACIONAIS

a um querubim — murmurou afagando meu rosto com o dorso da mão — Você é o anjo que faz do meu inferno o paraíso.

— Eu te amo — sussurrei a ele.

Iria repetir isso pelo resto de nossas vidas e nunca seria suficiente.

Seus lábios tocaram os meus, por um tempo curto demais para mim, mas ele tinha pressa em nos tirar desse lugar carregado de morte e repleto de lembranças ruins.

Estávamos chegando no fim da escada quando Ivan e alguns homens surgiram vindos de um passagem que havia no interior dela. Dmitri me levou rapidamente para a trás de suas costas em uma reação defensiva.

— Sinto dizer, Papa, mas Boris conseguiu fugir — informou Ivan.

Notei que isso deixou Dmitri colérico.

— Deixaram o desgraçado escapar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Havia um barco ancorado no rio — informou Ivan — A única possibilidade de conseguirmos pegá-lo seria usando o helicóptero. Mas Kushin o usou para levar Vladic para o hospital.

— Vladic? — indaguei assustada, voltando a ficar lado a lado com Dmitri — O que aconteceu com ele?

Só agora me dava conta que Vladic não estava com Dmitri e nem ao menos veio ao nosso encontro.

— Levou um tiro na perna — disse apertando-me mais junto a ele — Tenho que tirá-la daqui primeiro, *mílaya*. Explico tudo no caminho.

Ele me conduziu rapidamente para fora. Eu tentava não ficar olhando para o mar de corpos no chão, por onde passávamos.

— Mas o Vladic ficará bem? — indaguei angustiada.

PERIGOSAS ACHERON

Pensar em Vladic ferido por minha culpa, mesmo que eu não tivesse realmente culpa, me aniquilava.

— Eu não sei, meu amor — ele acariciou o meu rosto e limpou as novas lágrimas que deixei derramar por Vladic — Ele é um homem forte, mas a ferida na perna estava muito ruim.

Ofeguei diante da possibilidade. Dmitri sofria, via isso em seu olhar e nas lágrimas que segurava, impedindo que presenciássemos seu sofrimento. Mas eu o conhecia. Sabia como o carinho entre ele e Vladic era intenso e real, bem diferente de mim e Sonya. Os dois se amavam de igual maneira e demonstravam isso nos atos.

— Quero que cace Boris e não descansem um único segundo até encontrá-lo — ainda me sentia atordoada quando Dmitri deu essa ordem a Ivan.

— Ele deixou isso pelo caminho — Ivan

fez um sinal aos *boyevik* que abriram duas bolsas, havia muito dinheiro e o que parecia documentos falsos — Não acho que ele irá muito longe.

— Certifique-se disso, Ivan — ordenou Dmitri — Quero a cabeça do Kamanev.

Eu queria que o assunto Boris tivesse acabado hoje como havia acontecido com Sonya, mas o importante era que eu, Dmitri e nosso filho em meu ventre, estávamos finalmente juntos.

— Eu não descansarei — prometeu Ivan e o brilho que vi em seus olhos chegou a fazer minha pele se arrepiar — até entregá-lo a você.

Dmitri assentiu. Eu apertei seus dedos mais forte e permiti que continuasse a me guiar para longe de todo esse horror. Chegamos no lado de fora e havia dezenas de homens vestidos de preto, posicionados em filas. Eles se curvaram e bateram continência.

Bratstvo prezhede vsego, dizia cada um

PERIGOSAS ACHERON

deles enquanto passávamos por eles.

Eu queria não me mostrar tão impressionada com o respeito e a admiração que eles demonstravam por Dmitri, afinal, ele era o *Pakhan*, mas eu não conseguia. Então, os corpos ensanguentados não seriam a última imagem que eu teria desse lugar, mas sim, de como Dmitri Milanovic era um homem incrível.

Chegamos a um jipe que nos conduziria dali até um jato particular. Eu tinha milhares de perguntas para fazer a Dmitri, mas a quase uma hora de percurso, seguiu-se com ele beijando meus lábios, tocando-me por todo corpo ou acariciando a minha barriga com uma delicadeza impressionante para um homem do tamanho dele.

Era como se ainda estivesse encantado com a notícia ou encantado por finalmente podermos dividir essa alegria um com o outro.

— *Ya skuchal po tebe!* ^[9]— murmurou ele

PERIGOSAS ACHERON

assim que entramos no avião.

Sua testa estava colada à minha e ele afagava meu rosto.

— Também senti sua falta — confessei e só agora me dava conta de como isso era verdade — Eu nunca mais quero...

— Jamais vou permitir que a afastem de mim novamente — jurou ele.

Eu não apenas confiava em sua promessa, tinha a mais absoluta certeza que ele nunca a deixaria ser quebrada.

Segurei suas mãos manchadas de sangue e conduzi até o banheiro dentro do quarto, descobri no carro que as manchas de sangue que ele tinha pelo corpo não eram dele, mas de Vladic.

Tiramos a roupa um do outro. Eu esfreguei suas mãos, seu peito, abdômen e cada parte dele estando manchado de sangue ou não. Depois, Dmitri fez o mesmo comigo. Lavou meus cabelos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me cobriu com um robe felpudo quando terminamos o banho.

— Como o Vladic foi ferido? — indaguei a Dmitri quando ele se juntou a mim na cama.

Teríamos quase nove horas de voo até Moscou, chegando ao anoitecer, então, haveria tempo o suficiente para as minhas perguntas, assim como as que eu sabia que ele tinha para mim.

— Quando a vi chamando por mim na janela, perdi o foco, corri até o castelo sem pensar — enquanto ele explicava, passava os dedos por meus cabelos. Meu rosto estava apoiado contra o peito dele — O Boris estava naquela passagem secreta por onde fugiu, mas antes, quis atirar em mim pelas costas. O Vladic viu, me jogou no chão e trocou tiros com Kamanev e seu soldado. Dois contra um.

Ele respirou fundo antes de continuar.

— Mas Vladic me protegeu o tempo todo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele conseguiu acertar o soldado quando tentou atirar no Boris — disse ele — O covarde jogou o cara na frente para se defender e atirou em Vladic.

Vladic era tão forte e seguro e competente em tudo que fazia que para mim ele era um homem invencível.

— Eu nunca vi tanto sangue — a angustia em sua declaração era perceptível, então, o abracei mais forte — O sangue do meu irmão nas minhas mãos. E não havia nada que eu pudesse fazer.

Eu achava tão bonito a forma como se viam e se tratavam.

— Ele é meu irmão, Kyara — confessou ele me fazendo erguer a cabeça para encará-lo — Meu irmão de verdade. Esse tempo todo eu não sabia.

— Ah, Dmitri — escondi meu rosto em seu pescoço tocada pela emoção de sua revelação — Sinto muito.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda é confuso para mim. Por que meu pai nunca disse nada? — indagou ele — Por que Vladic manteve-se em silencio por tanto tempo?

Infelizmente, para essas perguntas eu não tinha uma resposta.

— E, agora, ele está morrendo por fazer o que tem feito a vida toda — continuou ele — Me proteger. Não porque sou o *Pakhan*, mas porque ele é o meu irmão.

— Isso não vai acontecer — disse a ele.

Não poderia acontecer. Eu não conseguia pensar em um mundo sem Vladic. Eu não conseguia sequer imaginar nossas vidas sem ele.

— Sabe o que me fez suportar todos os dias trancada naquele quarto? — a minha pergunta o fez me puxar mais para ele — As loucuras de Boris e o medo do que ele pudesse fazer?

Senti seu corpo enrijecer. Eu não queria

levantar esse assunto ou manchar esse breve momento que estávamos tendo de paz com lembranças amargas de Boris, mas se tínhamos que falar sobre isso que fosse agora. Após sair desse avião, minha única meta na vida seria ser feliz ao lado de Dmitri e nosso filho, e se Deus quisesse, Vladic estaria ao nosso lado.

— Ele... — vi seu peito subir e abaixar em uma respiração profunda — tocou em você?

Como responder essa pergunta sem deixá-lo enlouquecido?

— Ele tentou. Houve uma hora que achei que iria conseguir. Fiquei com medo que minha resistência colocasse em risco a vida do bebê, então, eu parei de lutar e...

Então, um soluço sentido fez com que me calasse e Dmitri buscasse meu rosto beijando-o com carinho até que essa recordação amarga se transformasse nisso, em apenas uma lembrança

ruim.

— A Sonya chegou a tempo de ele... —
solucei, não conseguia colocar em palavras o horror
daquele momento.

Eu me sentia suja, mesmo sabendo que a
culpa não havia sido minha.

— Foi por isso que pediu pela vida dela?
Sentia-se em dívida?

Assenti. Não que eu desejasse que ele
matasse Sonya, mesmo se não tivesse feito o
acordo com ela, mas eu passei por essa experiência
horrível por causa dela. E, além disso, ela não agiu
por arrependimento, só estava preocupada com os
próprios interesses. Foi assim durante toda nossa
vida.

— Não teria feito diferença, Kyara —
disse ele — Sonya nunca foi confiável, só você não
 enxergava nisso. E, antes, só pensei em aturá-la por
você gostar dela como uma irmã. Mas ela era uma
PERIGOSAS ACHERON

serpente. Perdoá-la nunca foi opção e vou acabar com Boris quando Ivan conseguir colocar as mãos dele de novo.

No passado, acreditei que a Bratva não era meu mundo ou que eu nunca iria me adequar a ela, mas eu desejava que Dmitri encontrasse Boris e que o fizesse sofrer, bem mais do que eu sofri, então, talvez existisse bem mais da Bratva em mim do que acreditava.

— Como vocês me acharam? — perguntei desconfiada de qual seria a resposta, mas queria me certificar se havia sido mesmo através do experimento de Irina.

— Irina falou do chip. Eu fiquei bravo no início por esconderem isso de mim — disse ele meio zangado — Depois, por sua segurança e do bebê. Mas ela garantiu que ficariam bem e que iria localizá-la. Novitsky não apenas cumpriu a promessa como encontrou uma bomba armada na

piscina em nossa casa.

Senti minha pele arrepiar ao pensar que Dmitri estava correndo tanto perigo quanto eu.

— Irina é incrível.

— Sim, ela é — confirmou ele — Queria ter vindo com a gente, mas Vladic não permitiu.

Claro que não. Ele podia não admitir ainda, mas tinha sentimentos por Irina. Eu esperava que não tivesse sido tarde demais para eles.

— Vladic ficara bem, *milêy* [\[10\]](#) — foi mais que uma afirmação.

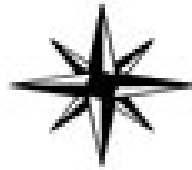
Era uma oração que fazia por mim e por ele.

— *Milêy?* — Dmitri segurou o meu queixo com delicadeza, havia um sorriso de menino feliz em seu rosto — Nunca me chamou assim antes.

— Pois, vou chamá-lo sempre assim agora — respondi sorrindo e fui presenteada com um beijo, depois, voltei a ficar confortável em seus
PERIGOSAS ACHERON

braços enquanto ele me acarinhava — Meu *milêy*, meu amor.

Dmitri continuou a fazer carícias em meu cabelo e começava a me dar uma sonolência gostosa, levando-me a pegar num sono tranquilo... depois de um longo tempo tenebroso.



Acordei com uma conversa baixa entre Dmitri e um membro da tripulação. Acho que levaria algum tempo para que voltasse a dormir tranquilamente, sem que qualquer ruído me fizesse despertar assustada.

— Está tudo bem, *mílaya* — disse ele notando meu olhar apreensivo — Vamos chegar em Moscou dentro de meia hora. Do aeroporto, vamos até o hospital, quero que seja examinada.

— Mas eu me sinto bem, Dmitri. Preferiria ir direto para casa descansar... — disse a ele.

Carinhosamente, ele segurou meu queixo e aproximou seus lábios dos meus, mas apesar do afago, eu não me enganava; ele não abriria mão de sua vontade.

— Eu quero me sentir em paz. Quero que faça todos os exames necessários e que a partir de agora seja acompanhada pelo obstetra. Faça isso por mim, tudo bem?

Assenti. Ele estava preocupado com o bebê tanto quanto eu, em breve precisaria mesmo ter um profissional acompanhando cada passo da minha gestação.

Sáímos da cama para nos arrumar e quando avião pousou, um carro preto já nos aguardava para nos levar ao hospital. Assim que chegamos, pedi que Dmitri procurasse alguém que pudesse dar alguma informação sobre Vladic. O Dr.

Kushin estava acompanhando a operação, só nos restava esperar por notícias.

Dmitri avisou que eu estava grávida e que havia passado por uma experiência traumática e que ele queria que eu fosse examinada. Fui apresentada à Dra. Chertkov, ela era esposa de um *Kapitan* de Primeira Elite e atendia no hospital.

Imediatamente, ela assinalou todos os exames que eu deveria fazer. Como eu só havia confirmado a gravidez com Koshin pelo exame de sangue, mas não havíamos de fato começado o pré-natal, ela queria ter certeza de como eu me encontrava fisicamente, especialmente depois do ‘trauma’ do qual eu havia passado. Na lista também constava um pedido de ultrassom. Achei que era meio cedo para isso, mas Dra. Chertkov garantiu que era importante. No ultrassom seria verificado se o bebê estava mesmo no útero e não nas trompas; o tempo de gestação; frequência cardíaca

do bebê; se eram gêmeos e calcular a data prevista do parto. Diferente dos outros exames que poderia fazer sozinha, nesse queria Dmitri ao meu lado.

Fui levada a um quarto particular e a partir dali, uma enfermeira viria coletar o material para os primeiros exames. Ouvi Dmitri ordenando que três *boyevik* ficassem de guarda na porta.

Sabia da preocupação dele com a minha segurança, mas também de sua angústia em ter notícias de Vladic.

— Já sinto sua falta — disse ele beijando meus lábios.

— Estaremos aqui te esperando para o ultrassom — sorri para ele. — Vá e volte depressa.

Capítulo 53

Dmitri Milanovic

Saí do quarto deixando que a médica e a enfermeira cuidassem dos primeiros exames de Kyara. Acenei para os *boyevik* à porta, indicando que eles não deveriam perdê-la de vista, muito menos deixar que qualquer um entrasse no quarto. Com Boris à solta, eu não correria nenhum risco. Ela estava lidando bem com toda essa situação, mas eu conhecia Kyara, fazia isso por mim, para não me deixar mais tenso do que eu estava.

Contudo, eu só teria paz após ver Boris Kamanev morto, assim como sua irmã. Matar Sonya foi o único caminho. Nunca confiei nela, sempre foi visível que sentia inveja e ciúme de Kyara, além de ser uma das pessoas mais egoístas

que já tive o desprazer de conhecer.

Eu vi o ódio que sentiu ao saber que Kyara carregava no ventre meu filho, e não tinha dúvida alguma de que num futuro próximo ela tentaria fazer mal aos dois. Por Kyara, ela teve uma morte bem misericordiosa, isso foi bem menos do que Sonya merecia. Agora, só restava um Kamanev a eliminar do mapa.

Ao afastar-me do quarto de Kyara, em busca de alguém para ter notícias de meu irmão, senti todo o peso dos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas em meus ombros. Recostei-me à parede, fechando os olhos e respirando fundo.

— Dmitri? — senti uma mão em meu ombro.

— Nikolai?

Meu *Sovietinik* era um homem de certa idade, por isso, não permiti que ele fosse até o combate, pedi que ficasse em minha casa com

PERIGOSAS ACHERON

Irina, mantendo tudo sob controle.

— E Vladic?

— Ainda não se sabe de nada, mas ele perdeu muito sangue, Nikolai. Tenho receio que tenha atingido a veia femoral — olhei para as minhas mãos e foi como se eu ainda pudesse vê-las cobertas de sangue, a vida do meu irmão se esvaindo dos meus dedos — Vladic não apenas lutou por mim, ele deu sua vida, entende?

— É o que um soldado faz — disse ele, serenamente, mas eu via em seu olhar que estava abatido.

Conviver tanto tempo com algumas pessoas acabava fazendo com que os laços ficassem estreitos. Se sempre considerei Vladic como um irmão, e ele realmente era, Savin era como um pai para nós dois. Acho que estive mais presente em minha vida, devido a sua função, do que meu próprio pai quando estava na pele do *Pakhan*,
PERIGOSAS ACHERON

principalmente depois que minha mãe morreu.

— Não é só isso — indiquei a ele que nos sentássemos num dos sofás da área de espera — Vladic me contou tudo. Por que esconderam isso de mim?

— Você está querendo dizer sobre...

— Ele ser meu irmão — completei por ele — Vladic é meu irmão, *gavno*!

Nikolai passou as mãos pelo rosto, depois, na cabeça, estava tenso, mas sem dúvida, não mais do que eu.

— Eu vou te contar tudo.

Pude sentir pela tensão corporal dele que seria uma longa conversa.

— Vera foi para o seu pai o que Tereza foi para você — iniciou ele — Apenas uma amante com quem Mikhail passava o tempo. Mas ela amava o seu pai de verdade.

O único contato que já tive com a mãe de
PERIGOSAS ACHERON

Vladic foi uma foto dela que ele mantinha na carteira. Meu irmão nunca falava nela.

Irmão.

Sempre foi natural pensar em Vladic assim, agora, isso era real. Eu tinha um irmão, quer dizer, se ele sobrevivesse.

— Mas seu pai conheceu a sua mãe em uma festa que o pai dela havia dado. Assim como você, souberam que ele procurava uma esposa, todos os *Kapitany* queriam apresentar suas filhas a ele.

Casamentos arranjados e com interesses políticos dentro da Bratva não eram incomuns, eu mesmo tinha deixado Nikolai fazer uma lista com possíveis candidatas, mas Kyara havia surgido e mudado tudo isso.

— Eles se apaixonaram à primeira vista. Enquanto seu pai fazia a corte à sua mãe, se distanciava de Vera, e pediu que eu lidasse com ela

PERIGOSAS NACIONAIS

— ele curvou os ombros — Eu não sabia o que fazer com ela, então, dizia que o *Pakhan* andava bem ocupado. Até que Mikhail a visitou pela última vez e avisou que iria se casar. Não apenas que iria se casar, ele estava apaixonado por Nathasha.

— E a senhora Guriev?

— Vera amava o Mikhail, mas não tinha qualquer chance com ele; aceitou o dinheiro que ele deu por todos os anos juntos e foi embora.

— Então, o meu pai não sabia sobre o Vladic?

— Ninguém sabia, apenas Vera. Quando ela ficou grávida de Vladic, teve duas reações diferentes — disse Nikolai — Primeiro, teve medo que seu pai a acusasse de ter feito isso de propósito. Depois, achou que pudesse os unir como um casal de verdade, mas o seu pai se casou com outra.

Eu tentava juntar as peças do pouco que sabia sobre essa história.

PERIGOSAS ACHERON

— Após o segundo ano de casamento, sua mãe achou que estava pronta para ter filhos. Só que sofreu dois abortos espontâneos. Quando finalmente ficou grávida de você, as ordens médicas era de que ficasse no quarto e na cama durante toda a gravidez. Foi nessa época que seu pai soube de Vladic.

— Foi quando a mãe de Vladic morreu.

— Depois de sair de Moscou, Vera passou a morar em Londres. Ela era muito bonita. Assim como você, seu pai tinha bom gosto para mulheres. Ela conheceu um americano que jurou que a faria uma grande estrela de Hollywood. Não sei se você sabe, mas antes de conhecer o seu pai, ela trabalhou no cassino — explicou Nikolai — Foi lá que Mikhail a conheceu, quando ela se apresentava no palco. Bom, o americano não passava de um charlatão. Na verdade, a levou para Las Vegas e todo dinheiro que ela tinha recebido de seu pai foi

PERIGOSAS ACHERON

desperdiçado nos jogos. Ele a deixou na completa miséria antes de abandoná-la e fugir.

— É por isso que Vladic odeia tanto os americanos?

— Ele odiaria se fosse um francês ou um irlandês, mas foi pelo mal que o crápula fez a ela. Vera acabou trabalhando em bares e voltando a atender a homens para cuidar de Vladic — havia pesar no relato dele — Então, quando ficou doente, muito doente, a única chance do filho era entregá-lo ao pai. Entrou em contato com Mikhail e eu fui buscar Vladic a pedido dele.

Papai poderia não ter amado Vera Guriev como ela desejou, mas não teria deixado seu filho perdido por aí, isso acabaria com todo respeito que eu tinha à memória dele.

— Como disse antes, a gravidez de sua mãe era de alto risco e Mikhail se recusou a aborrecê-la com isso.

— Mas papai levou o Vladic para casa — pontuei.

— Depois que você nasceu. Ele tinha cinco anos. Seu pai disse que era filho de um soldado a quem ele devia a vida e, bom, a sua mãe se apaixonou por Vladic. Na verdade, acho que estava tão agradecida com sua chegada que não se aborreceu com isso. E ele era só uma criança — continuou Nikolai — Gostava de ficar com você e gostava de ficar com a Nathasha. Os dois criaram um elo, que era você. Mas sabe o que acho?

Eu podia imaginar onde Savin queria chegar, pois, pensava a mesma coisa.

— No fundo, mesmo que nunca tenha confrontado Mikhail, ela sabia que vocês eram irmãos. São muito parecidos.

Sempre nos disseram isso, eu nunca dei muita importância e Vladic ria.

— E por que ela nunca perguntou ao meu

pai?

— Por que ele nunca contou a verdade para ela? — revidou ele — Não tenho essas respostas, Dmitri. Eu sei que no começo, seu pai quis manter Vladic por perto caso você ou sua mãe não sobrevivesse ao parto. Ele sabia que não se casaria de novo, então, ao menos, um herdeiro ele tinha.

— Escondido na manga — disse zangado — Vladic era mais do que isso, mais do que uma garantia para o nosso pai.

— Eu acho que Nathasha não queria que surgisse entre vocês uma rivalidade — disse ele — Você estava sendo preparado para ser o *Pakhan*....

— Mas Vladic era o mais velho — concluí por ele.

— Ilegítimo, mas era.

— Vladic é o *Pakhan* por direito — sussurrei mais para mim mesmo.

— Ele nunca quis isso, Dmitri — disse Nikolai colocando a mão em meu ombro — Mesmo quando soube a verdade.

— E quando foi isso?

— Quando ele estava para ir para a academia. Há a cerimonia para os garotos e seus pais, e Vladic...

— Não tinha ninguém — disse com pesar.

Essa cerimonia marcava a entrada de um menino para a vida adulta. Ainda me lembrava quando vi Vladic usar a roupa pela primeira vez, em como fiquei no quarto o admirando, pensando como um dia queria ser como ele.

O evento era para nós semelhante ao que as garotas tinham ao ser apresentadas à sociedade, mostrando-as prontas para se casar.

— Ele achava que eu era o pai dele.

— Você?

— Vera disse que o pai dele iria buscá-los

e que cuidaria dele. Fui eu que o trouxe de volta a Moscou. Então, um dia antes da cerimônia, Vladic me confrontou, no qual neguei, depois, procurei o seu pai e disse que ele precisava contar ao garoto, mas Vladic ouviu nossa discussão.

Se eu forçasse bem minhas memórias, podia lembrar que achei Vladic muito estranho e distante naquela época. Agora entendia o que se passava na sua mente confusa de adolescente.

— Seu pai disse que nunca quis magoá-lo, mas também nunca quis magoar a esposa — disse ele — E Vladic entendeu. Ele amava Nathasha e ela o amava. Então, Vladic foi preparado não apenas para ser o *Avtoriyet*, mas para ser o seu protetor.

— Escondendo de mim quem ele era.

Não sabia se ficava zangado por me sentir enganado ou agraciado por tudo isso.

— Ele guardou o segredo porque acredita

em você como *Pakhan*, Dmitri — esbravejou Savin — Tanto ele como seu pai sabiam que você recusaria por Vladic.

— E eu não sabendo de nada, não tinha opção. Agora ele está morrendo por minha culpa!

Não aguentei continuar ouvindo mais nada. Precisava colocar minhas ideias em ordem. Em pouco tempo, foram muitas coisas para lidar, revelações de uma história de vida que deveria ter ocorrido de outra forma.

— Sr. Milanovic? — a enfermeira que acompanhava Kyara parou à minha frente — A Srt^a Smirnov está pronta para o ultrassom agora.

Srt^a Smirnov? Isso era algo que eu precisava mudar urgentemente.

Segui a mulher pelos corredores de volta ao quarto. Kyara estava deitada na cama, ao lado, o aparelho móvel de ultrassom, enquanto a médica passava um gel frio que fazia o rosto de Kyara

enrugar, mas quando me viu parado à porta, sorriu estendendo as mãos para mim.

— Vocês estão prontos para ouvir o coração do bebê? — indagou a médica quando me posicionei de pé ao lado da mulher que amava.

Apertei sua mão um pouco mais forte e ambos assentimos que sim.

A Dra. Chertkov passou o aparelho pelo ventre de Kyara, então, o som começou a repercutir na sala, tão forte e potente que olhei com admiração para a tela onde apareciam as imagens meio incompreensíveis.

— Ainda não dá para saber o sexo — disse a médica — Mas ele está bem aqui.

E olhando para a imagem do meu filho, que eu ainda não sabia identificar muito bem, ouvindo seu coração bater forte, vendo a emoção de Kyara transbordar em seus olhos, eu me senti o homem mais abençoado do mundo, enquanto

apertava meus dedos nos dela.

— Nosso bebê — disse ela em um tom emocionado.

A vida era mesmo cheia de altos e baixos. Em uma outra ala deste hospital, estava Vladic lutando, entre a vida e a morte. Aqui estávamos nós, compartilhando a alegria da chegada de mais uma vida a esse mundo.

A Dra. Chertkov passou a Kyara os cuidados iniciais, como vitaminas que deveria tomar e deu o cartão de seu consultório caso desejássemos que ela fosse sua obstetra.

Logo após a saída da doutora, ouvimos uma batida na porta, e ao permitir a entrada, deparámo-nos com Kushin, e pela expressão em seu rosto, as notícias não eram boas.

— Sinto muito, Papa — disse ele — Fizemos tudo o que poderia ser feito...

Abalada, Kyara jogou-se em meu peito

PERIGOSAS ACHERON

para chorar, e eu não conseguia ouvir muito da explicação técnica que o Dr. Kushin falava. A bala tinha mesmo atingido a veia femoral e o ferimento de Vladic tinha sido mais grave do que eu suspeitei.

— Vamos, *mílaya* — disse a Kyara, desolada em meu peito — Tanta emoção não é bom para você. — eu tentava consolá-la, mas eu mesmo não me sentia muito melhor.

Seria possível se sentir tão feliz e infeliz ao mesmo tempo?

Eu me perguntava isso durante todo o caminho para casa.

— Kyara!

Irina gritou por ela assim que atravessamos a porta. Esteve sentada na escada, abraçada aos joelhos, parecia perdida como uma garotinha da idade de Kalina.

— Você está bem? — indagou Irina quando se soltaram do abraço que deram.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora estou — disse Kyara com um sorriso triste, ainda pensava em Vladic, com certeza — Com o homem que amo, meus amigos e, finalmente, em casa.

— Fico feliz — disse Iriana — Senti sua falta.

— Obrigada por me encontrar, Irina — disse Kyara — Sem a sua ajuda, sei que teria sido praticamente impossível.

Ou Boris teria conseguido o que havia planejado, fugir levando Kyara.

— Teríamos pensado em alguma maneira de te trazer de volta — disse Irina — E o Guriev? Tigran disse que ele foi ferido, mas não conseguiu qualquer informação desde que ele foi colocado no helicóptero.

Agora entendia Irina ter ficado em nossa casa por tanto tempo, mesmo depois de tudo ter acabado. Ela queria notícias de Vladic.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele... — Kyara fungou e baixou a cabeça olhando para as próprias mãos. E ao levantar o olhar de volta à amiga, desabou — Oh, Irina... Eu sinto tanto...

— Não! — Irina negou e balançou a cabeça, se afastando de nós num passo atrás — Guriev é um soldado. Um soldado não se deixa abater. Nunca!

— Irina... — comecei a dizer.

— Ele não pode fazer isso! — seus lábios tremiam ao se dirigir a mim e piscava os olhos muitas vezes tentando conter as lágrimas — Vladic não pode!

Eu queria acreditar que ser o *Pakhan* me desse mais poder do que dar ordens. Queria poder fazer com que as pessoas que eu amava não sofressem como sofriam agora.

— Ele não pode fazer isso — balbuciou Irina mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

E antes que pudéssemos impedi-la, saiu apressada pela porta.

— Dmitri — soluçou Kyara.

— Irina é forte — disse a ela — Saberá lidar com isso à maneira dela.

Mas nós saberíamos lidar?

— Vem — peguei-a em meu colo e subi a escada em direção ao nosso quarto — Foram dias intensos, você precisa descansar.

A ideia era colocá-la na banheira e ajudá-la no banho, mas Kyara quis que me juntasse a ela. Entendia sua necessidade em me ter por perto, havíamos ficado tempo demais longe um do outro.

— Vamos nos casar amanhã — disse ao passar a esponja em suas costas, sentada entre as minhas pernas — Não gostei ao ouvir a enfermeira chamá-la de Srt^a Smirnov.

— Eu quero ser uma Milanovic — disse ela, passando os dedos em um dos meus joelhos,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que estavam à sua volta — Mas quero manter o Smirnov pelos meus pais.

— Kyara Smirnov Milanovic — murmurei — Gosto de como soa.

— Embora me casar com você seja uma das coisas que mais quero no mundo, e eu vou amar ser reconhecida como sua esposa, você estava certo ao dizer que sua posição exige um casamento maior. E depois do que acabamos de sofrer, seu poder, sua autoridade não podem ser desafiados. Além disso... — disse ela num tom triste — é tudo tão recente... deveríamos esperar mais um pouco... por ele...

Beijei sua nuca quando um soluço a fez se calar. Entendia sua relutância, pensar em um casamento sem Vladic era algo muito triste.

— Eu li os seus votos.

— Dmitri! — ela se entortou para olhar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu precisava ler, *mílaya* — disse sem arrependimento — Foram suas palavras e a fé que a encontraria de novo que me mantiveram de pé. Sempre que acreditava que iria cair, eu lia e lia de novo.

— Estou aqui agora, *milêy* — disse em um tom doce, que me fez erguê-la e acomodá-la em frente a mim na banheira — Eu sempre vou estar.

— *Ya lyublyu tebia* [\[11\]](#) — murmurei antes de buscar seus lábios doces.

— Eu amo você — disse ela, unindo sua boca à minha.

Eu não esperei que me enviassem a garota errada. Eu não imaginava que ela fosse ousada o suficiente para me enfrentar. E nunca imaginei que iria entregar meu coração a alguém.

Que ao dormir, meu último pensamento fosse para ela e ao acordar, seu rosto lindo fosse a primeira coisa que eu quisesse ver.

PERIGOSAS ACHERON

Não esperava, não acreditava e não sonhava com quase nada, até Kyara surgir em minha vida, mudando meu mundo e trazendo mais cor a ele. Eu poderia fazer muitas coisas erradas, por ser o *Pakhan*, mas amar essa linda mulher em meus braços era a coisa mais certa que Dmitri Milanovic poderia fazer.

Capítulo 54

Kyara Milanovic

4 meses depois

A última vez que estivemos neste lugar, o proprietário acreditou que fôssemos um casal em lua de mel. Agora, isso era realmente verdade, mais do que verdade, tínhamos um convidado especial dividindo a mesa conosco e meu ventre cada vez mais redondo não escondia isso.

— Com licença — disse o senhor se curvando em nossa mesa — Minha esposa pediu que entregasse essa garrafa de vinho.

Muitas coisas tinham mudado em minha vida, mas este pequeno restaurante, que fabricava seu próprio vinho, em uma vila charmosa na Suíça, parecia exatamente igual ao que eu me lembrava.

— Ficamos gratos senhor, mas... —
Dmitri começou a dizer, mas eu aceitei a garrafa que o senhor gentil nos presenteava.

Um russo nunca rejeitava um presente, independentemente se fosse usá-lo ou não.

— A minha esposa não está bebendo devido a gravidez — concluiu ele.

Havia duas palavras que Dmitri adorava colocar nas frases relacionadas a mim: *esposa* e *grávida*. Isso nunca me incomodava, eu achava romântico e lindo.

— Mas um gole mais tarde em frente a lareira — disse a ele, abrindo um sorriso cheio de más intenções — não fará mal.

Ele assentiu, retribuindo minhas más intenções com um olhar malicioso.

Eu poderia dizer que era esse lugar, a liberdade que tínhamos, que nos fazia agir como adolescentes descobrindo a sexualidade, mas
PERIGOSAS ACHERON

estaria dourando a pílula. Em casa, transávamos quando e onde queríamos, e não apenas em casa. Se tínhamos tesão, qualquer lugar com o mínimo de privacidade servia para nos ver arrancando as roupas.

— Vocês estiveram aqui há alguns meses, não?

— Exatamente — respondi sorrindo — A sua esposa também nos presenteou com vinho naquela época.

Inclinei para frente para sussurrar.

— Acho que nos deu muita sorte.

Ele sorriu feliz. Como da outra vez, troquei algumas palavras com a mulher simpática enquanto Dmitri fechava a conta.

Quando entramos no carro, soltei um suspiro prolongado. Ele pegou minha mão e levou aos seus lábios.

— Satisfeita pelo jantar — indagou ele —

ou cansada pelo passeio?

Nós havíamos desfrutado de uma tarde romântica visitando a feira artesanal da vila, depois, finalizamos o dia no restaurante aconchegante. Mas conforme meu ventre crescia e minha gravidez avançava, Dmitri reforçava os cuidados comigo. O que não iria negar, estava amando ser paparicada o tempo todo.

— É um suspiro de felicidade.

Estar aqui me fazia feliz. A chegada do nosso bebê me deixava feliz. Dmitri me fazia feliz.

— Isso é tudo o que importa — disse ele, antes de dar a partida.

Eu acariciava o ventre com um sorriso bem tolo em meu rosto, evitando me curvar sobre ele, colocando a cabeça em seu ombro. O caminho era bastante sinuoso e por estar escuro, exigia mais atenção, eu não queria desconcentrá-lo.

Mas, pelo visto, Dmitri tinha suas próprias

ideias, concluí ao vê-lo levar o carro para o acostamento.

— Você não pode achar que vou ficar imune — disse ele segurando firme os meus braços, me fazendo sentar no colo dele — a esse sorriso travesso.

Ele percorreu a mão das minhas costas à nuca e eu senti um arrepio correr da minha cabeça aos pés. Então, ele segurou firme meu pescoço e nos uniu em um beijo apaixonadamente faminto, fazendo-me fechar os olhos. Ao abri-los novamente, avistei o carro passar por nós, parando mais à frente.

— O Ivan não achará estranho termos parado o carro? — indaguei quase sem fôlego devido aos beijos que Dmitri me dava.

Ivan era nosso novo segurança.

— Acho que acharia mais estranho se eu não parasse — disse ele me dando um sorriso *sexy*

e perigoso — Só finja que ele não está lá. Talvez ele possa desaparecer.

As luzes do carro à frente foram apagadas e parecia que foi exatamente isso que ele fez. Ivan era sempre tão quieto e silencioso, que às vezes, ou quase sempre, eu me esquecia que ele estava próximo a nós.

— Você é maluco, Dmitri — serpenteei em seu colo quando ele conseguiu introduzir uma mão pelo meu vestido e agarrar o meu seio.

— Por você? — ele puxou os meus lábios suavemente com os dentes — Sempre!

Sexo no carro não era algo muito cômodo, estando grávida complicava tudo. A melhor posição seria Dmitri inclinar o banco do motorista, foi o que ele fez, e eu sentada em seu colo, de costas para ele.

Também não havia muita criatividade para as preliminares, mas a forma que ele me tocava nos

PERIGOSAS NACIONAIS

lugares que ele sabia que me davam prazer, em pouco tempo nos fez respirar ofegantes, embaçando os vidros do carro.

Fui erguida pela cintura e suavemente comecei a deslizar pelo seu pau. Estremeci quando fui completamente preenchida por ele. Dmitri abaixou ainda mais as alças do meu vestido e com as duas mãos agarrou firme meus seios.

Agarrei no volante e o usei como apoio para me ajudar a me movimentar. Subindo e descendo em seu pau, minha boceta engolindo-o conforme meu prazer ia aumentando.

— Porra! — rugiu ele, soltando um dos meus seios para cravar a mão em minha cintura, ajudando-me a cavalgar sobre ele.

— Ahhh... — tombei a cabeça para trás quando Dmitri usou as duas mãos para agarrar minha cintura, impulsionando-o contra mim, fodendo com mais intensidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cada estocada sua, meu prazer crescia um pouco mais.

— Dmitriiii... — mordi os lábios com força quando a onda de prazer começou a se agigantar em mim.

— Caralho! — senti seus dentes cravarem em meu ombro enquanto meu corpo convulsionava.

A intensidade do orgasmo me fez fechar os olhos e perdi minhas forças, caindo sobre o peito dele.

Estava tentando regular a respiração descompassada quando senti sua mão passar suavemente em minha barriga.

— Está tudo bem?

Só tive energia para balançar a cabeça, mas um sorriso satisfeito surgiu em meus lábios.

Ele afastou meus cabelos para o lado, beijando a minha nuca. Isso fez a minha pele arrepiar e Dmitri rir.

PERIGOSAS ACHERON

— Que tal uma cama agora? — sugeriu ele.

— E o vinho?

— E o que mais minha doce esposa desejar.

— Gosto disso — ronronei quando ele me abraçou mais forte contra ele.

— Que eu faça todas as suas vontades?

— Quando diz *minha* — alisei seus braços em volta de mim — E *esposa*.

— Minha esposa — ele repetiu — *Zólattse mayó*. [\[12\]](#) Vocês são o que tenho de mais precioso.

Dmitri Milanovic, o *Pakhan*, não era dado a demonstrar seus sentimentos. Mas essa regra não se aplicava a mim. Ele me fazia sentir a mulher mais amada do mundo, e eu o amava com uma intensidade redobrada.

— *Ya lyublyu tebia* — virei para ele tocando seu rosto com as minhas mãos — Eu te
PERIGOSAS ACHERON

amo, Dmitri Milanovic.

— Amo você, querubim.

Talvez eu fosse mesmo um anjo, porque
nos braços de Dmitri, eu me sentia no céu.

Epílogo

Boris Kamanev

Dois meses depois

Seis meses. Já somavam-se seis malditos meses fugindo. Sendo caçado como um animal. Escondendo-me em buracos sujos e fétidos como esgoto. E durante todo esse tempo, apenas uma pessoa esteve em minha cabeça, perturbando meu sono, fazendo-me olhar para cada canto onde eu passava, assustado, temendo a minha própria sombra.

Dmitri Milanovic.

O desgraçado que havia arruinado meus planos, aniquilado meus aliados e me roubado Kyara. Durante os seis meses, após minha fuga do

PERIGOSAS NACIONAIS

castelo, andei e me escondi por lugares asquerosos, sozinho, sem rumo. Nem com a ajuda de Feliks pude contar, eu havia o empurrado para fora do barco quando soube que tinha deixado as duas malas com dinheiro para trás.

Agora, até o dinheiro havia acabado. Caí em um golpe de um falsificador que conheci em um dos bares de estrada, durante minha peregrinação. O desgraçado tinha me prometido documentos novos e uma forma de me tirar do país. Os documentos, ele havia entregado, mas não apareceu na hora e nem no local indicado para fugirmos.

No momento, possuía apenas algumas notas no bolso que não dariam para cobrir nem mesmo as despesas do casebre caindo aos pedaços, na terra de ninguém, que passou a ser o meu esconderijo nas últimas semanas.

— Maldito Milanovic! — esbravejei, batendo a porta por onde entrei.

PERIGOSAS ACHERON

Destruí-lo passou a ser minha obsessão, mais do que Kyara, mais do que ser o *Pakhan*. Eu só precisava de tempo para continuar me despistando dos seus *boyevik* em meu encalço e de uma nova forma de conseguir grana.

Talvez eu pudesse vender à Tambovskaya informações que eles achassem valiosas ao governo. Já que eu não podia vencer Dmitri sozinho, precisava encontrar novos aliados contra ele.

Gargalhei como há muito tempo não fazia e fui até a velha e rústica mesa de madeira. Havia menos de meia garrafa de vodka em cima dela. Vasculhei os meus bolsos jogando as notas amassadas, moedas e o celular descartável que vinha usando, em cima dela.

A que ponto eu havia chegado. De um futuro rei a um mendigo de rua se humilhando por migalhas. Abri a garrafa e tomei dois longos goles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei em volta do casebre que só possuía um cômodo e um banheiro. Também não havia muitos móveis, apenas a mesa gasta, um fogão que nunca usei e uma cama.

Enquanto isso, Milanovic vivia no luxo, rodeado de súditos curvando-se para atender aos seus desejos. Não por muito tempo, jurei a mim mesmo. Estava indo em direção à cama, descansar corpo e mente exaustos, quando o telefone começou a tocar.

Número não identificado. Franzi a testa ponderando se deveria ou não atender a ligação. Talvez pudesse ser o falsificador. Ele poderia ter tido algum problema e não ter conseguido chegar ao local do encontro, talvez ele quisesse marcar um novo dia e local.

— Alô — atendi um pouco menos irritado e mais animado com a possibilidade de seguir com meus planos.

PERIGOSAS ACHERON

Nem tudo estava perdido, ainda poderia sair da Rússia e me preparar para atacar Dmitri Milanovic.

— *Peguei você* — ouvi a voz sussurrada e calma.

Apenas duas palavras, mas que tiveram o poder de fazer minhas pernas fraquejarem, e minhas calças mancharem com minha urina quente.

— Dmitri? — indaguei sem conseguir acreditar.

Mas a ligação foi encerrada sem que eu tivesse uma resposta.

Era ele. Eu nunca confundiria a voz. Além disso, foram essas mesmas palavras que eu havia falado para ele quando tinha sequestrado Kyara.

Peguei você!

Caminhei tropegamente em direção à porta, mas para o meu desespero estava trancada. Alguém havia entrado na casa e implantado essa

trava. O mesmo aconteceu com a única janela.

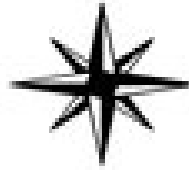
Peguei você.

As palavras de Dmitri começaram a ecoar em minha cabeça.

Peguei você.

E eu sabia exatamente o que o maldito tinha planejado fazer.

Era o fim da linha.



Dmitri Milanovic

Meu pai gostava de caçar. Ele sempre me levava e ensinava como uma caçada perfeita deveria acontecer. Mas nada foi mais emocionante e prazeroso do que perseguir Boris Kamanev como o rato covarde que era.

Não se tratava apenas de encontrá-lo e fazê-lo passar pelas piores torturas imagináveis. Eu queria que ele sentisse como me senti ao levar de mim a mulher que eu amava. Perdido, sozinho e sem uma direção para olhar.

Eu queria que ele se reduzisse ao nada que ele era. Saltando de um buraco imundo ao outro, temendo fechar os olhos todas as noites. Mas tinha uma hora que toda brincadeira cansava. E Boris Kamanev deixou de ser um brinquedinho divertido.

— O rato já está em sua ratoeira — disse a Ivan ao meu lado, assim que vi Boris entrar no chiqueiro onde vinha se escondendo.

Peguei meu celular e fiz a ligação. Ele atendeu.

— Peguei você.

Nunca duas palavras fizeram tanto sentido. Ao desligar o telefone, olhei para Ivan, acenando levemente a cabeça e como numa coreografia

PERIGOSAS ACHERON

combinada, ele acionou o dispositivo da explosão, e foi com satisfação que vi o casebre ir pelos ares.

Abaixei o binóculo enquanto apreciava o show. Garotos, como Boris, brincavam com fogo. Homens, como eu, o dominavam.

O último Kamanev havia sido eliminado.

Cada *Kapitan* que o apoiou, foi morto na arena. Sonya ousou abusar dos sentimentos de Kyara, foi eliminada, e, agora, Boris.

Eu havia feito a mim mesmo um pacto negro de que nenhum Kamanev viveria, e cumpri minha palavra.

Eu era o *Pakhan*. A minha palavra era lei.

— Vamos embora. — disse, virando-me para o carro.

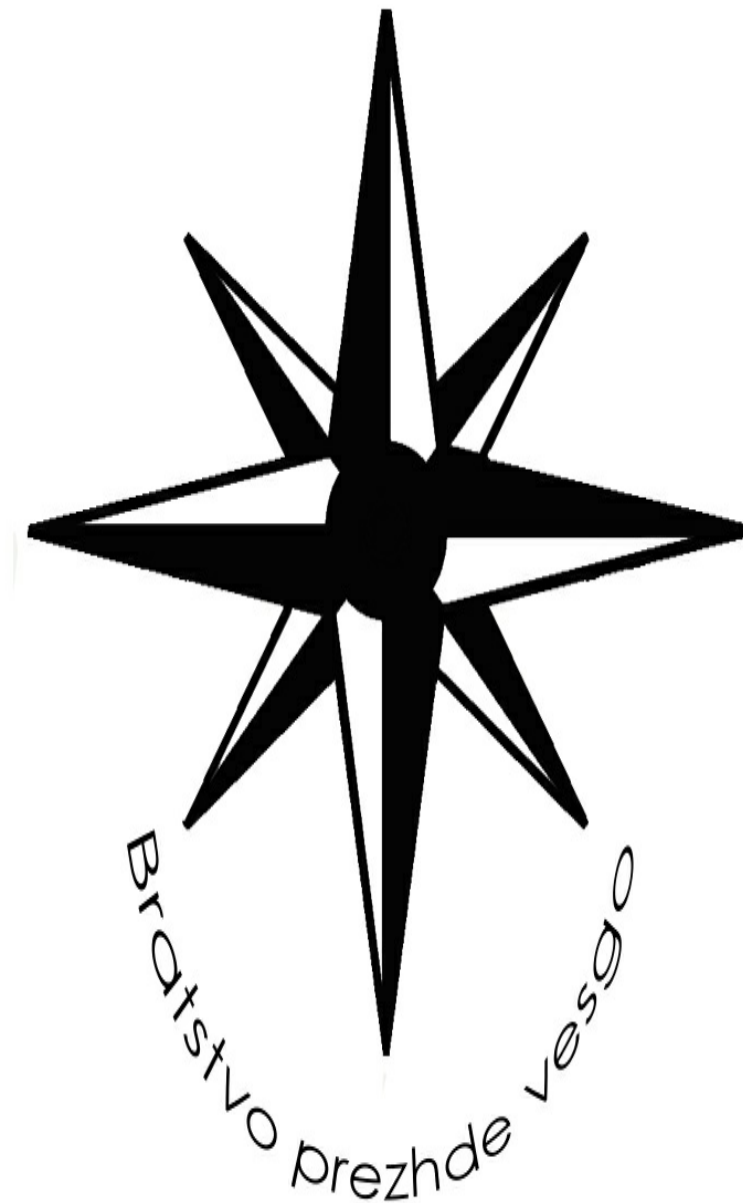
Os *boyevik* se encarregariam de cuidar para que nenhum rastro nosso ficasse para trás.

Minha atenção e pensamentos estavam focados em minha casa, onde minha doce esposa,

ainda mais linda nos últimos dias da gravidez, me aguardava, em nossa cama.

Nua.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Próximo livro Série
Nos Braços da Máfia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CACADA *gris*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 3

PERIGOSAS ACHERON

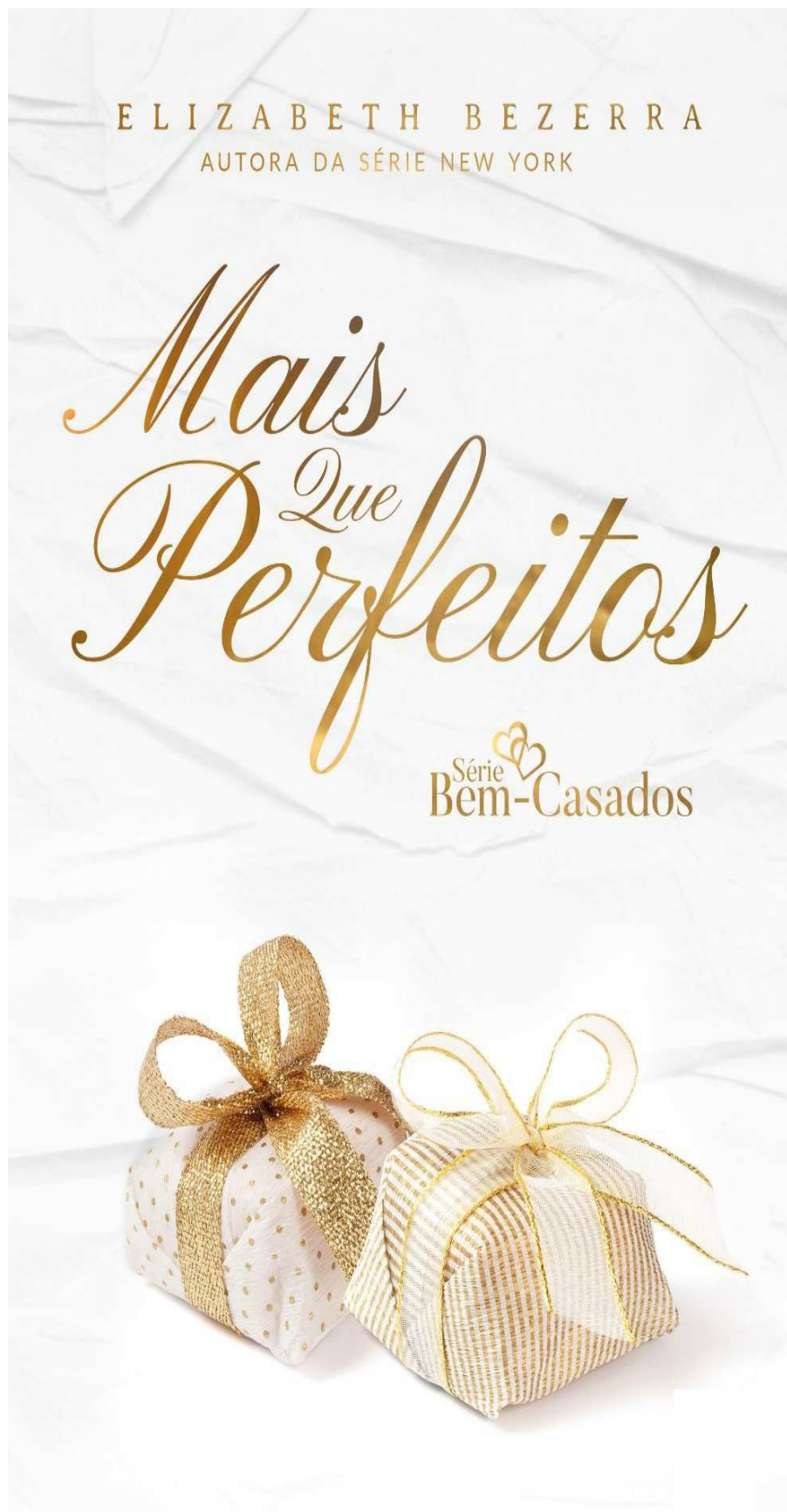
PERIGOSAS NACIONAIS

Conheça outras obras
da autora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais que perfeitos

Bem-Casados

Livro 1

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

A metade da laranja, a tampa da panela, o par perfeito, a alma gêmea... Chame como quiser. A verdade é que está cada vez mais difícil encontrar a pessoa certa para ter sua própria história com direito a docinhos, véu, grinalda, buquê e 'felizes para sempre'.

Precisando de uma força nessa área? A agência de relacionamentos Bem-Casados ajudará você nessa aventura emocionante e empolgante chamada Amor.

Enquanto os amigos namoravam e curtiam a vida, Scott King focava sua atenção aos estudos para que pudesse ser o médico bem-sucedido que é hoje. Mas isso fez com que ele não tivesse tempo, muito menos traquejo social, para sair à procura de romance. Quando ele se inscreve na *Bem-Casados*, não acredita que um site, de forma tão impessoal, seja capaz de apresentar-lhe a

pessoa certa. Até que ele conhece Cassandra...

Cassandra Santini estava com os dias contados. Com um visto americano de estudante prestes a expirar, ela queria permanecer no país que a acolheu tão bem depois de se ver sozinha no mundo. A *Bem-Casados* surge como seu último recurso, mas o milagre só seria completo se ela conseguisse encontrar o parceiro ideal. E, então, ela conhece Scott...

Entre cafés, histórias em quadrinhos e tarefas da agência, os dois sentem que o romance pode ser mais do que apenas uma união conveniente. Entretanto, nem todas as informações foram reveladas e quando estas vêm à tona, o sentimento de traição pode se mostrar mais forte que o amor.

Quais as chances de um médico metódico e uma artista plástica desorganizada serem um para o outro *mais que perfeitos*?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota

Esta obra trata-se de uma ficção. A autora *não endossa* ou *incentiva* qualquer ato ilegal ou meio manipulativo para entrada ou permanência em um país estrangeiro. Em caso de planejamento de mudança para um país estrangeiro, procure um advogado de imigração. Ele é a melhor pessoa para dar as informações corretas e legais no processo.

Prólogo

Revista Estilo & Vida, Edição 283

“Um casamento perfeito é apenas duas pessoas imperfeitas que se recusam a desistir um do outro.”

Autor desconhecido.

O que é o amor?

Algumas pessoas diriam que é o encontro de duas almas destinadas a ficarem juntas. É quando dois corações se tornam um só. É o sentimento mais sincero, profundo e sublime que alguém poderia ter por outra pessoa. O amor torna às pessoas mais felizes e infinitamente melhores.

Sim. Nós afirmamos que o amor é tudo isso e um pouco mais.

Mas por que algo tão nobre é tão raro de se encontrar?

Você já deve ter escutado a história de como um amigo do amigo conheceu a pessoa certa no supermercado. Ou, que o primo da prima apresentou o candidato certo na festa de casamento dele, formando o mais lindo casal do momento. Ou, que a vizinha da vizinha, literalmente, caiu aos pés do atual noivo em uma entrevista de emprego – bem, na verdade, o último exemplo deve ter lido em um livro. Isso não importa. O que realmente interessa é que pessoas como nós, solitárias, não encontram a pessoa certa caminhando e cantando *Singin' in the Rain* na chuva, como Gene Kelly. Ou, quando as maçãs saem rolando pelo chão em direção ao homem perfeito ao fazer compras no supermercado. Ou, na festa de casamento daquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prima que você detesta, mas foi obrigada a ser dama de honra para não causar um desconforto familiar.

E devemos ressaltar também que a dificuldade de encontrar o par perfeito não é um problema exclusivamente das mulheres. No mundo de hoje, a tecnologia, o empoderamento feminino e a rapidez com que as coisas evoluem, os homens também encontram grande dificuldade em apresentar a nora ideal para seus pais exigentes e, uma sociedade mais exigente ainda.

Podemos atribuir a culpa a uma rotina difícil de estudo e trabalho rigorosos, timidez de se aproximar ou relacionar com outra pessoa, com impossibilidade de manter uma ampla vida social. Não! Ele também não vai encontrar a mãe de seus filhos consertando seu carro na oficina e, nem a bartender terá escondido um anel de compromisso em sua bebida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A verdade é que sendo homem ou mulher, heterossexual ou homo, no mundo de hoje, está cada vez mais difícil dois corações ansiosos por se apaixonar cruzarem a mesma rua.

Histórias como essas são encantadoras, mas para pessoas como nós são apenas isso, histórias. Passamos a vida toda esperando que o entregador de pizza seja o cara perfeito que te levará ao altar; que por um golpe do destino, a atendente da cafeteria seja a mulher da sua vida.

Não! Não! Não!

Esqueça essas histórias contadas e escreva a sua. O amor nasce de encontros inusitados, mas pode ser planejado e cultivado como uma linda flor no jardim. Torne-se dono do seu futuro amoroso e pare de esperar caridades do Sr. Destino.

A *Bem-Casados* ajudará você nessa aventura emocionante e empolgante chamada PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amor.

Não somos mais um *site* de relacionamento onde as pessoas dizem uma coisa e oferecem exatamente o contrário (sexo barato). Não, somos seletivos e rigorosos em nossa seleção e, acompanhamos todas as etapas do casal até o *felizes para sempre*.

Esqueça tudo o que já lhe falaram sobre a pessoa perfeita. Nós oferecemos a você o par ideal.

Conheça nossos pacotes e histórias de sucesso visitando nosso site:
www.bemcasados.com

E bem-vindo ao mundo real dos apaixonados!

Você também pode escrever uma grande e emocionante história de amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Scott

Meus olhos saltavam da revista para o olhar empolgado de Candace. E eu não sabia definir qual das duas me deixava mais estarecido: a matéria em destaque no folhetim feminino ou a enfermeira à minha frente.

— Você não pode estar falando sério, Candace — fechei a revista e joguei sobre o bloco de receituário em cima da mesa — Um *site* de relacionamento?

Em todos os meus anos como clínico geral e, nos dois últimos, sendo supervisor da emergência, podia afirmar que poucas coisas hoje em dia me deixavam chocados. Presenciei desde um

terrível acidente com um ônibus escolar a um paciente com uma garrafa de cerveja enfiada no ânus. A matéria e, principalmente, a sugestão da enfermeira não poderiam me deixar abismado, mas deixaram.

— Por que não? — Candace puxou a cadeira e sentou do outro lado da minha mesa, interrompendo minha linha de pensamento — Todas as nossas tentativas para que você encontrasse a pessoa perfeita acabaram... bem... acabaram de uma forma bastante frustrada, Scott.

Encarei a mulher roliça de rosto simpático e olhar amoroso. Candace não era apenas a chefe de enfermagem, com quem eu tinha um bom relacionamento profissional. Ela era uma amiga de velha data, que eu respeitava e tinha um grande apreço. Candace presenciou a época mais terrível da minha vida. Quando eu era apenas um garoto tímido e cheio de espinhas na cara. E ela

PERIGOSAS ACHERON

também foi testemunha da minha paixãoite juvenil por sua enteada, Allen.

A linda garota da casa ao lado. A garota perfeita que sempre sorria para mim quando eu ia até a casa dela fazer seus trabalhos escolares ou ajudar a consertar o computador. Eu nunca tinha conseguido entender por que a menina mais perfeita do mundo olharia e sorriria para um garoto tolo como eu, mas ela tinha olhado, tinha sido gentil e foi o suficiente para que eu acreditasse que os breves momentos que passamos juntos significaram alguma coisa para ela também.

— Isso é por causa da Allen e o Dr. Lester? — indaguei, criando algumas linhas de expressão em minha testa.

Não bastou Allen ter sido meu grande e doloroso amor adolescente, a garota que me deixou ainda mais inseguro para relacionamentos futuros. Agora, tendia a tornar meu presente, no mínimo,
PERIGOSAS ACHERON

incômodo.

Allen passou por um divórcio difícil com o antigo namorado da escola e, com a ajuda da madrastra, tentava reconstruir sua vida. Foi Candace que conseguiu para ela o emprego como gerente na lanchonete que tinha ao lado do hospital. E também foi Candace que apresentou o médico cardiologista, Marcus Lester, à enteada de coração partido, enquanto eu tirava férias seguras longe dela, afirmando a mim mesmo que qualquer influência emocional que Allen ainda pudesse exercer sobre mim, tinha acabado. E era cômico pensar que o médico especialista em cuidar dos problemas do coração, estava comprometido com a mulher que um dia tinha destruído o meu.

— Eu não deveria ter conseguido esse emprego para ela se soubesse que ainda afetava você — murmurou Candace com enorme pesar — Mas é que...

Ergui minha mão interrompendo as explicações dela e o novo pedido de desculpas que seguiria.

— Allen não é um problema para mim — todos os dias repetia isso e acreditei que tivesse me convencido — Além disso, ela é como uma filha para você, Candace, não poderia ter lhe negado ajuda.

Observei Candace respirar fundo e liberar o ar lentamente, aliviada pela absolvição que dava a ela. Sorri e mantive um ar de tranquilidade. Aquele garoto inseguro tinha sido deixado para trás.

Tudo bem que a minha vida amorosa não era algo a ser invejado. Dediquei muito tempo aos estudos e um tempo ainda maior desejando me tornar um ótimo médico. Mas passo mais horas no hospital do que em minha própria casa, o que acabou me tornando um solteirão solitário aos

PERIGOSAS ACHERON

olhos de minha mãe e de Candace, que sentia pena e desesperada necessidade de encontrar a mulher ideal para mim.

— Você tem razão. Eu não podia virar as costas a Allen. Ainda mais depois do casamento desastroso com o Timothy. Eu sempre disse que ele não servia para ela. Ah, se tivesse dado uma chance a você quando eram jovens, ou esperado até que...

Allen Henderson, a garota mais bonita e popular da escola, jamais olharia romanticamente para o garoto desengonçado, acima do peso e com um pavoroso aparelho nos dentes que eu tinha sido.

Ironicamente, nem Allen ou as garotas que sempre me olharam com nariz torcido teriam imaginado que o nerd sem graça se transformaria em um médico respeitável, bem-sucedido, além de um homem interessante e atraente aos 36 anos.

Claro que não sou nenhum rato de academia, mas o corpo roliço foi desaparecendo no

PERIGOSAS ACHERON

primeiro ano de faculdade quando comecei a correr. Onde existira gordura e flacidez, agora havia músculos definidos, conquistados com muita corrida e natação. Mudar a alimentação por refeições saudáveis também tinha contribuído bastante. Os óculos foram substituídos, na maior parte do tempo, por lentes de contato e o sorriso metálico deu lugar a um alinhado bem próximo à perfeição. Minha dentista dizia que facilmente poderia fazer propagandas de creme dental. Era um exagero, mas o trabalho dela ficou realmente bom.

E eu sabia que tinha me tornado um homem que atraía olhares femininos. Recebi cantadas e olhares sugestivos de pacientes e algumas enfermeiras o suficiente para ter melhorado um pouco minha autoestima, que tinha sido bem baixa no colegial.

Tive alguns casos no decorrer dos anos. Mas, geralmente, eram todas estudantes de

PERIGOSAS ACHERON

medicina ou médicas recém-formadas. Assim como eu, ocupadas e envolvidas demais com a carreira para dedicarem algum tempo a um relacionamento sério.

— Bom, agora ela tem o Marcus —
forcei outro sorriso — E ele é um cara legal.

— Sim, ele é — murmurou Candace —
Se você não tivesse saído de férias quando ela chegou...

— Nada aconteceu naquela época, Candy. Não estava fadado a acontecer agora. E volto a repetir, estou bem.

Não era como se Allen tivesse partido o meu coração pela segunda vez. Sou um adulto bem resolvido agora e completamente capaz de ter controle sobre minhas emoções. Eu estava bem. Marcus e Allen já estavam juntos há um ano e noivos há seis meses, qualquer sentimento que pudesse ter em relação a ela, estava completa e

PERIGOSAS ACHERON

absolutamente acabado hoje. Extinguira-se há muito tempo, junto com o garoto de olhar sofrido.

— Tem razão. Você sempre foi um garoto prático — Candace voltou a se animar, batendo o dedo na revista — Por isso acho que essa agência é perfeita para você.

— Perfeita? Desde quando caçar uma mulher em uma agência casamenteira é praticidade? — voltei a sorrir, um sorriso um pouco mais sincero desta vez — Pensei que praticidade fosse, sei lá, ir até um bar e oferecer um *drink* a uma bela mulher.

Candace manteve uma das sobrancelhas erguida e me deu um dos olhares de repreensão que minha mãe costumava me dar sempre que ia visitá-la sem uma possível noiva pendurada em meu braço.

Ela queria ver um neto nascer antes de morrer, dizia ela. Embora tivesse uma saúde de
PERIGOSAS ACHERON

ferro.

— Você frequenta bares ou tem qualquer vida social longe daqui? — indagou Candace.

Ela era muito boa em puxar o curativo em um único movimento.

— Bem...

— Scott, você vive e respira os corredores deste hospital — ela me interrompeu — Eu duvido até mesmo que saia, que seja o tipo que sai pagando bebidas ao primeiro rabo de saia que vê por aí.

Não era exatamente como ela insinuava. Em quase 90% dos casos, tinham sido as mulheres oferecendo bebidas e uma noite de sexo sem compromisso a mim.

— Você leu o artigo? Eles se encarregam de tudo — insistiu Candace — Desde encontrar a parceira compatível, até marcar os

PERIGOSAS ACHERON

encontros e ajudá-los a chegar a um entendimento. E você só tem que se candidatar e preencher os benditos formulários.

— Esqueceu-se da taxa — digo em um tom provocativo.

— Isso não é um problema para você — ela resmungou.

E não era mesmo. O valor era consideravelmente mais alto do que tinha pesquisado em alguns *sites* de namoro pela internet ou aplicativos de celular. O serviço que a *Bem-Casados* oferecia (se cumprissem mesmo o que ofereciam), era inquestionavelmente superior também.

— Só diga que irá pensar — pediu Candace — Quero vê-lo feliz, Scott.

Não era muito diferente dos encontros às cegas que minha mãe e Candace tinham planejado e me obrigado a ir durante o último ano.

Talvez o amor devesse ser encarado exatamente como o artigo da revista havia destacado. Com racionalidade e praticidade. As mulheres que se inscreviam estariam buscando o mesmo que me sentia impelido a encontrar: uma companhia agradável disposta a iniciar uma família.

— Prometo que vou pensar, Candy.

Olhei para o ícone no *iPad* piscando em cima da mesa no mesmo momento que ela se preparou para argumentar e agradei a interrupção bem-vinda.

— Agora preciso ir — afastei a cadeira e peguei o jaleco no suporte.

Senti a mão rechonchuda de Candace pousar em meu ombro no momento que toquei a maçaneta da porta.

— Sei que existe uma garota especial para você em algum lugar aí fora — Candace tocou o meu rosto e, com a mão livre, fez um movimento

amplo em direção ao corredor — Só não deixe que isto aqui seja maior do que ela quando encontrá-la, Scott.

As palavras de Candace ficaram povoando minha cabeça pelo restante da tarde. Eu tinha me tornado um desses médicos casados com a profissão? E, acima de tudo, seria capaz de mudar agora?

Eu não conseguia ver a expressão de Andrew enquanto ele estivesse com a cabeça enfiada no meu carro, mas o silêncio que seguiu após eu ter contado alguns detalhes sobre a agência parecia suficiente para que imaginasse qual seria sua resposta. Ele deveria estar pensando exatamente o mesmo que eu concluí durante o caminho até sua oficina: *Essa era uma ideia idiota!*

— Só precisa trocar o óleo — Andrew pegou um bolo de estopa para esfregar as mãos

PERIGOSAS ACHERON

sujas de graxa — O motor está tão bom quanto o retirou da loja há... — ele coçou o queixo, deixando uma nova marca negra ao lado das outras mais claras — Dois anos?

Até o meu carro denunciava o meu estilo de vida. Eu tinha um belo carro esportivo que conhecia mais minha garagem e a do hospital do que estradas desafiadoras. Mas não foi para falar sobre o carro que eu tinha ido até a oficina de Andrew.

Fomos vizinhos e amigos desde o primário. Enquanto eu tinha sido um nerd desengonçado, Andrew tinha sido o típico garoto bonito, metido a rebelde. Eu tive uma família amorosa e feliz. Andrew teve pais complicados. A única coisa que tínhamos em comum era um lado solitário. Eu não sabia como me aproximar das pessoas e fazer amizades, Andrew tendia a afastar qualquer pessoa que tentasse se aproximar demais.

Eu ficava em silêncio e o ouvia quando precisava ser ouvido, Andrew me defendia dos valentões e covardes da escola quando tentavam tirar vantagem de mim. Ajudar um ao outro, de alguma maneira, fez com que desenvolvêssemos anos de amizade sincera e leal. Amizade que resistiu à minha ida à universidade e Andrew vagando de um canto a outro por três anos até se casar com a namorada grávida, que veio a falecer no parto do bebê.

Quando ele retornou a High Mountain com o pequeno Billy nos braços, tentei ser o melhor apoio que ele pudesse ter e o melhor tio postigo que o menino conheceria.

— Três anos — o corrigi sobre o carro — Agora, qual a sua conclusão sobre o outro assunto?

Se havia alguém que me conhecia bem era Andrew. Portanto, não havia pessoa melhor

PERIGOSAS ACHERON

para me dar uma opinião.

Andrew desceu a porta de ferro, fechando a oficina, e caminhou languidamente até o frigobar antigo, de onde tirou duas garrafas de cerveja, jogando uma a mim. Abri minha garrafa enquanto ele erguia o braço que parecia ainda mais tatuado do que a última vez que o vi. Ele tomou um longo gole antes de responder a minha pergunta.

— Pensei que ser um solteiro inveterado estava bom para você.

Até cerca de um ano estava. Basicamente, até seis meses atrás quando Allen e Marcus fizeram o anúncio feliz sobre o casamento deles que aconteceria dentro dos próximos meses.

Não que sentisse alguma coisa por ela. Qualquer ilusão (se é que nutri alguma), tinha sido esmagada quando os vira juntos e apaixonados na lanchonete ou pelos corredores do hospital. Não amava Allen. Talvez nunca tivesse amado-a de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade. Fui apaixonado pela ideia de me apaixonar por ela. Mas não podia continuar fingindo que ver o casal radiante não tenha mexido comigo.

Seria um homem solitário eternamente? Vivendo em uma casa vazia e silenciosa, dedicado aos pacientes e hospital?

Sempre que via Andrew com seu filho de nove anos, ficava impossível não perceber o amor e ligação entre eles.

— Não foi exatamente uma opção — resmunguei em um tom defensivo.

Andrew bebeu outro gole antes de argumentar.

— Você não é o maior sedutor que conheço, Scott — ele colocou a garrafa na mesa e cruzou os braços — Mas não foi nenhum celibatário. Tudo isso é por causa da garota? A idiota nunca mereceu você.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é por causa da Allen. É por causa do Billy.

— O que meu filho tem a ver com isso?
Como dizer a Andrew que passei muito tempo desejando o que ele tem sem parecer um babaca espumando inveja?

— Já tenho 36...

— Nossa, é um velho caquético mesmo — ele sacaneou, voltando a entornar a bebida, jogando a garrafa no lixo em seguida — Isso me torna o quê? Um ancião em perigo?

— O que quero dizer é que... Sei que foi um choque e que foi muito difícil ter perdido a Joanne tão repentinamente — embora tivesse passado nove anos, ainda era um tema delicado de se tocar — Mas sempre que vejo você e o Billy juntos... Sei lá, parece incrível.

O ar angustiado que, por um instante, tinha brilhado nos olhos de Andrew foi substituído

por um brilho orgulhoso pelo filho. Ele era o pai amoroso que nunca chegara a ter.

— Hum-hum — ele pigarreou, limpando a garganta. Homens como Andrew eram durões demais para permitir se emocionar — Tirando a parte que está agindo como solteirona chorosa e desesperada por casamento...

Ele buscou outra garrafa no frigobar e eu ignorei sua provocação.

— Acho que talvez seja uma boa ideia.

— Você está falando sério? — indaguei surpreso.

Eu tinha ido até ali porque tinha certeza que Andrew gargalharia sobre a sugestão de Candace e me faria enxergar que a ideia era completamente absurda, jamais esperei que ele fizesse coro à senhora sentimentalista.

— Você quer esposa e filhos, mas não tem uma vida, digamos, agitada. Chega uma hora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que até os homens pensam sobre isso. E você sempre foi o tipo mais família do que eu. O que poderia ser melhor do que conseguir do jeito mais pragmático possível?

E quantos aos sentimentos? Não esperava me apaixonar perdidamente por alguém com ou sem casamento; até concordava com a questão de resolver tudo racional e objetivamente, mas, ao mesmo tempo, parecia tão frio.

— É melhor dominar os sentimentos, meu amigo — disse Andrew com uma expressão enrijecida — E não deixar que eles te dominem. Sem riscos, sem sofrimento.

— Filosofia de oficina? — gracejei.

— Eu sou um homem sábio — disse ele antes de olhar o relógio em seu pulso — E que precisa pegar o filho na escola. Fica para o jantar? Aposto que pizzas, algumas cervejas e um garoto barulhento farão você repensar o assunto.

PERIGOSAS ACHERON

Fazia algum tempo que não passava um momento maior com meu afilhado, ultimamente nos falávamos por telefone e eu fazia visitas rápidas na casa deles.

Ao contrário do que Andrew quisera insinuar, Billy era um garoto inteligente e divertido. Talvez fosse o peso necessário para dizer para que lado da balança eu devesse inclinar minha decisão.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ELIZABETH BEZERRA
AUTORA DA SÉRIE NEW YORK

Totalmente Perfeitas

Série 
Bem-Casados



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Totalmente
Perfeitas*

Série
Bem-Casados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ELIZABETH BEZERRA

AUTORA DA SÉRIE NEW YORK

Totalmente Perfeitas

Série 
Bem-Casados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Observei o homem e o menino deixarem a igreja. O primeiro não parecia muito feliz, amassou o cartão que lhe dei, jogando-o na lixeira mais próxima. O segundo, grudou o rosto no vidro do carro, assim que se acomodou, olhando-me como se eu fosse um dos *Padrinhos Mágicos*, que com o toque da minha varinha pudesse resolver os problemas de seu coração infantil.

Era difícil encontrar o par perfeito para os candidatos que, por livre e espontânea vontade, surgiam na Bem-Casados, mas encontrar o parceiro ideal para quem se recusava a isso, poderia se tornar uma missão quase impossível.

Por isso, eu tinha que pensar meticulosamente, ou melhor, precisava decidir com cuidado em como iria conduzir tudo isso, até que o

tatuado, com cara de invocado, decidisse nos procurar.

— Vamos para casa, Regan — informo à minha assistente quando me acomodei ao seu lado no carro — Algo me diz que temos muito que fazer em High Mountain ainda.

Enquanto Regan deslizava pelas ruas da cidade, minha mente trabalhava com afinco, juntando tudo o que sabia sobre o amigo de Scott, montando um breve perfil em minha cabeça.

Regan era meus olhos e ouvidos, indo onde eu não poderia estar, juntando peças para montar nossos quebra-cabeças favoritos.

— O que você sabe sobre Andrew Conley? — indaguei ao entrarmos em casa — O que conseguiu averiguar do tempo que monitorou os King?

Ouvir atentamente enquanto Andrew Conley se transformava em um desafio me deixava

PERIGOSAS ACHERON

animada.

— Aqui — desviei o olhar da janela, onde fui observar o céu estrelado, após a análise que Regan tinha me dado —, a lista das possíveis candidatas.

Com o *iPad* contendo as informações que eu pedi, ela me estendeu uma taça de vinho.

— Apenas as que nos afirmaram não se importar se os possíveis candidatos tivessem filhos.

Deslizei o dedo sobre a tela analisando rapidamente a minibiografia de cada uma delas e as fotos. Loiras, morenas, negras, ruivas, altas, baixas... Apesar de a lista não ser extensa, pois, em sua maioria as mulheres buscavam iniciar uma família com homens sem a responsabilidade de uma criança entre eles, havia um número considerável de candidatas que afirmavam não se importar.

— Não sei... — olhei para a foto da última e voltei à primeira para mais uma olhada —

Nenhuma delas parece certa. Parecem perfeitas...

Regan encheu sua taça de vinho e sentou sobre a mesa de frente à poltrona onde eu me encontrava.

— Sem os testes de personalidades fica difícil dizer qual delas poderia ser o par ideal para Andrew.

Andrew não tinha feito o teste de personalidade que indicaria que tipo de mulher combinaria com ele, simplesmente porque ele não era um candidato. *Ainda.*

— Tivemos algumas adições novas essa semana, não foi?

Abri outra tela em busca das candidatas que aguardavam aprovações, não contente com nenhuma, fui em busca das rejeitadas.

Apesar de a Bem-Casados ser uma agência de relacionamento que cobrava pelos serviços prestados, tínhamos nossas regras. Sabíamos

PERIGOSAS ACHERON

quando alguém mentia em relação às verdadeiras intenções em participar do programa. Não nos faltavam candidatos buscando casamentos arranjados por inúmeras razões. Seja para receber uma herança, para conseguir promoção de um cargo, esconder preferência sexual, a lista de motivos era extensa.

Na lista de rejeitadas não deveria ser o local em que deveria buscar a parceira ideal para Andrew, mas se não houvesse a intuição em contrapartida às normas, Cassandra Santini também não teria sido aceita, já que sua motivação inicial tinha sido conquistar o Green Card. Mas eu vi algo nela, e, apesar da necessidade do visto, via o programa de coração aberto, ela queria mesmo se apaixonar, e não haveria um par mais perfeito para Scott do que Cassy.

— E essa daqui? — perguntei à Regan, mostrando a foto da penúltima candidata rejeitada

da lista.

Ela olhou para a foto franzindo a testa.

A garota em questão era completamente diferente do que costumávamos receber.

— Fern a descartou porque não conseguiu identificar quais foram as reais motivações dela — disse Regan — Ela jurou de todas as formas que estava em busca de um grande amor, mas os sinais corporais diziam outra coisa.

Fern era a responsável pela análise psicológica de cada candidato. Ela era uma expert em estudar o comportamento humano. Nenhum mentiroso tinha conseguido passar por ela. Tentar encaixar a jovem na lista, quando já tinha ignorado seus avisos em relação a Cassandra Santini, me traria novos problemas com ela. Fern levava seu trabalho com mais rigidez do que eu.

Mas... Eu tive razão em se tratando de Cassy e Scott.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já enviaram a resposta recusando?

— Há quase duas semanas — respondeu Regan.

— Bem, então precisamos pensar em uma boa desculpa para a trazermos de volta.

Tomei um gole de vinho atenta à reação chocada de Regan ao olhar de mim para a foto no *iPad*.

Bom, talvez eu tivesse mesmo uma varinha de condão.

O pequeno Billy ficaria feliz com a minha escolha?

Ele, eu não sei, mas Andrew Conley, com toda certeza, iria se surpreender.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Andrew

Já tinha passado quase quatro meses desde o casamento de Cassy e Scott e Billy continuava me atazanando, sugerindo que eu deveria considerar a ideia de me casar.

Ele queria comida decente todos os dias e não a comida congelada que eu sempre colocava na mesa.

Ele queria uma casa mais organizada.

Ele queria cachorros ou gatos.

Ele queria irmãos, pelo menos dois.

Ele queria uma mãe que o colocasse para dormir com um abraço quentinho à noite e o acordasse para a escola com um perfeito café da manhã no dia seguinte;

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele queria ter para quem entregar os trabalhos escolares dedicados às mães.

Para as duas primeiras reivindicações e a outra metade da penúltima, eu poderia contratar uma empregada e teria o problema resolvido. Mas uma empregada não poderia dar um abraço carinhoso todas as noites a ele e, muitos menos, bebês fofinhos.

Eu procurava melindrar todas as tentativas dele mostrando que ter uma mulher dividindo nosso espaço não seria um negócio muito bom para nós dois.

Mães eram exigentes, perfeccionistas e reclamavam de tudo. Além do que, ele teria dois adultos cobrando a lição de casa, que arrumasse o quarto e escovasse bem os dentes. Infelizmente, as justificativas de Billy durante o nosso jantar para ter uma mãe eram muito mais fortes que a minha para não ter.

PERIGOSAS ACHERON

Então, nossa última discussão à noite passada foi um sonoro: *Eu não quero me casar, Billy!*

Com ele fugindo para o quarto sem ter tocado na lasanha que eu tinha requentado no forno.

Acontece que eu não estava interessado em me apaixonar. Tudo estava bem como estava. Eu conseguia ter uma vida sexual sem me amarrar a ninguém. Mas o motivo maior de ter permanecido solteiro foi justamente o Billy. Eu não colocaria uma mulher em minha casa que não nutrisse metade do amor que eu tinha pelo meu filho. E por experiência própria, sabia que pais biológicos às vezes não amavam seus filhos, o que dirá um estranho.

Quando o Billy nasceu, ao pegar aquela pequena coisinha em meus braços após sua mãe morrer no parto, jurei que ele nunca sentiria medo, rejeição e nunca se questionaria porque eu não o amava. Ele seria minha prioridade daquele dia em

PERIGOSAS ACHERON

diante.

Então, nenhuma mulher foi importante para mim mais do que o meu filho. E estava bom desse jeito, nós estávamos nos saindo bem. Até agora. Até eu deixar de ser suficiente e ele sentir falta de uma figura materna. Os questionamentos e pedidos do Billy me faziam voltar ao meu passado turbulento. Às minhas milhares de vezes que chorei baixinho debaixo da coberta, desejando ter uma família, com pai e mãe que me amassem de verdade e cuidassem de mim.

Mais do que ninguém, eu sabia da importância de uma criança ter um lar caloroso, seguro e feliz. E se não ter uma mãe era algo que deixava meu filho incompleto, talvez tivesse chegado a hora de eu pensar em reconsiderar. Afinal, eu já tinha 36 anos, conheci e dormi com uma longa lista de mulheres, eu não era mais um rapaz saído da escola querendo curtir a vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi a noite mal dormida de ontem que começou a fomentar essa possibilidade em minha cabeça. Talvez tenha chegado o momento de sossegar. Encontrar uma mulher doce, bonita (isso não seria mau), carinhosa e prendada como Cassy. Scott estava imensamente feliz com o seu casamento. Existiam problemas no paraíso, sim, toda relação tinha seu lado bom e ruim; até as garotas que levava para a cama — sexo sem compromisso — às vezes me traziam um ou dois problemas quando decidiam bancar as grudentas. Mas meus amigos estavam felizes e realizados em seu casamento.

Quem sabe se eu encontrasse alguém como Cassy as coisas poderiam realmente funcionar? Billy teria a figura materna que tanto desejava. A rotina em nossa casa seria bem melhor do que eu conseguia fazer e eu teria sexo sem precisar programar todo o meu dia.

PERIGOSAS ACHERON

E essa ideia que começou como uma pequena fagulha incitada pelo meu filho, ganhou força e intensidade. E se ratificou quando o furacão de 1,40 de altura entrou na oficina.

— Eu odeiooooooooo a escola! — Debaixo do carro que consertava, vi a mochila de Billy cair a seus pés — Não vou voltar para lá nunca mais, pai.

Respirei fundo e me obriguei a manter a calma antes de deslizar para longe do carro. Eu esperava que Billy não tivesse se metido em uma segunda briga na escola. Ainda estava tentando entender como ele havia se metido na primeira. Billy não era um garoto arredio como eu tinha sido na idade dele, só que ultimamente ele não vinha agindo como o garoto educado, tranquilo e esperto que eu tinha criado.

Só este mês, fui chamado na escola dele duas vezes. Ele dormia nas aulas, não entregava as atividades a tempo e o rendimento no *baseball*

estava caindo. A professora condenadora tinha sutilmente (ou não tão sutilmente, pois, ficou muito claro que tinha dado em cima de mim) sugerido que o problema de Billy era não ter uma influência feminina na vida dele.

Eu tinha pedido que a Matilda, mãe de Scott, pudesse ter uma conversa com ele e, logo depois, ela sugerira o mesmo, que eu procurasse uma boa jovem e me casasse.

Por que todo mundo achava que nossos problemas seriam resolvidos com um maldito casamento?

— O que foi agora, Billy? — Indaguei com a mesma calma que uma mãe deveria ter — Brigou com o Frank de novo?

Eles sempre foram melhores amigos e não entendia até agora por que a primeira briga entre eles tinha acontecido.

— Não, a gente tá de boa agora — disse ele

PERIGOSAS ACHERON

cruzando os braços, emburrado.

— Então, o que aconteceu na escola que te deixou puto da vida?

— Eu te falei três semanas atrás que minha calça de *baseball* estava com defeito — disse ele em um tom acusatório — E hoje, quando fui arremessar, ela rasgou na frente de todo mundo.

Droga. Ele tinha mesmo me falado isso quando eu estava fazendo a manutenção no carro do prefeito.

— Mas e o uniforme reserva?

— Está na lavanderia — resmungou ele — Que você ainda não foi buscar.

Eu só me lembrava da lavanderia quando minhas cuecas ou as de Billy começavam a desaparecer da gaveta.

— Agora todo mundo está me chamando de “Billy Calções Furados”.

Isso era... Como é que eles chamavam hoje

PERIGOSAS ACHERON

em dia?

Ah, *bullying*.

— Desculpa, filho. Amanhã podemos comprar um novo uniforme — digo a ele tentando fazer com que sua revolta diminua um pouco — Dois, na verdade. Um reserva do reserva. O que acha? Também posso ir à escola falar com...

— Eu não quero que fale com a minha professora, isso só vai piorar tudo.

Com isso eu tinha que concordar com ele, infelizmente. Admirava a coragem do Billy em tentar enfrentar tudo sozinho, mas ele era só uma criança, e não tinha que aguentar calado as maldades de seus amigos de equipe. Diferente de como meu pai tinha sido comigo, eu era presente na vida do meu filho. Talvez não fosse até sua escola, podendo envergonhá-lo na frente dos coleguinhas, mas teria uma séria e dura conversa com o diretor, mesmo que escondido dele.

— Papai, você é bom nisso, em arrumar as coisas — disse ele com um olhar quase que desolado — Mas não é bom o suficiente para evitar que as coisas ruins aconteçam.

Após essa amarga declaração, Billy pegou a mochila e foi em direção à nossa casa.

— Olha para os dois lados antes de atravessar — gritei quando o vi passar pela porta de ferro.

A sua declaração formigando em minha cabeça. Sempre fiz o meu melhor para evitar que coisas ruins acontecessem com ele, para protegê-lo das crueldades do mundo, mas lidar com um bebezinho, apesar de ser assustador, era bem mais fácil. Só precisava alimentá-lo, vesti-lo, colocar para dormir e soprar as feridas no joelho quando caía e se machucava. Acontece que Billy tinha crescido e com ele, seus desejos e necessidades de apoio passaram a ser outros. Eu tinha que parar de pensar no que eu queria para pensar no que meu

PERIGOSAS ACHERON

filho precisava.

Parei no batente da porta, observando Billy deitado de bruços na cama, concentrado na leitura de uma de suas HQs. Acho que todos nós, pais, que reservamos um tempo para admirar nossos filhos nos perguntamos quando eles haviam crescido tanto, bem debaixo dos nossos olhos.

— Hoje é sexta-feira... hum — limpei a garganta antes de continuar — Que tal fazermos um churrasco lá fora? Com direito a sorvete também.

Ele virou uma folha e não se dignou a me olhar antes de responder. Ainda estava bastante chateado comigo pelo ocorrido na escola essa tarde.

— Pensei que ficaria com o tio Scott e Cassy esta noite — disse ele — Já arrumei minha

PERIGOSAS ACHERON

mochila.

Merda. Tinha esquecido que nesse fim de semana visitaria minha mãe na casa de repouso em Alluria, cidade vizinha a High Mountain. Billy sempre ficava com Matilda ou com Scott quando eu precisava fazer essa pequena viagem a cada dois fins de semana.

Eu já via minha mãe poucas vezes e ela estava tão longe que me sentiria mal em desmarcar a visita de amanhã.

— No domingo quando eu chegar?

— Tá... — ele deu de ombros e virou outra folha.

Aproximando-me da cama, sentei na beirada e puxei o quadrinho das mãos dele, sob seus protestos zangados.

— Sabe, Billy, andei pensando no que me pediu — coloquei o quadrinho em cima da mesa de sua cabeceira, ao lado do abajur.

— Sobre as HQs novas que eu pedi?

— Você já não tem o suficiente?

Além das que esporadicamente comprava, Billy sempre ganhava mais algumas de Cassy ou de Scott em cada visita aos dois.

— Nunca é demais.

Sorri ao perceber em como éramos parecidos. Eu costumava pensar isso sobre as mulheres caindo na minha cama.

— Falo sobre eu me casar — senti como se uma úlcera se formasse na boca do estômago — Acho que posso começar a pensar em considerar a ideia.

— Jura?

— É, mas eu prometo apenas pensar, tudo bem?

Ele pulou na cama ficando de joelhos e de frente para mim e, logo em seguida, me presenteou com um abraço apertado no pescoço. Era por

PERIGOSAS ACHERON

momentos assim que fazíamos as mais impressionantes loucuras pelos nossos filhos.

— Você pode pedir ajuda à tia Cassy e Scott — disse ele animado — Ou ligar para o número daquela mulher que te deu o cartão dela no casamento deles.

Cartão? Mulher?

Levei alguns segundos para entender do que Billy estava falando. A mulher que tinha sugerido que eu procurasse a mesma agência onde Scott e Cassy tinham se conhecido e desenvolvido o relacionamento amoroso.

Eu simplesmente tinha jogado o cartão fora. Se iria me aventurar em direção ao casamento, escolheria sozinho a minha futura esposa. — Eu só disse que iria pensar, ok?

— Está bem, papai — Billy assentiu com a cabeça ao soltar meu pescoço — Desculpe eu ter brigado com você. Sei que irá fazer o seu melhor.

O melhor a fazer era refrear a empolgação de Billy para que ele não saísse machucado e frustrado caso algo saia contrário ao que ele desejava. Mas ao olhar o brilho em seus olhos e o enorme sorriso sapeca direcionado a mim, percebi que tinha dado vida a um pequeno monstrinho e que seria muito difícil contê-lo de agora em diante.

Deixei Billy com os Kings e antes de seguir para Alluria, enviei uma mensagem a Jordan para que ela me encontrasse no Café Universe. A ideia me surgiu assim que Billy entrou no carro ao sairmos de casa e ligou seu *iPad*.

De todas as garotas que já me relacionei, posso contar nos dedos as que carregavam dentro de si um instinto maternal. Isso porque sempre procurei as que se interessavam por apenas algumas

PERIGOSAS ACHERON

horas de diversão.

O que não era o caso de Jordan. Por pressão de Cassy e incentivo de Scott, que eram o típico casal apaixonado tentando fazer os amigos solteiros a formarem novos casais, chegamos a sair algumas vezes. Não rolou sexo porque logo no primeiro encontro percebemos que apesar de Jordan me achar um cara bonito e interessante e eu considerá-la uma garota linda e especial, nós enxergávamos um ao com olhos mais fraternais. Ela era a melhor amiga de Cassandra, como uma irmã para ela e Scott era o mesmo para mim.

No fim da noite e após algumas taças de vinho, rimos muito da tentativa de nossos amigos em nos aproximar de forma mais afetiva. Só que agora eu me perguntava se não deveria ter dado uma chance real à Jordan. Ela possuía os requisitos que procurava em uma esposa. Era bonita, tinha uma conversa agradável, era muito ligada à família

PERIGOSAS ACHERON

e já conhecia e gostava do Billy.

Eu só precisava convencê-la de que formarmos um casal não era uma ideia tão absurda como pensamos na época. Só que eu não contei que Jordan tivesse outros planos que não envolvessem um pai solteiro e seu filho pequeno.

— E eu estou tão empolgada com isso — disse ela, praticamente quicando na cadeira — Sério! É a Itália. Não acredito que passarei seis meses lá.

Meus planos foram por água a baixo quando Jordan disse viagem e meses em uma mesma frase.

— Mas me desculpe — disse ela após bebericar rapidamente o seu café — Não parei de falar desde que me sentei. Você queria me dizer algo?

— Ah, eu... hum... estou vendendo aquele *Mustang* 82 que reformei e queria saber se tem algum problema deixar alguns panfletos na escola.

Eu gostava de comprar, reformar e estilizar carros antigos e vinha pegando uma grana legal fazendo isso. Existiam pessoas malucas por carros antigos e de colecionador.

— Claro que pode — disse ela sorrindo — Poderia ter me ligado para pedir isso. Mas foi bom a gente ter saído para esse café, assim pude compartilhar as novidades.

Estava feliz pela Jordan, de verdade. Uma das coisas que mais a aproximou de Cassandra era que ela era italiana, assim como os pais dela. Conhecer a Itália era um sonho antigo, poder unir isso ao trabalho na Escola de Arte a deixava mais do que animada.

— E você? O que tem a dizer de novo? — Ela se inclinou, batendo a colher em meu peito — Alguma garota esperta já roubou esse coração?

— Todas elas — sorri.

Ela soprou para cima, afastando a franja dos

PERIGOSAS ACHERON

olhos.

— Andrew!

Remexi na cadeira um pouco desconfortável. A única mulher que permitia me pressionar sucessivamente sobre isso era Cassy, mas Jordan não tinha problema algum em ignorar todas as minhas tentativas de fugir do assunto.

— Nunca estive atrás disso, sabe, de um relacionamento sério.

Pelo menos, até agora. E, bom, quando parei realmente para pensar sobre isso, tinha chegado tarde demais.

— Vai acontecer — ela pousou a mão sobre a minha na mesa, afagando-a — O Billy ainda o perturba com relação a você se casar?

— Eu acho que meu filho perturba todas as pessoas com relação a me casar.

Inicialmente, eu via a insistência de Billy com humor, as coisas mudaram de foco agora. Meu
PERIGOSAS ACHERON

objetivo era não decepçioná-lo mais.

— E está considerando a hipótese?

— Estive até agora.

Eu me arrependi do que disse, assim que vi seus olhos se arregalarem.

— Oh, meu Deus! — Jordan se atrapalhou com as próprias mãos, fazendo a xícara se chocar contra o pires e a colher — Pensei que nós... Você e eu... Bom, que a gente tinha...

— Deixado tudo no campo da amizade — completei por ela — Só achei que, você gosta do Billy e somos bons amigos, então, não pareceu uma má ideia até hoje.

— Ah, Andrew, eu fico muito honrada que tenha pensado em mim para algo tão importante — disse ela em um tom gentil — Eu te acho incrível e muito *sexy*, mas nós nem conseguimos chegar à segunda base. E você sabe que casamento é muito mais do que eu gostar do Billy e sermos bons

PERIGOSAS ACHERON

amigos.

— Scott e Cassy tinham muito menos que isso quando se conheceram.

— Mas eles queriam se apaixonar — rebateu ela — Diferente de mim e você. Claro que quero me apaixonar, mas tem que ser algo arrebatador, sabe. Você olhar para aquela pessoa e ter a certeza que é ela. Você realmente quer isso?

— Estou aqui, não estou? — indaguei, amuado.

Ela me olhou por um longo tempo como se me analisasse, e eu senti como um ratinho em seu laboratório.

— Por que não tenta a Bem-Casados? — Sugeriu ela com empolgação. Já era a segunda pessoa em menos de 24h que me sugeria isso — Deu certo com Scott e Cassy. Talvez encontre lá o seu grande amor, mesmo que não esteja procurando por ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

A Bem-Casados seria o último lugar no mundo que eu iria. Diferente do meu amigo que sempre viveu para os estudos e trabalho, eu tinha uma vida social e sexual bem ativa. Eu podia muito bem me virar sozinho.

— Pensarei no assunto — menti.

Eu ainda tinha mais três pessoas em mente. Uma advogada com quem saí algumas vezes; uma veterinária com quem tinha parado de sair há pouco tempo e a professora do Billy que nunca escondeu o interesse em mim, e por causa dele, não levei as insinuações adiante.

Três candidatas.

Como era possível que na imensa lista de mulheres que tinha levado para a cama só sobrassem apenas três?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Summer

Algumas pessoas consideram a tatuagem como um símbolo de profanação do mal; outras as usam como um ato de independência e rebeldia; e algumas pessoas, como eu, veem como nada menos que uma manifestação de arte. Eu vivo em meio às tatuagens desde os meus sete anos, que foi quando conheci Don, o quarto marido de minha mãe (mas não o último) com quem ela ficou casada, entre idas e vindas, por três anos.

A primeira vez que vi Don, eu fiquei entre um pouco assustada e bastante fascinada pela criatura gigante, grande o suficiente para uma garotinha de sete anos que mal chegava à sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cintura. Com sua barba comprida, bandanas de caveira na cabeça para domar os cabelos loiros e longos, estranhas e fascinantes tatuagens no corpo, ele parecia uma versão mais jovem e moderna do Papai Noel. Apesar da aparência de metaleiro, os olhos eram doces o suficiente para fazer a comparação.

Em High Mountain e ao lado de Don, aprendi o verdadeiro sentido de lar. Eu ia todos os dias à escola e ele sempre verificava se minha lancheira tinha comida; eu consegui conquistar e manter amigos; tive festas de aniversários em que as crianças realmente compareciam, com bolo de verdade e não apenas fingindo com um cupcake enfeitado com uma pequena vela, em uma lanchonete esquisita em alguma parte do país. A gente viajava nas férias acampando ou cruzando o estado em cima de uma moto com sua turma de

PERIGOSAS ACHERON

motoqueiros do clube que ele frequentava, onde eu também era paparicada e querida. Muitos ursões para chamar de tio. Eu também passava, enquanto crescia, fins de tardes inteiros ocupando a mesa de Don fazendo tarefas escolares, ou apenas vendo-o atender os clientes. Sendo tatuador, foi com ele que aprendi a amar e tudo sobre o mundo da tatuagem. Ele era o meu grande “*Ursão Tatuado*”.

Eu não conheci o meu pai biológico e nem fazia ideia de quem ele era. Acho que nem minha mãe sabia. Mas mesmo que um dia viesse a conhecê-lo, meu pai de verdade, a figura paterna que eu tinha dentro do coração, sempre foi e sempre será Don Dalton — ou D.D. — que era como os seus amigos no clube prefeririam chamá-lo. O cara que me erguia no ombro e sempre fazia aviãozinho quando fechamos seu estúdio para irmos para casa. E ele se tornou meu pai legalmente

PERIGOSAS NACIONAIS

quando, ao completar meus dez anos, minha mãe decidiu separar-se dele porque ficar indo e voltando de High Mountain (uma cidade pequena e simplória demais para uma mulher como ela) não era algo mais divertido.

E foi meu primeiro grito de rebeldia contra minha mãe ao confessar histericamente que fugiria de qualquer lugar que ela me arrastasse para voltar para Don e High Mountain. Mesmo contrariada, ela foi convencida a me deixar ficar definitivamente com ele, em vez de sair sem rumo pelo mundo em busca de aventuras ao lado dela. Acho que foi a primeira e única vez que Ida agiu de forma madura e como uma mãe, admitindo que Don Dalton era melhor para mim do que ela.

Foi Don que, com seu amor e carinho, preencheu todo o vazio que minha mãe deixou em meu coração, ao partir em uma manhã de domingo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem olhar para trás, buscando festas e diversão que pareciam bem mais importantes que nós. Ele amou muito a mamãe, talvez ainda sentisse carinho por ela, acho que mais por minha causa do que por quem mamãe era mesmo. Nós fomos um para o outro a cura necessária. A cura contra a doença chamada Ida.

— Belo trabalho, Summer — disse Don se aproximando quando abaixei minha máscara e comecei a cobrir a tatuagem nas costas do homem que esteve por quase sete horas comigo — Seus traços sempre foram delicados, mas a cada dia ficam melhores.

Eu sentia o orgulho em seus olhos e sua voz enquanto admirava meu trabalho final. Um guerreiro em um campo de batalha sangrento, em seu cavalo negro de cristas vermelhas, envoltos por centenas de ossos. A beleza estava na combinação

PERIGOSAS ACHERON

dos tons frios com os quentes e na suavidade de cada pequeno detalhe nas dezenas de esqueletos. Era como se eu tivesse produzido um quadro em suas costas.

Clic! Don tirou a foto para nossa galeria na internet, enquanto eu posicionava o espelho atrás das costas do cara.

— Seu trabalho superou ao meu em um nível impressionante — disse esfregando meus cabelos coloridos, quase desmanchando o coque que tinha feito para conseguir executar meu trabalho — Não é a toa que tem vindo pessoas de outros estados atrás de você.

Desde que Don foi diagnosticado oito anos atrás com Tremor Fisiológico Exacerbado, doença que fazia suas mãos tremerem, assumi o trabalho total no estúdio. Primeiro, sendo guiada pelos toques e orientações dele, depois, navegando

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha. E eu realmente, sem soberba alguma, tinha ficado muito boa. Isso porque eu amava o que fazia e me dedicava muito mais tempo em aprender e aprimorar técnicas novas do que Don tinha feito em seu passado.

Mas tenho que admitir que grande parte do sucesso com as minhas tatuagens na D&D foi graças ao site criado por Hollie, minha melhor amiga e secretária.

— É verdade, Summeerrrr... — balbuciou Bob Joy, com uma voz bastante grogue, depois de ter ingerido vodca o suficiente para conseguir suportar horas de picadas de agulhas — Voche. É. A. Melorrr.

Eu não tirei onda com Bob Joy porque existiam pessoas que desistiam da tatuagem à primeira picada de agulha, algumas nunca retornavam para terminar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você o coloca em um taxi, pai?

— A Wanda está lá na recepção — disse Don, referindo-se à esposa de Bob Joy.

Enquanto os dois saíam, Bob Joy cambaleando e Don o guiando de forma engraçada, eu comecei a arrumar minha bagunça. Essa era a parte do meu trabalho que não gostava muito, mas precisava ser feita. Arrumar, descartar e esterilizar os materiais que tinha utilizado.

— Você tem uma visita — Hollie cantarolou, colocou a cabeça na porta, assim que joguei os descartáveis no local apropriado.

— Hollie, você sabe que não aceito clientes de última hora — disse revirando meus olhos.

Ela era muito eficiente no que fazia e mantinha a parte gerencial muito bem organizada, mas Hollie tinha o coração mais mole e fácil de manipular que já conheci na vida. Bastava um olhar

PERIGOSAS ACHERON

doce e uma história fofa e romântica para que considerasse encaixar um ou dois clientes de última hora. Tinha que ser eu a bancar a vilã e remarcar os clientes para outros horários, caso contrário, eu jamais teria uma vida. Algumas tatuagens eram simples, apenas escrever nome do casal em alguma parte do corpo, mas outras eram tão difíceis e elaboradas que levariam horas.

— Ah, não é um cliente — ela sussurrou e continuou a sussurrar quando entrou e fechou a porta — É da agência.

— Agência? — Indaguei, incentivando que ela continuasse.

— A Bem-Casados. Lembra? A mesma que te rejeitou, mesmo você jurando de pé junto que não tinha feito nada de errado.

E realmente eu não tinha. Falei tudo o que achava que eles esperavam ouvir durante a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrevista e mostrei bastante empolgação com a possibilidade de, através deles, encontrar o meu grande amor e acabar com uma linda aliança de casamento no dedo.

O problema era que de alguma forma, a mulher que fez a entrevista comigo percebeu que eu mentia. Eu não queria encontrar o meu grande amor. Tive um bom exemplo com minha mãe para saber que sentimentos como esse só eram verdadeiros mesmo em livros e filmes. A verdadeira interessada nos serviços deles era Hollie.

Há quase seis meses, a maluca tinha caído num golpe de um charlatão metido a conquistador e gastado quase todas suas economias de sete anos em um casamento falso, e pretendia gastar o que sobrara aderindo aos serviços da Bem-Casados. Eu não podia admitir que minha ingênua e romântica

PERIGOSAS ACHERON

amiga caísse em mais um golpe em um curto espaço de tempo. Então, tive a ideia de me candidatar e provar a Hollie que a tal agência não passava de mais um meio de pessoas inescrupulosas brincarem com os sentimentos de jovens românticas como ela.

Infelizmente, eu não tinha passado da segunda fase. Acho que não era tão boa em esconder meus sentimentos como acreditava. E eu treinei muito com a minha mãe.

— Mas o que será que ela quer?

— Disse que gostaria de ter um momento com você. Eu a levei para o escritório.

— Informe que irei dentro de alguns minutos, vou só terminar...

— Ah, deixa que eu finalizo isso — disse ela após me ver tirar as luvas, me arrastando para a porta — Vá logo, Summy!

Summy? Enruguei minha testa. Eu tinha voltado a ser sua grande amiga Summy?

Eu ter sido recusada da Bem-Casados, meio que frustrou os planos de Hollie, pois, ela acreditava que não seria aceita também. Levou alguns dias para voltar a falar comigo e me perdoar.

— Certo. Eu já estou indo... — murmurei para a porta que se fechava atrás de mim.

Antes de seguir para o escritório, parei em frente a um espelho que havia no corredor, deixado ali estrategicamente para que os clientes pudessem admirar suas tatuagens. Refiz o coque que Don havia bagunçado e tentei me ajeitar da melhor forma possível.

Após ser dispensada pela agência, fiquei muitas horas meditando o que tinha dado de errado na tal entrevista. Olhando para a minha imagem no espelho conseguia ver uma resposta. Talvez não

PERIGOSAS NACIONAIS

tenha sido nada do que eu disse ou deixei de dizer. Acho que minha aparência de garota rebelde tenha os assustado um pouco. Isso se a agência fosse realmente tudo aquilo que eles diziam ser. Que homem convencional em busca de casamento perfeito veria em mim a parceira perfeita?

Não que isso realmente me chateasse. Não me importava em como os homens “certinhos” olhavam para mim desde a minha primeira tatuagem quando completei maioridade, porque apesar de Don ser tatuador, ele só permitiu que eu fizesse quando tive idade e certeza do que queria. Além disso, cresci em meio a motoqueiros fodões e caras mais descolados. Todos os relacionamentos que tive, ou os caras curtiam tatuagens também, ou achavam as minhas *sexies*. Papai dizia que eu era o tipo de garota que preferia os *bad boys*.

Bom, não podia me prolongar fazendo

PERIGOSAS ACHERON

autoanálise. Era descortês fazer a mulher continuar esperando. Então, respirei fundo e segui para o escritório.

A mulher sentada em frente à minha mesa (mesa de Hollie, na verdade) não era a mesma que me entrevistou. Aquela, tinha olhos negros, cabelos escuros e ar de professora enérgica do primeiro ano. Essa, era loira e tinha um ar mais plácido e acolhedor.

— Olá. Eu sou Regan Sharp — disse ao se levantar, estendendo a pequena mão em minha direção — Da Bem-Casados.

— Eu sou Summer — disse retribuindo o cumprimento — Mas você já deve saber isso. — Dei a volta à mesa, ocupando a cadeira em frente a dela.

— O que a traz aqui... — olhei para as mãos sem aliança dela, embora isso não quisesse dizer

nada — Srt^a Sharp? Ah, por favor, volte a se sentar.

— Você tem um lugar muito agradável aqui.

Bajulando para tentar me conquistar? Eu sou bastante cética em relação a pessoas que eu não tinha qualquer intimidade.

— A D&D é como minha segunda casa — respondi, sendo impossível reprimir o sorriso ganhando força em meu rosto — Então?

Ela girou o corpo tirando uma pasta da bolsa enorme que carregava com ela e que só agora notei estar pendendo no braço da cadeira. Como conseguia andar com um troço daquele? Bolsas e saltos altos eram coisas que realmente não me atraíam em nada. Com relação à primeira, eu só precisava que minhas calças jeans ou saias tivessem ao menos dois bolsos, um, para celular e molhos com chaves de casa e carro, e outro, para dinheiro e cartão de crédito. E as únicas vezes que usei salto

foram, aos 16 anos, quando fiquei ridiculamente encantada com um motoqueiro forasteiro bonitão, que passou aquele verão no clube e acreditei que usar saltos e maquiagem pesada ajudariam a conquistá-lo. Na outra vez, foi no casamento da filha de uma prima de Don, e foi o suficiente para mim.

Estava muito bem com os meus *jeans* e *Converse*.

— Você se inscreveu na Bem-Casados há algum tempo — disse ela.

— Sim. E eu fui rejeitada.

— Você não foi rejeitada — contestou remexendo na cadeira, acho que sentindo-se desconfortável com meu olhar ácido sobre ela — A Fern acreditou que não tinha sido exatamente sincera com ela. Você foi?

Não!

— E vocês são? Sobre tudo o que prometem?

Regan me olhou analiticamente e, no instante seguinte, foi como se jogasse o desconforto dela sobre mim.

— Aqui tem algumas informações que achei que talvez você gostasse de ver — ela empurrou a pasta com emblema da Bem-Casados em minha direção — Acho que se não sanar totalmente as suas dúvidas, pelo menos, a fará ter mais confiança na agência.

Eu duvidava, mas peguei a pasta sem abri-la. Ainda estava tentando entender o que Regan Sharp fazia no estúdio e o que queria comigo.

— Sobre a questão do porquê estou aqui — disse ela —, nós gostaríamos de tê-la de volta e, dessa vez, totalmente sem custos.

Abri a minha boca surpresa. Eu esperava que ela jogasse todo um discurso de como o programa PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da agência era maravilhoso; que eu estava recebendo a segunda chance que muitas garotas gostariam de ter e, até mesmo, algum desconto significativo no valor final, considerando que cobravam um valor relativamente alto por seus serviços.

— Você disse sem custos?

— Para uma nova experiência e...

— Ela aceita! Aceita, sim.

A porta abriu com um estrondo e uma Hollie eufórica, como se tivesse corrido uma maratona, surgiu na sala. Notei Don logo atrás dela, tentando escapar sorrateiramente.

Bandidos. Removeria todas as tatuagens em meu corpo a *laser* se os dois trapaceiros não tivessem ficado o tempo todo atrás da porta ouvindo minha conversa com a Srta. Sharp.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hollie? — Uni minhas sobrancelhas na tentativa de dar a ela um olhar mortal.

— Promete ao menos pensar... — ela juntou as mãos e o rosto transbordando em súplica — por mim, Summy.

Ok. Depois de ter entrado na Bem-Casados e ter estragado (segundo acusações dela, quase que diárias) a última oportunidade de encontrar o homem de sua vida, acho que deveria ao menos tentar analisar a oferta e estudar o material que Regan teve a delicadeza de me trazer. Embora meu lado cético achasse tudo muito suspeito.

Por que eles haviam mudado de ideia sobre mim?

— Certo, Srt^a Sharp...

— Pode me chamar de Regan.

— Regan, eu prometo pensar e estudar sua

PERIGOSAS ACHERON

proposta.

— Leve o tempo que achar que precisa — disse Regan ao se levantar —, mas acho que nos veremos outra vez em breve.

Hum! Não conte tanto com isso.

Apesar de tudo indicar que a Bem-Casados era uma empresa idônea, alguma coisa nessa história não me caía bem, não se encaixava. Se não confiavam em minhas motivações iniciais, por que me queriam de volta?

— Isso é maravilhoso! — Hollie pulou sobre mim, assim que Regan deixou o escritório — Estamos de volta no jogo.

Eu esperei que ela me largasse para respirar e organizar minha cabeça que ainda estava dando voltas.

— Você não acha estranho, Hollie?

— Ah, Summy — seus olhos sonhadores encontraram os meus — Isso se chama destino. Você tentou entrar pelos motivos errados e, agora, pode entrar pelos motivos certos.

— Motivos certos?

— Sim. A oportunidade de conhecer o seu grande e único amor.

Ai, Hollie, sempre romântica.

Eu tentei, mas não consegui evitar o surto de risos que me abateu. Com a mesma medida que Hollie era sonhadora, eu me considerava descrente sobre o amor.

Claro que eu acreditava que o amor existia. Eu amava o Don, amava Hollie, e até amava a minha mãe. Os dois primeiros de um jeito genuinamente sincero. Já o que existia entre homem e mulher, como casal, era atração sexual, seguida de conveniência em estarem juntos. Minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe casou nove vezes e nenhum deles (oito homens e uma mulher) tinha sido o grande amor de sua vida.

Viu? Como você se casa nove vezes e nenhuma dessas pessoas é o grande amor de sua vida?

— Não ria, Summer!

— É que é muito absurdo. Você sabe que me candidatei porque achei que estava prestes a cair em um novo golpe.

— Mas você estava errada sobre isso e pode estar errada sobre o amor também.

Vindo de alguém que vivia constantemente apaixonada, eu acreditava que estava certa em tudo.

— Sabe o que eu acho? Você tem medo de se apaixonar. Todos esses relacionamentos da Ida e casamentos desfeitos marcaram você de alguma

PERIGOSAS ACHERON

forma. É isso. Você desdenha, pois morre de medo de entregar o coração a alguém.

Ouvia o mesmo discurso de Hollie desde que recusei o convite para o baile, feito pelo incrivelmente gato e capitão do time de futebol, no último ano do Ensino Médio.

— Acho que Hollie pode estar certa, querida — disse Don — Você deveria, pelo menos, tentar.

— Papai? — lancei um olhar completamente atônito para ele — Além de ouvir a conversa atrás da porta... Não negue... — ergui a mão quando notei que ele iria protestar — Virou casamenteiro agora?

— Bom — ele coçou a barba —, eu quero netos. Acho que sem um empurrãozinho, isso nunca irá acontecer, não é mesmo?

Olhava de um para o outro e não sabia se rolava de rir ou iniciava o monólogo já conhecido

PERIGOSAS ACHERON

por eles, sobre as razões de não acreditar no amor. Os pais de Hollie se separaram quando ela tinha seis anos e Don nunca mais teve um relacionamento sério (sério o suficiente para se casar novamente) depois de minha mãe. Como eles podiam acreditar em algo tão fantasioso como... sei lá, unicórnios?

— Proponho um acordo — o olhar que Hollie trocou com Don era significativo demais para que eu pudesse ignorar — Você aceita entrar na Bem-Casados, de coração aberto e disposta a se apaixonar...

Eu não estava gostando nada de como a mente de Hollie estava trabalhando e, muito menos, que ela pudesse contar com o apoio de Don.

— Se isso acontecer, você terá que admitir que sempre tive razão em relação ao amor e irá pagar todos os custos para que eu também me

candidate à agência — disse ela abrindo um enorme e irritante sorriso — Será como meu presente de casamento antecipado.

— E se eu não me apaixonar?

— Então, desisto da ideia da agência para sempre. Nunca mais irei culpá-la por ter fracassado sobre isso.

Não é que eu fosse contra a ideia de Hollie se apaixonar e seguisse rumo a uma igreja enfeitada. O que eu não queria era vê-la machucada mais uma vez, porque sua conta bancária poderia ser refeita, mas o coração e a fé que sempre tinha nas pessoas, não. E eu sabia muito bem como era ser decepcionada por quem se ama muitas e muitas vezes. Então, talvez eu não precisasse mais provar que a Bem-Casados era uma fraude querendo tragar o que sobrara de suas economias. Mas podia provar que o “*felizes para sempre*” que ela acreditava, não

existia. Não havia alguém totalmente perfeito para você esperando a ajudinha do destino ou, no caso, a “*agência de casamento*” te esperando lá fora.

— Eu aceito — estiquei a mão para ela, selando o acordo.

— Sem trapaças, Summer? Vai deixar o coração livre para se apaixonar?

Levantei a mão como os escoteiros faziam. Afinal, eu não tinha por que querer boicotar algo que nunca iria acontecer, não é mesmo?

— Sem trapaças.

Sorrindo, apertei a mão dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

-
- [1] Mat': Mãe.
 - [2] Obshchak: Grupo de segurança.
 - [3] Daragáya: querida.
 - [4] Suka: cadela
 - [5] Ye-bat: Porra!
 - [6] Pizdets: Droga!
 - [7] Região entre a atual fronteira da Grécia com a Turquia.
 - [8] Smert': Morte!
 - [9] Ya skuchal po tebe: Senti sua falta.
 - [10] Milêy: Querido.
 - [11] Ya lyublyu tebia: eu te amo.
 - [12] Zólattse mayó: meu ouro.

PERIGOSAS ACHERON